

A Franco-Maçonaria Tornada Inteligível aos seus Adeptos

Oswald Wirth

**A Franco-Maçonaria
Tornada Inteligível aos seus
Adeptos**

Sua Filosofia, seu Objetivo, seus Métodos, seus Meios



|

“O Aprendiz”

Oswald Wirth

A Franco-Maçonaria Tornada Inteligível aos seus Adeptos

*“...A Franco-Maçonaria é
chamada a refazer o mundo.
A tarefa não está acima de suas
forças, desde que ela se torne
aquilo que deve ser.”*

O. W.

A Franco-Maçonaria Tornada Inteligível aos seus Adepts

“... A Franco-Maçonaria visa a formar Iniciados, ou seja, homens na mais alta concepção da palavra. O Maçom deve, pois, operar sobre si mesmo uma transmutação semelhante àquela dos alquimistas...”

O. W.

A Franco-Maçonaria Tornada Inteligível aos seus Adeptos

O Livro do Aprendiz

Oswald Wirth

Índice da Matéria

Prefácio

Aos Novos Iniciados

Questões Ritualísticas a Propor aos Irmãos
Visitantes

Resumo Filosófico sobre a História Geral da
Franco-Maçonaria

Considerações Preliminares

As Origens Maçônicas

A Arte Sagrada

Primeiros Dados Históricos

O Cristianismo

As Ordens Monásticas

A Maçonaria Franca

A Franco-Maçonaria Tornada Inteligível aos seus Adeptos

- As Confraternidades de São João
- Canonizações Equívocas
- Os Sátiros contra a Igreja
- A Alquimia
- A Decadência das Corporações
- A Cabala
- Os Rosa-Cruzes
- A Franco-Maçonaria Moderna
- Elias Ashmole
- A Primeira Grande Loja
- O Livro das Constituições
- Os Princípios Fundamentais da Franco-Maçonaria
- Extensão Rápida da Franco-Maçonaria
- A Maçonaria Anglo-Saxônica
- O Início da Maçonaria na França
- O Trabalho Maçônico segundo a Concepção Inglesa
- A Igualdade
- Os Primeiros Grãos-Mestres
- Constituição de uma Autoridade Central
- Os Mestres Escoceses
- O Período Crítico
- A Maçonaria Iniciática
- Os Substitutos do Grão-Mestre
- A Autonomia Ilimitada das Lojas

- O Grande Oriente da França
- A Grande Loja de Clermont
- A Franco-Maçonaria antes da Revolução
- Claude de Saint-Martin
- Mesmer
- Cagliostro
- A Maçonaria de Adoção
- A Iniciação de Voltaire
- A Igreja e a Franco-Maçonaria
- Suspensão dos Trabalhos Maçônicos
- O Rito Escocês
- A Maçonaria Imperial
- A Restauração
- O Reino de Luís Filipe
- A Grande Loja Nacional de França
- Revisão Constitucional
- Deus e a Imortalidade da Alma
- O Príncipe Lucien Murat
- A Marechal Magnan
- O General Mellinet
- A Terceira República
- O Convento de Lausanne
- O Grande Arquiteto do Universo
- A Grande Loja Simbólica Escocesa

A Encíclica “Humanum Genus”
Revisão dos Rituais
Congressos Maçônicos Internacionais
A Grande Loja de França

O Amanhã da Franco-Maçonaria

A Iniciação Maçônica

Os Três Graus
Os Metais
A Câmara de Reflexões
O Sal e o Enxofre
O Testamento
Preparação do Recipiente
A Porta do Templo
Primeira Viagem
Segunda Viagem
Terceira Viagem
O Cálice da Amargura
A Beneficência
A Luz
O Avental

As Luvas
Restituição dos Metais

Concepções Filosóficas Relacionadas à Ritualística do Grau de Aprendiz

As Tradições
A Regeneração
A Gênese Individual
As Provas

Deveres do Aprendiz Maçom

Deveres Gerais do Iniciado
Discrição Maçônica
Segredo
Tolerância
Procura da Verdade
Realização
Fraternidade Iniciática
Respeito à Lei

Catecismo Interpretativo do Grau de Aprendiz

Primeiros Elementos de Filosofia Iniciática

Os Mistérios

O Esoterismo

Os Números

A Unidade

O Binário

O Ternário

O Quaternário

O Templo

Prefácio

“Far-me-ão justiça cinqüenta anos depois de minha morte”.

Freqüentemente, em seus momentos de afetuoso abandono, Oswald Wirth repetia-me esta frase. Ele morreu a 9 de março de 1943, há menos de vinte anos, e a justiça já lhe foi feita. Havia ela, aliás, cessado de ser-lhe rendida? Seguramente, os jovens Franco-Maçons não o haviam conhecido, e seu nome era aureolado como uma espécie de lenda. A maior parte de suas obras estavam fora do comércio e eram vendidas a preços muito elevados aos raros adquirentes que a Fortuna havia favorecido com seus dons. Falava-se dele de como uma sorte de santo da Franco-Maçonaria e, assim como acontece com os santos, a hagiografia esmorecia seus traços e seu pensamento sob o véu piedoso da fábula que ele não admitiu durante a vida, ele, que era a própria simplicidade.

Destruindo-se as lendas, o homem não será menor, ao mesmo tempo em que mais próximo de nós. Este ano de 1962 — que vai ver a reedição de todos os seus livros inencontráveis — pode marcar uma espécie de renovação da Franco-Maçonaria autêntica. Não foram precisos, pois, senão vinte anos — e não cinqüenta — para que o nome e a obra de Oswald Wirth voltasse a ser familiar aos jovens que obedecem ao apelo da vocação iniciática. Esta, da qual ele dizia em um de seus mais belos pensamentos e dos melhores expressos:

“A vocação iniciática encontra-se entre esses vagabundos espirituais que erram na noite, depois de haverem desertado de sua

A Franco-Maçonaria Tornada Inteligível aos seus Adepts

escola ou de sua igreja, na falta de aí encontrarem sua Verdadeira Luz¹.

*

* * *

Sob um invólucro carnal único, existiram muitas expressões do espírito de Oswald Wirth: Wirth ocultista, Wirth magnetizador, Wirth astrólogo, Wirth hermetista, Wirth tarólogo.

Por ocasião da reedição de livros tratando dessas diversas expressões, quis o destino que eu fosse chamado a reconstituir meu velho Mestre em suas forma e espírito exatos. Sem a menor fabulação, muito simplesmente, apoiando meus escritos sobre documentos que ele me legou².

É, pois, normal que, hoje, eu não vos fale exclusivamente senão que do Oswald Wirth Franco-Maçom. Do Franco-Maçom que ele foi — e com que fé — durante quase sessenta anos inteiramente consagrados à Ordem.

Sob meus dedos, comprimem-se velhas cartas, velhas pranchas de convocação, velhos diplomas, velhas condecorações. Sobretudo, releio as linhas que ele me ditava, quando, a cada ano, nós nos encontrávamos durante muitos meses de verão, quando a noite caia sobre a paisagem, cuja calma e o silêncio eram propícios às confissões e às evocações.

¹ Oswald Wirth, *Lês Mystères de l'Art Royal*, Ed. Dervy.

² *Le Tarot des Imagiers du Moyen Age*, Tchou. — *La Franc-Maçonnerie rendue intelligible à sés adeptes* (três volumes: *Apprenti*, *Compagnon*, *Maître*), Ed. Dervy. Convém aí acrescentar a reedição dos *Essais de Sciences maudites*, de Stanislas de Guaita, Ed. Circle du Livre Precieux, do qual uma longa introdução estuda a vida de Oswald Wirth, quando secretário e amigo de Stanislas de Guaita.

A Franco-Maçonaria Tornada Inteligível aos seus Adepts

Tanto quanto possível, nesta primeira parte, não quero ser senão o eco de suas palavras. Escutemo-lo³...

*

* * *

... 1879! Alguns anos se passaram... Eu estava na Inglaterra, onde minhas distrações dominicais consistiam principalmente na atenta audição dos pregadores do exército da salvação. Mas esta ocupação, por edificante que ela seja, não tarda a se mostrar bastante monótona. Por isso, é com satisfação que descubro — como que por acaso — os livros de Mazaroz⁴. Este, de sua profissão de fabricante de móveis em Paris, era um escritor meridional, mas suas idéias bizarras não deixaram de me seduzir. Há, notadamente, um tratado de Franco-Maçonaria muito interessante. Para Mazaroz, a sociedade deve ser organizada à base de corporações, administrada por um governo corporativo. Em uma tal sociedade, a Franco-Maçonaria deve ser o elemento conciliador, aquele que estabelece e mantém a paz em virtude dos três pontos. Essas leituras

³ O leitor compreenderá que essas linhas não foram escritas por Oswald Wirth, mas provêm de notas que tomei sob seu ditado. Elas são o reflexo tão preciso quanto possível de seu pensamento, e mesmo de sua linguagem.

⁴ J.-P. Mazaroz. Mestre-marceneiro, foi um autor muito prolífico no gênero socialista-deísta — tal como se entendia a palavra “socialista” no fim do século XIX. — Todas as suas obras são escritas partindo de um maçonismo tal como Wirth deveria realçar e exprimir alguns anos mais tarde. Mas aqueles que tiveram maior influência sobre Wirth foram os seguintes, definitivamente caídos no esquecimento: *Franc-Maçonnerie, religion sociale, Le Socialisme Maçonnique, L'Etat social démocratique des paroles du Christ, La Franc-Maçonnerie, Le Socialisme Maçonnique, Lês Sept Lumières Maçonniques*. De notar também *La Science magnétique* que, talvez, haja influenciado a carreira de magnetizador de Wirth.

se acumularam no fundo de meu espírito, de onde ressurgiram um dia, muito vivas. É ainda em Londres que encontro Silbermann, preparador no Collège de France, mas cujas concepções, inteiramente especiais, são para mim o exemplo do pensamento independente, daquilo que eu chamaria mais tarde de “o despojamento dos metais”... Estamos então em 1879, e eu assisto aos começos da teosofia. Depois, volto à Paris, a fim de retomar o caminho da Suíça antes de meu serviço militar. Revejo Silbermann. Fico sabendo que ele é Maçom e, pela primeira vez, coloco-lhe uma dessas questões que, desde há muito tempo, — sem dúvida, inconscientemente, desde que ultrapassei a idade do pensamento independente, — comprimiam-se diante de meu espírito crítico: “A Franco-Maçonaria é política?” Jamais me esqueci da resposta que me deu Silbermann: “Não, a Franco-Maçonaria não é política. Mas, tente distinguir seus aspectos particulares, porque ela que ser adivinhada. Pode existir uma Franco-Maçonaria azul, vermelha, negra ou branca, isso não muda em nada o negócio, porque, mesmo os fitas brancas, se eles não viveram a Maçonaria, nada sabem de seus mistérios. Não existe para você, se está curioso de seus mistérios, senão uma única solução: peça sua admissão”.

Em 13 de novembro de 1882, em Châlons-sur-Marne, fiz minha entrada no 106º Regimento de Infantaria. Entediei-me. Entediei-me terrivelmente naquele meio de onde todo intelectualismo parecia banido. Penso em Silbermann. Para fugir ao tédio, não tenho senão uma solução: tornar-me Franco-Maçom.

A Loja situa-se na Rua Grande-Étape. Ela funciona — dizem-me — sob a direção de um Senhor Piet. Vou vê-lo, encho-o de perguntas... “Redija seu pedido, — responde-me ele, — eu o transmitirei. Mas, se você vem a nós por espírito de curiosidade ou de informação, ou de

alguma coisa que, de ordinário, varia, ficará decepcionado. Não existe lá nada de maldoso, e nós somos, essencialmente, uma associação filantrópica”.

Meu primeiro entrevistador é um honesto quitandeiro de Châlons-sur-Marne que me aconselha, primeiro, a ser paciente. O segundo, muito sério, é um oficial de meu regimento.

Sábado, 26 de janeiro de 1884, sou admitido no seio da fraternidade maçônica pela Loja “La Bienfaisance Châlonnaise”, devendo obediência ao Grande Oriente de França. Uma de minhas primeiras surpresas é a de ver nas Colunas meu próprio Capitão, do qual que eu ignorava esta qualidade, que deveria me torná-lo tão caro.

Por pobre que parecesse a Loja de Châlons, devo-lhe, todavia, grandes alegrias intelectuais. Como é freqüentemente o caso na província, os Irmãos, pouco numerosos, objetos de crítica, são quase constrangidos a se isolarem e encontrarem neles mesmos os princípios da verdadeira Maçonaria. Foi assim que pude instruir-me perto de um velho Maçom, antigo cozinheiro autodidata, em três quartos feiticeiro e enamorado do ocultismo, junto ao qual aprendi muitas coisas que jamais supusera até então.

Perto do final de 1884, a Loja dá-se um novo Venerável, Maurice Bloch, israelita comerciante de carvão, e que, por amor-próprio Maçônico, dedica-se a que sua Oficina retome um vigor que até então lhe faltara. Ele trunfa em todos os planos. Com ele, começo a visitar as Lojas da região, instruindo-me, assim, na diversidade de homens e de pensamentos no interior do meio Maçônico.

Em 1885, o Grande Oriente envia uma circular às Lojas, pedindo-lhes para estudar modificações que convinha aportar aos rituais, julgados muito antigos. Sou então Secretário da Loja e,

A Franco-Maçonaria Tornada Inteligível aos seus Adeptos

encarregado do relatório, concluo, para espanto quase geral, pela manutenção dos velhos rituais, com apenas algumas raras modificações de detalhe exigidas pela diferença das épocas.

Em 1886, meu serviço militar concluído, vou a Paris, onde sou afiliado à Loja “Les Amis Triunfants”. Continuo minha propaganda pela manutenção dos antigos rituais, o que provoca o descontentamento dos “pontífices” da época. Sou bem advertido: “Você perde seu tempo. Terá todo mundo contra si, os clericais e os Franco-Maçons”.

Deixo, pois, “Les Amis Triunfants” e dirijo-me, então, à “Grande Loja Simbólica Escocesa”, onde, após uma curta passagem pela Loja “Les Philanthropes Reunis”, inscrevo-me na Loja “Travail et vrais amis fidèles”, obediente, mais tarde, à Grande Loja de França, e que deveria permanecer minha Oficina de Eleição.

*

* * *

É nesta época que se produz o evento que vai, tão profundamente, influenciar a vida de Oswald Wirth, que com isso permanecerá marcada até o fim de seus dias. Ele encontra Stanislas de Guaita, o mestre incontestado da jovem escola ocultista do final do século XIX. Primeiramente, este manifesta prevenções quase inatas contra a Franco-Maçonaria. Prevenções, aliás, naturais, se considerarmos o meio social de onde saiu Stanislas de Guaita, assim como sua formação intelectual.

“...Eu lhe felicito muito amavelmente pelo sucesso que você obteve, especialmente como Mestre de uma Igreja que é tão inconsciente, neste momento, de seus símbolos, quanto o catolicismo é dos seus ritos. Quanto bem você poderá fazer, iniciado como é, na inteligência esotérica

Oswald Wirth

dos emblemas adoniramitas! É a vida retornando a um cadáver; não é preciso dissimulá-lo; é também a alma que é preciso devolver ao Bruto Positivismo; porque quem perdeu o sentido da moralidade verdadeira está condenado a perder o cetro da inteligência científica. O Espírito não faz aliança com o Corpo material senão que em favor da alma, que é um misto. Você é suficientemente cabalista para compreender-me⁵”...

Contudo, a inteligência de Guaita não pode recusar-se, com sua lealdade habitual, a explorar os domínios que Wirth acaba de lhe abrir...

“... Eu lhe emprestarei, se isso lhe agradar, obras decisivas da verdadeira e primitiva Maçonaria, aquele que quase se confunde, para o investigador contemporâneo, com as Sociedades R+C e de filósofos desconhecidos⁶”...

Pouco a pouco, Guaita abandona suas prevenções. Ele reconhece que a Maçonaria, tal como a concebe e apresenta Oswald Wirth, está longe de ser um instrumento desprezível no rude trabalho de formação real dos homens.

“...Defendendo o simbolismo, que é a base real da Maçonaria, você realiza uma obra tão louvável quanto corajosa, e duplamente digna de um discípulo de Hermes: primeiro, restituindo aos seus Irmãos o fio de Ariadne que eles haviam perdido, e graças ao qual os iniciáveis poderão entrar algum dia na santa luz do Escocismo integral; segundo, pouRANDO, ao menos, uma blasfêmia estúpida e ilógica àqueles que, não possuído o que é preciso para percorrer o caminho que você fornece, são, em todo caso, mantidos pelo simbolismo (que permanece, para eles, letra morta) na lógica e na afirmação verbal do espiritualismo

⁵ Carta de Guaita a Wirth (agosto de 1887).

⁶ Carta de Guaita a Wirth (1888).

A Franco-Maçonaria Tornada Inteligível aos seus Adepts

transcendente que é o Princípio e a razão de ser de toda associação maçônica⁷...

No mesmo momento, Oswald Wirth publica seu primeiro “Manual”, o que lhe vale a seguinte apreciação que prova a que ponto Stanislas de Guaita pôde discernir a verdadeira Maçonaria por trás das aparências muito humanas sob as quais ela está, tão freqüentemente, velada por todos aqueles que confundem o profano e o sagrado, ou mesmo, mais simplesmente, que ignoram o sagrado...

“Seu Manual, meu caro amigo, é ao mesmo tempo agradável de ler, muito instrutivo e bem pensado... Eis um dos muito raros livros maçônicos que li com justificado prazer, e que me deixaram alguma coisa no espírito⁸...”

*

* * *

Qual era, pois, a origem desse *Manual*, primeiro esboço da trilogia que deveria se tornar a obra mestra de Oswald Wirth no plano maçônico, sob o título geral de “*La Franc-Maçonnerie Rendue Intelligible à ses Adepts*”?

É-me fácil traçar-lhe brevemente o nascimento e a evolução, graças às numerosas notas, manuscritos e documentos diversos que me foram legados por Oswald Wirth.

Assim como eu disse mais acima, desde as semanas que se seguiram à sua iniciação, ele compreendeu que os rituais então em vigor não correspondiam mais a nada de autenticamente iniciático. Sob o pretexto de uma depuração de base científica, eles foram despojados

⁷ Carta de Guaita a Wirth (novembro de 1888).

⁸ Carta de Guaita a Wirth (dezembro de 1894).

daquilo que constituía sua própria essência e razão de ser. Em dezembro de 1885, o Grande Oriente de França enviou a todas a Lojas, — aí compreendida aquela de Châlons, — uma circular, convidando-as a apresentar suas sugestões para modificações a serem feitas nos rituais, julgados muito “antigos”. E Wirth, já secretário de sua Loja, redigiu um relatório em sentido exatamente inverso. Convinha que fossem mantidos os antigos rituais, bastando para aí se aportarem algumas simplificações, tendo por objetivo desembaraçá-los de toda verbosidade grandiloquente própria de quase todo século XIX. Não se tratava, de modo algum, de fazer novos, como pedia o Conselho da Ordem, mas de retornar às mais antigas tradições iniciáticas em sua totalidade e em sua integralidade.

Vou deixá-los pensar sobre o efeito produzido por um tal relatório, que a Loja de Wirth fez imprimir e, depois, difundiu abundantemente. Seguramente, a idéia foi lançada, mas ela ainda não adquirira o direito de citação no meio maçônico.

Chamado a Paris, Wirth prosseguiu seu trabalho no seio e graças ao apoio de sua nova Loja “*Travail et vrais amis fidèles*”. Ele prepara um ritual que, depois de usado, é adotado, impresso às custas da Oficina e colocado à venda, à disposição de todas as Lojas que o desejasse⁹. Acontecimento surpreendente, e que deu no que pensar, com a Loja suportando os custos! Existem, pois, Franco-Maçons que interessam à Franco-Maçonaria?

Forte nesta experiência, Wirth cria o grupo de estudos iniciáticos. Pela circular datada de 13 de fevereiro de 1893, a “Grande Loja Simbólica Escocesa” concede seu apoio moral ao “Ritual Interpretativo

⁹ *Ritual Interpretativo para o Grau de Aprendiz*, um livrinho 16x24. Redigido para uso das Lojas Simbólicas de todos os Ritos e de todas as Obediências pelo Grupo Maçônico de Estudos Iniciáticos.

do Grau de Aprendiz” e recomenda-lhe o estudo em todas as suas Oficinas¹⁰.

É deste esboço que sai, em 1894, a primeira edição do “*Livre de l’Apprenti*”. Uma segunda edição revista e aumentada foi publicada pela Loja “*Travail e Vrais Amis Fidèles*” em 1908. Depois as edições se sucederam, todas rapidamente esgotadas, até à oitava, em 1931.

*

* * *

Poucos jovens Maçons conhecem a obra de Oswald Wirth. Muitos, dentre os antigos que ainda vivem, tiveram suas bibliotecas pilhadas, saqueadas, durante os anos 1940/44. Quase todas as Lojas perderam seus arquivos. Mas a nostalgia do espírito *wirthiano* permanece.

Quais são, pois, as características deste espírito que, após tantos anos, impregna ainda a Maçonaria francesa, e torna-a tão diferente das Maçonarias estrangeiras?

Para Oswald Wirth, a Maçonaria é um organismo vivo. Assim concebida, ela tem um corpo e uma alma. Ninguém compreenderá Wirth, se não compreender a diferença que este faz sempre entre a Maçonaria e o Maçonismo. Em toda a primeira carta que ele me escreveu, ele começou por colocar-me, imediatamente, em face desse problema fundamental:

“...*Distingamos entre Maçonismo e Maçonaria. Esta é uma associação de homens que corporificam o Maçonismo. Este é uma concepção, uma espiritualidade que desafia toda crítica.*

¹⁰ Possuo os balaústres das reuniões do “*Grupo Maçônico de Estudos Iniciáticos*”. Eles poderiam ocasionar estudos muito curiosos, mas que não têm lugar naquilo que deve ser, simplesmente, uma “introdução”.

A Franco-Maçonaria Tornada Inteligível aos seus Adepts

O Maçonismo, ao qual os Maçons não-instruídos viram às vezes as costas, visa à felicidade do gênero humano, realizada pelo aperfeiçoamento dos indivíduos. (Talhe da Pedra Bruta, base da construção do Templo)...

Ocorreu a falência do regime das Grandes Lojas inaugurado em 1717, já que ele resultou na desinteligência e no desacordo entre Maçons de ritos opostos.

Mas o Maçonismo sairá de seu corpo atual, para tentar uma outra encarnação que não será a última, porque tudo se corrompe para dar nascimento ao Filho da Putrefação.

Há uma Maçonaria exterior, pela qual nós somos responsáveis e que devemos abandonar aos seus destinados; mas pertence-nos cultivar, no interior de nós mesmos, o Maçonismo puro. Quanto às butiques maçônicas rivais, elas causam piedade. É preciso nos elevar acima delas, para conceber o vasto plano do verdadeiro Templo. Espiritualizemo-nos, e tudo se esclarecerá¹¹”...

*

* * *

Trinta e três anos se passaram. Oswald Wirth está morto há quase vinte. Eu mesmo estou no umbral da velhice. Mas jamais a cadeia foi rompida. Crescem as gerações de jovens Franco-Maçons que, decepcionados como nós todos ficamos com a *aparência* da Franco-Maçonaria, reencontraram, graças a ele, o Maçonismo autêntico, espírito sempre vivo da Ordem eterna.

¹¹ Carta de Oswald Wirth a Marius Lepage (26 de fevereiro de 1926).

A Franco-Maçonaria Tornada Inteligível aos seus Adeptos

Laval, 13 de março de 1962.

Marius LEPAGE.

Da criação do homem por ele mesmo nasce o homem
aperfeiçoado, o *Filho do Homem.*

O. W.

Oswald Wirth



O Aprendiz Maçom

O Aprendiz diante da Pedra Bruta que ele deve desbastar com a
ajuda do malho e do cinzel.

O Livro do Aprendiz

Aos Novos Iniciados

(Prefácio à edição de 1931)

Queridos Irmãos,

Em vos iniciando em seus mistérios, a Franco-Maçonaria convida-vos a tornar-vos homens de elite, sábios ou pensadores elevados acima da massa dos seres que não pensam.

Não pensar é consentir em ser dominado, conduzido, dirigido e tratado, muitas vezes, como animal de carga.

É por suas faculdades intelectuais que o homem se distingue do bruto. — O pensamento torna-o livre: ele lhe dá o império do mundo. — Pensar é reinar.

Mas o pensador foi sempre uma exceção. outrora, o homem tinha a possibilidade de entregar-se ao recolhimento, perdendo-se no sonho; em nossos dias, ele cai no excesso contrário. A luta pela vida absorve-o, a ponto de não lhe restar tempo algum para meditar com calma e cultivar a Arte suprema do Pensamento.

Ora, esta Arte, — chamada a Grande Arte, a Arte Real ou a Arte por excelência, — pertence à Franco-Maçonaria fazê-la reviver entre nós.

A Franco-Maçonaria Tornada Inteligível aos seus Adepts

A intelectualidade moderna não pode continuar a se debater entre dois ensinamentos que excluem um e outro o pensamento: entre as igrejas baseadas na fé cega e as escolas que decretam os dogmas de nossas novas crenças científicas.

Quanto então tudo conspira para poupar aos nossos contemporâneos o trabalho de pensar, é indispensável que uma instituição poderosa reanime a tocha das tradições esquecidas. São-nos necessários pensadores, e não é nosso ensino universitário que os forma.

O pensador não é o homem que sabe muito. Ele não tem a memória sobre carregada de lembranças amontoadas. É um espírito livre que não tem necessidade de catequizar nem de doutrinar.

O pensador faz-se a si mesmo: ele é filho de suas obras. — A Franco-Maçonaria sabe-o, ela também evita inculcar dogmas. — Contrariamente a todas as igrejas, ela não se pretende na posse da Verdade. Em Maçonaria, limitamo-nos a estar em guarda contra o erro, a seguir, exorta-se cada um a procurar o Verdadeiro, o Justo e o Belo.

À Franco-Maçonaria repugnam as frases e as fórmulas das quais os espíritos vulgares se apoderam, para ataviarem-se de todos os ouropéis de um falso saber. Ela quer obrigar seus adeptos a pensar e não propõe, em consequência, seu ensinamento, senão velado sob alegorias e símbolos. Ela convida assim a refletir, a fim de que se nos apliquemos a compreender e adivinhar.

Esforçai-vos, pois, queridos Irmãos, por mostrar-vos adivinhos, no sentido mais elevado da palavra. Vós não conhecereis, em Maçonaria, senão aquilo que houverdes descoberto vós mesmos.

Rigorosamente, deveria ser supérfluo dizer-vos mais. Todavia, dadas as disposições tão pouco meditativas de nossos tempos, Maçons

A Franco-Maçonaria Tornada Inteligível aos seus Adepts

experientes acreditaram dever vir em auxílio do pensador comum do espírito atual.

Eles, então, empreenderam tornar A FRANCO-MAÇONARIA INTELIGÍVEL AOS SEUS ADEPTOS. Depois de já haverem publicado um Ritual Interpretativo para o Grau de Aprendiz, eles fizeram aparecer o presente Manual, seguido do LIVRO DO COMPANHEIRO e do LIVRO DO MESTRE.

Sua tarefa é ingrata, mas eles contam com o apoio e o concurso de todos aqueles que sentem a necessidade de uma regeneração iniciática da Franco-Maçonaria. Mostrar-se-ão profundamente reconhecidos pelos conselhos e esclarecimentos que se fizerem chegar à Loja TRABALHO E VERDADEIROS AMIGOS FIÉIS.

Oswald WIRTH.

Questões Ritualísticas a Propor aos Irmãos Visitantes

Quando um Maçom se apresenta para tomar parte nos trabalhos de uma Loja, ele não obtém a entrada no Templo senão após haver sido trolhado pelo Irmão Cobridor.

Entrando, ele executa a marcha e as saudações de costume, depois permanece de pé e à ordem entre as duas colunas até que seja convidado a tomar lugar.

Nesse momento, o Venerável Mestre poderá colocar ao Irmão visitante as seguintes questões, às quais ele deverá saber responder:

- *Meu Irmão, de onde vindes?*
- *Da L.:São João, Ven.: Mest.:*
- *Que se faz na L.: São João?*
- *Elevam-se templos à virtude e cavam-se masmorras aos vícios.*
- *Que trazeis?*
- *Saúde, prosperidade e boa acolhida a todos os irmãos.*
- *Que vindes fazer aqui?*
- *Vencer minhas paixões, submeter minha vontade aos meus deveres e fazer novos progressos na Maçonaria.*
- *Tomai lugar, meu Irmão, e sede bem-vindo ao seio desta oficina que recebe com gratidão o concurso de vossas luzes.*

A Franco-Maçonaria Tornada Inteligível aos seus Adepts

Os autores que têm estudo a Franco-Maçonaria em seu *esoterismo*, ou seja, em seu ensinamento oculto, muito têm insistido sobre a importância da pergunta: *De onde vindes?*

Ela deve ser tomada pelo pensador no sentido mais elevado e conduzir assim ao problema da origem das coisas.

O Aprendiz deve procurar *de onde viemos*, assim como o Companheiro deverá perguntar-se *aquilo que somos*, e o Mestre, *para onde vamos*.

Essas três questões formulam o eterno enigma que toda ciência e toda filosofia tratam continuamente de solucionar. Nossos esforços não podem chegar senão a soluções provisórias destinadas a apaziguar momentaneamente nossa sede de curiosidade. Mas logo compreendemos a inutilidade das respostas com as quais nos contentamos, e procuramos sempre, sem acalentar jamais a ilusão de acreditar que encontramos.

Semelhante ao lendário judeu errante, o espírito humano prossegue sempre. Mas quando os homens se agrupam entre si, seu vínculo social decorre essencialmente das idéias que eles se fazem do passado, do presente e do amanhã das coisas.

Existe, pois, obrigação, para o pensador, de esclarecer desse ponto de vista aos seus contemporâneos. Como Édipo, ele deve saber responder às interrogações da Esfinge, a menos que, — a exemplo de Hercules, — ele saiba enganar a fome de Cérbero, lançando com seus próprios punhos a terra do solo na tripla garganta do guardião dos infernos.

A pergunta *De onde vindes?* não tem unicamente um alcance filosófico: o Ritual a ela responde, reportando-nos à história da Franco-Maçonaria. Nossa instituição deriva, com efeito, das *confraternidades de*

A Franco-Maçonaria Tornada Inteligível aos seus Adeptos

São João, título que traziam, na Idade Média, as corporações construtivas às quais devemos todas as obras-de-arte da arquitetura ogival.

Tem-se, além disso, desejado ver em *São João* o *Janus* dos latinos. Esse deus de dupla face simbolizava o princípio permanente, para quem passado e futuro não fazem senão um. Sua imagem deve levar os Maçons a olhar para trás ao mesmo tempo em que para frente; porque, para preparar para a humanidade os caminhos do progresso, é preciso levar em conta as lições da história.



Janus, segundo uma medalha antiga. O crescente lunar que domina a dupla face aproxima o deus latino do Hermes grego. Trata-se da influência formadora que se inspira na tradição (hereditariedade) para engendrar aquilo que deve nascer.

Resumo Filosófico sobre a História Geral da Franco-Maçonaria

Considerações Preliminares

Certas idéias são suscetíveis de exercer uma poderosa atração sobre os indivíduos isolados. Elas agrupam-se e tornam-se, assim, o pivô intelectual de uma associação.

Mas esta não saberia ser constituída pelo único fato de um agrupamento desprovido de toda estabilidade e de toda coesão. Para transformar uma aglomeração de individualidades díspares em um todo permanente, a intervenção de uma lei orgânica instituindo a vida coletiva é indispensável.

Em toda associação é preciso, pois, distinguir *a idéia e a forma*.

A *idéia* ou o *espírito* age como gerador abstrato: é o *pai* da coletividade da qual a *mãe* está representada pelo princípio plástico que lhe dá sua *forma*.

Esses dois elementos de *geração* e de *organização* estão representados em Maçonaria por duas colunas, das quais a primeira (masculina-ativa) faz alusão àquilo que estabelece e funda, enquanto a segunda (feminina-passiva) se relaciona àquilo que consolida e mantém.

O historiador, — se ele for esclarecido pelas luzes da filosofia, — não pode fazer abstração desses dois fatores essenciais. Para ele, os anais

A Franco-Maçonaria Tornada Inteligível aos seus Adepts

de nossa instituição remontam para além do ano de 1717, data de fundação da Franco-Maçonaria moderna; porque as idéias que então conseguiram tomar corpo haviam inspirado, em épocas anteriores, numerosas tentativas de criações similares.

Uma coletividade que se funda não saberia, de outra parte, improvisar sua organização. Todo ser se constitui conforme sua espécie, e ele beneficia-se nisso da experiência ancestral. Todo recém-nascido se torna assim o herdeiro de uma raça antiga, que revive nele, como ele mesmo viveu em toda cadeia de seus antecessores.

Colocando-se desse ponto de vista, é permitido assinar à Franco-Maçonaria uma origem das mais antigas, porque ela se relaciona a todas as confraternidades iniciáticas do passado.

Todavia essas parecem haver saído das primeiras associações de construtores, como se pode julgar de acordo com as circunstâncias que deram nascimento à arte de construir.

As Origens Maçônicas

A Franco-Maçonaria não se entrega mais, em nossos dias, a trabalhos de construção material, mas ela deriva diretamente de uma confraria de talhadores de pedras e de arquitetos, cujas ramificações se estenderam, na Idade Média, sobre toda Europa ocidental.

Transmitindo-se os segredos de sua arte, esses construtores conformavam-se aos antigos usos. Eles praticavam ritos iniciáticos que as lendas corporativas faziam remontar à mais alta antiguidade.

A Franco-Maçonaria Tornada Inteligível aos seus Adepts

Devemos evitar tomar ao pé da letra essas tradições ingênuas. Elas se prendem ao mito e escondem, muito freqüentemente, um sentido alegórico¹².

Mas é suficiente refletir sobre a influência exercida primitivamente pela arte de construir, para fazer-se uma idéia justa do papel civilizador que as mais antigas associações maçônicas necessariamente desempenharam.

Essas associações se constituíram desde que a arquitetura se tornou uma arte. Elas foram chamadas, sem dúvida, a construir primeiramente os muros das cidades primitivas. Essas muralhas de pedras talhadas não puderam ser obra senão que de trabalhadores treinados e agrupados em tribos. Concebe-se de bom grado esses artesãos indo de um lugar para outro, para exercerem sua profissão lá aonde eram chamados.

Eles não poderiam deixar de ser associados por duas razões: primeiro, porque toda construção importante não saberia ser a obra de indivíduos isolados e, a seguir, porque a prática da arte de construir exige uma iniciação profissional.

É, pois, evidente que, desde os tempos mais antigos, os maçons formaram agrupamentos corporativos e que, pela própria força dos fatos, dividiram-se em aprendizes, companheiros e mestres.

Quanto à sua missão civilizadora, ela manifesta-se num duplo ponto de vista:

De uma parte, as cidades, — protegidas contra os assaltos da brutalidade bárbara por sólidas muralhas, — tornaram-se focos de

¹² De acordo com uma dessas lendas, Adão teria sido regularmente recebido Maçom, segundo todos os ritos, ao Or.: do Paraíso, pelo Pai Eterno. É uma maneira de dizer que a Franco-Maçonaria sempre existiu, senão em *ato*, ao menos *em potência de vir a ser*, visto que ela responde a uma necessidade primordial do espírito humano.

atividade pacífica, asilos invioláveis reservados a uma elite mais culta que a multidão de fora.

De outra parte, os maçons deram o exemplo da associação em vista de um trabalho comum.

Pode-se, pois, afirmar que a Arquitetura é mãe de toda civilização¹³ e que é a justo título que os antigos maçons consideravam sua arte como a primeira e mais estimável de todas.

A Arte Sagrada

Primitivamente, tudo se revestia de um caráter religioso. Mas a arte de construir era, mais particularmente, impregnada de um caráter divino. Os homens que a ela se entregavam exerciam um sacerdócio. Eles eram sacerdotes à sua maneira. Talhando pedras e reunindo-se para erguer edifícios sagrados, eles acreditavam render um culto à divindade.

Toda construção útil era santa: destruí-la era um sacrilégio, e as mais antigas inscrições ameaçam com a vingança dos deuses todo homem ímpio que atacasse os monumentos.

Os construtores tinham uma religião própria inteiramente baseada sobre a arte de construir. O universo era, a seus olhos, um imenso canteiro de obras, onde cada ser era chamado, por seus esforços, à edificação de um monumento único. Figuravam-se um trabalho incessante, não tendo

¹³ A barbárie é o estado primitivo de insegurança que coloca o mais fraco à mercê do mais forte. Os cidadãos colocaram-se ao abrigo dos bárbaros, entrincheirando-se atrás de muralhas intransponíveis. Uma vez em segurança, eles puderam civilizar-se, adotando leis protetoras do fraco contra o forte. A arquitetura é, pois, o fator primordial de toda real civilização.

jamais começado e não devendo jamais terminar, mas executando-se em toda parte segundo os dados de um mesmo plano.

Daí vem a idéia da *Grande Obra* visando à construção de um *Templo* ideal, realizando cada vez mais a perfeição. Daí, além disso, o uso tradicional entre os maçons de consagrarem seus trabalhos à *Glória do Grande Arquiteto do Universo*.

Primeiros Dados Históricos

Nós não possuímos senão informações precárias sobre as mais antigas corporações construtivas de povos do Oriente. Mas é singular encontrar na escrita acadiana o triangulo como símbolo da letra *rou* que tem o sentido de *fazer, construir*. Salvo uma simples coincidência, ela é, no mínimo, surpreendente, e os Maçons entusiastas poderão ver aí um indício da alta antiguidade de seu simbolismo, porque os monumentos caldeus dos quais se tratam remontam a mais de 4.500 anos antes de nossa era.

Os autores desconhecidos dos mais antigos livros sagrados da China não ignoravam, aliás, o valor simbólico do compasso e do esquadro, insígnias do sábio que possui os segredos do Primeiro Construtor e sabe conduzir-se de maneira conforme às suas intenções¹⁴.

No Egito, o sacerdócio ensinava as ciências e as artes. Alguns iniciados eram mais especialmente engenheiros e arquitetos. Os artesãos colocados sob suas ordens não tinham direito a qualquer iniciativa.

Os escultores e os talhadores de pedras foram muito mais livres na Síria. Eles aí formavam associações religiosas que percorriam toda

¹⁴ R. F. Gould. *A Concise History of Freemasonry*. Londres, 1903, p. 3 e 4.

Ásia Menor para construir templos em toda parte, segundo a conveniência dos diferentes cultos.

É assim que, por volta do ano 1000 antes de J.C., Hiram, Rei de Tiro, pôde enviar a Salomão os obreiros necessários à construção do templo de Jerusalém, do palácio real e dos muros da cidade. Esses mesmos construtores tomaram parte igualmente da fundação de Palmira.

Mais tarde, a arquitetura foi exercida por confrarias profissionais análogas àquelas das quais Numa Pompílio aperfeiçoou a organização por volta do ano de 715 antes da era cristã.

O legislador romano constituiu os *colégios de construtores* encarregados da execução de todos os trabalhos públicos. Essas corporações tinham sua autonomia, e a lei garantia-lhes inúmeros privilégios. Cada uma delas praticava suas cerimônias religiosas particulares apropriadas à profissão exercida por seus membros¹⁵. Exerciam estas todas as profissões necessárias à arquitetura religiosa, civil, militar, naval e hidráulica.

Essas confraternidades laboriosas difundiram-se por todo império. Elas seguiam a marcha das legiões romanas, para construir pontes, estradas, aquedutos, fortalezas, cidades, templos, anfiteatros, etc. Em toda parte elas contribuíam para civilizar os povos vencidos, instruindo-os nas artes da paz. Elas subsistiram, florescentes, até a invasão dos bárbaros, praticando ritos secretos de caráter religioso. Foram religiões santificando o trabalho.

No terceiro século, Teofrasto no-las descreve nos seguintes termos: “Segundo as tradições da estatuária antiga, os escultores e os talhadores de pedras viajavam de um lado a outro da terra com as ferramentas necessárias para trabalhar o mármore, o marfim, a madeira, o

¹⁵ Plutarco, *Vida de Homens Ilustres, Numa*, 17.

ouro e os outros metais. A matéria informe era-lhes fornecida para os templos que eles elevavam sobre modelos divinos¹⁶”.

O Cristianismo

As religiões profissionais eram conformes ao gênio do politeísmo greco-romano; também, enquanto ele reinou, ninguém pôde sonhar em pedir contas às corporações arquiteturais de seu ensinamento religioso particular. Não foi mais assim, quando o Cristianismo, — tornado com Constantino religião do Estado, — pretendeu fundar a unidade do culto e da crença.

O Supremo Arquiteto do Universo ajustava-se, sem dúvida, ao monoteísmo que ele parecia haver precedido. Mas esta simplicidade, essa onda propícia às adaptações contraditórias, não deveria mais satisfazer à nova religião que formulava dogmas imperiosos e precisos, aos quais, necessariamente, era preciso doravante submeter-se.

Fiéis às suas tradições, os construtores evitaram revoltar-se contra a fé oficial¹⁷. Fizeram-se batizar, ainda que se reservando adaptar secretamente o cristianismo às doutrinas da metafísica arquitetural. Assim tomou nascimento uma heresia oculta, parente do gnosticismo, que se absteve cuidadosamente de toda manifestação exterior. Quando muito, encontra-se um indício de tal manifestação nesta facilidade singular com a qual os artistas bizantinos e coptas punham-se indiferentemente a serviço, primeiro, das diferentes seitas cristãs, depois, muçulmanas.

¹⁶ Teofrasto, *Vida de Apolônio de Tiana*. Tradução de Chassang, p. 202.

¹⁷ Os *Versos de Ouro* de Pitágoras começam prescrevendo ao iniciado render exteriormente aos deuses imortais o culto consagrado, mas guardar interiormente sua própria convicção.

Externamente submissas ao absolutismo cristão, as associações construtivas puderam prosperar sob a égide do Império do Oriente, quando então desapareceram no Ocidente, submersas sob as ondas das invasões bárbaras. Veio um período no qual se esteve muito mais preocupado em destruir os edifícios antigos do que construir novos.

O Cristianismo, todavia, não tardou a se impor aos invasores. A arquitetura religiosa foi então recolocada em honra, e novas escolas de construtores constituíram-se pouco a pouco. Elas deram nascimento ao estilo românico.

As Ordens Monásticas

Durante longos séculos, toda a Europa ocidental foi presa da brutalidade de guerreiros ignorantes que não estremeciam senão diante dos fantasmas de sua imaginação grosseira. O clero cristão, aplicando nisso a tradição de todos os sacerdócios, conseguiu muito rapidamente dominar esses espíritos propensos aos terrores supersticiosos. Ele teve a ousadia de ameaçar os conquistadores violentos em nome de um Juiz celeste, do qual o rigor cruel não poderia ser abrandado senão que pelo favor de doações piedosas. Essa foi, para a Igreja, a fonte de imensas riquezas.

Viu-se então o Cristianismo cercar-se de um aparato faustuoso. Depois de haver crescido na abnegação e na pobreza, ele quis seduzir pela magnificência. Os templos antigos, outrora saqueados pela cupidez dos bárbaros ou abatidos pelo furor iconoclasta dos novos crentes, deveram ser restabelecidos à glória do Deus dos cristãos. Como não se havia jamais cessado inteiramente de construir, os procedimentos profissionais

estavam conservados entre os artesãos; mas, quando foi questão de construir edifícios apropriados às exigências imprevistas do culto cristão, faltaram, antes de tudo, arquitetos.

Monges instruídos foram chamados assim a estudar a arquitetura, e sua habilidade em traçar planos não tardou a se afirmar. Alguns abades, em particular aqueles da congregação de Cluny, desenvolveram mesmo, a esse respeito, um verdadeiro talento. Rivalizando entre si, esses prelados logo não mais se contentaram com construções tecnicamente grosseiras, para a execução das quais eles podiam recorrer a artesãos de ocasião, sedentários ou nômades. Quando, de simples muros de tijolos ou cascalhos, eles desejaram passar aos acoplamentos de pedra talhada, fólios de todo necessário formar artistas verdadeiros, sobretudo quando a ambição lhes veio a impressionar os espíritos pela ousadia das cúpulas cada vez mais complexas.

Os monges foram assim levados a associar-se, de modo permanente, aos laicos talhadores de pedras que, na qualidade de irmãos conversos, portavam o hábito e recebiam sua subsistência do convento.

A Maçonaria Livre

Entre os obreiros submetidos à disciplina monástica, os melhores dotados não faltaram em assimilar conhecimentos suficientes para permitir-lhes dirigir eles mesmos os trabalhos de seus companheiros. Formaram-se assim arquitetos laicos, de espírito tanto mais independente, quanto mais tomavam consciênciade suas capacidades e de seu talento. Sua autoridade não tardou a prevalecer sobre aquela dos monges que, pouco a pouco, viram as confrarias construtivas se subtraírem à sua tutela.

Associações autônomas, — lembrando em alguns aspectos os colégios romanos, — puderam assim se constituir. Esta evolução pareceu realizar-se primeiro na Lombardia, onde as antigas tradições, sempre permanecendo vivas, puderam assim mais facilmente ser recolocadas em honra pela intermediação de Veneza, pois a influência bizantina exercia-se poderosamente nesta região. Certo é que a cidade de Como permaneceu por longo tempo o centro para onde afluíam os artistas preocupados em se aperfeiçoarem na arte de construir. Sua ambição era fazer-se iniciar nos segredos dos *magistri comacini*, título estendido no século XI, de maneira geral, a todos os construtores.

Pretende-se que, à vista de fazerem consagrar sua independência, as associações arquiteturais laicas, unidas entre si pelos laços de uma estreita solidariedade, teriam solicitado do papa o monopólio exclusivo para a construção de todos os edifícios religiosos da cristandade. Desejando encorajar uma tão piedosa empresa, a Corte de Roma teria tomado a confraternidade maçônica sob sua proteção especial, declarando que seus membros deveriam ser, em toda parte, isentos de impostos e corvéias. Seriam essas liberdades outorgadas por Nicolau II em 1277 e confirmadas por Benedito XII em 1334 que teriam valido aos protegidos da Santa-Sé o nome de *franco-Maçons*¹⁸.

O patronato do Soberano Pontífice explicaria o favor que a Maçonaria Livre encontrou junto a todos os príncipes cristãos. Nesses tempos de fervor religioso, aqueles não poderiam experimentar senão simpatia pelos construtores de igrejas que se espalhavam progressivamente na França, na Normandia, na Grã-Bretanha, na Borgonha, depois em Flandres e às margens do Reno, penetrando daí em toda Alemanha. Em toda parte, essas associações deixaram monumentos

¹⁸ Até agora, a prova documental dessas alegações arriscadas não foi fornecida.

de um estilo particular, dito gótico ou, mais precisamente, ogival, obras-de-arte cuja uniformidade de caráter parece ser o indício de um acordo internacional mantido durante séculos entre os construtores espalhados sobre toda Europa ocidental. Foi isso que levou Hope a dizer, em sua *História da Arquitetura*: “Os arquitetos de todos os edifícios religiosos da Igreja latina extraíram sua ciência de uma mesma escola central. Eles obedeciam às leis de uma mesma hierarquia; eles dirigiam-se, em suas construções, segundo os mesmos princípios de conveniência e de gosto; eles mantinham conjuntamente, em toda parte para onde eram enviados, uma correspondência assídua, de sorte que os menores aperfeiçoamentos tornavam-se de imediato propriedade do corpo inteiro e uma nova conquista da Arte”.

As Confraternidades de São João

Os arquitetos da Idade Média gostavam de celebrar os solstícios de maneira conforme aos usos que remontavam aos tempos pagãos mais recuados. A fim de poderem permanecer fiéis às tradições equívocas do ponto de vista cristão, eles escolheram por patronos os dois *São Joãos*, cujas festas coincidiam com os pontos solsticiais.

Tem-se perguntado se, ao abrigo dessa escolha, o antigo culto de *Janus* não reencontrara adeptos mais ou menos conscientes. Do mesmo modo que ambos os santos solsticiais, o deus de dupla face presidia à inauguração da marcha ascendente, depois descendente do Sol, porque ele era o gênio de todos os começos, tanto dos anos, das estações, quanto da vida e da existência em geral. Ora, não se deve perder de vista que *começo* se diz *initium* em latim. Os iniciados deviam, pois, ver a

divindade tutelar da *iniciação* neste imortal preposto guardião das portas (*janua*), das quais ele afastava aqueles que não deveriam entrar. Um báculo (*baculum*) era, para essa finalidade, sua insígnia. Ele tinha, além disso, uma chave, para indicar que lhe pertencia abrir e fechar, revelar os mistérios aos espíritos de elite ou frustrá-los à curiosidade dos profanos indignos de conhecê-los.

Etimologicamente, *João*, é verdade, não provém de *Janus*, mas do hebreu *jeho h'annam* que se traduz por: “Aquele que Jeho favorece”. O mesmo termo reaparece em *H'anni-Baal* ou Aníbal que significa “favorito de Baal”. Mas *Jeho* e *Baal* não são outros senão nomes ou títulos do Sol. Este era visto pelos fenícios como um astro ardente, freqüentemente mortífero, do qual os efeitos eram de temer. Os mistagogos de Israel aí viam, ao contrário, a imagem do Deus-Luz que esclarece as inteligências. *Jeho h'annam*, *johannes*, *jehan* ou *João* tornam-se assim sinônimos de Homem esclarecido ou iluminado à maneira dos profetas. Do mesmo modo que os artistas das catedrais, — instruídos, sem dúvida, em doutrinas esotéricas muito antigas, — o Pensador verdadeiro ou Iniciado está, pois, no direito de dizer-se *Irmão de São João*.

Observemos, de resto, que *São João Batista* nos é apresentado como o precursor imediato da Luz redentora do Cristo solar. Ele é a aurora intelectual que, nos espíritos, precede o dia da plena compreensão. Áspera e rude, sua voz retumbava através da esterilidade do deserto, despertando ecos adormecidos. Seus acentos veementes provocavam as mentalidades rebeldes e preparavam-nas para compreender as verdades que deviam ser reveladas.

Se o violento Precursor se relaciona simbolicamente aos alvores pálidos da manhã, convém, em oposição, representar-se *São João*, o

Evangelista, como cercado de toda glória púrpura do poente. Ele personifica a luz crepuscular do anoitecer, aquela que abrasa o céu, quando o Sol acaba de desaparecer sob o horizonte. O discípulo preferido do Mestre foi, com efeito, o confidente de seus ensinamentos secretos, reservados às inteligências de elite dos tempos futuros. O Apocalipse é-lhe atribuído, o qual, — sob o pretexto de desvendar os mistérios cristãos, — os mascara sob enigmas calculados para conduzir os espíritos perspicazes além das estreitezas do dogma. Também é da escola joanina que se têm prevalecido todas as escolas místicas que, sob o véu do esoterismo, visaram à emancipação do pensamento. Não nos esqueçamos, enfim, de que o quarto Evangelho começa por um texto de alto alcance iniciático sobre o qual, por muito tempo, se prestou o juramento maçônico. A doutrina do Verbo feito carne, quer dizer, da Razão divina encarnada na Humanidade, remonta, aliás, através de Platão, às concepções de antigos hierofantes.

Nessas condições, o título de *Lojas de São João* convém, melhor que qualquer outro, às oficinas onde as inteligências, após haverem sido preparadas para receber a luz, são levadas a assimilarem-se a ela progressivamente, a fim de a poderem refletir ao seu redor.

Canonizações Equívocas

Seria temerário afirmar que os dois São Joãos marcam unicamente o simbolismo iniciático. Talvez eles correspondam a personagens que realmente existiram. Outros santos, ao contrário, não gozam de seu privilégio celeste, porque foram outrora extraídos do

calendário pagão. Em sua *Origem de todos os Cultos*, Depuis é muito explícito a esse respeito:

“Os gregos, diz ele, honravam Baco sob o nome de Dionísio ou Denis: ele era visto como a chave e o primeiro autor de seus mistérios, assim como Eleutério. Este último nome era também um epíteto que eles lhe deram, e que os latinos traduziram por *Liber*. Celebravam-se, em sua honra, duas festas principais: uma na primavera e outra na estação das vindimas. Esta última era uma festa rústica celebrada no interior ou nos campos; opunha-se às festas da primavera, chamadas festas da cidade ou *Urbana*. Aí se acrescentou um dia em honra a Demétrio, Rei da Macedônia, que tinha sua corte em Pella, perto do Golfo de Tessalônica: Baco era o nome oriental do mesmo deus. As festas de Baco deviam, pois, ser anunciadas no calendário pagão por essas palavras: *Festum Dionysii, Eleutherii, Rustici*. Nossos bons antepassados fizeram disso três santos: São Denis, Santo Eleutério e Santa Rústica, seus companheiros. Chamavam o dia precedente *Festa de Demétrio*, do qual fizeram um mártir tessalônicense. Acrescente-se que este foi Maximiliano, que o fez morrer por conta de seu desespero pela morte de Lyaeus, e Lyaeus é um nome de Baco, assim como Demétrio. A antevéspera foi reservada à Festa de São Baco, do qual se fez um mártir do Oriente. Assim, aqueles que quiserem se dar ao trabalho de ler o calendário latino ou a bula que guia nossos sacerdotes na comemoração dos santos e na celebração das festas aí verão a 7 de outubro: *Festum sancti Demetrii*, e a 9: *Festum sanctorum Dionysii, Eleutherii et Rustici*. Assim, fizeram-se santos de muitos epítetos, ou de denominações diversas do mesmo Deus, Baco, Dionísio ou Denis, *Liber* ou *Eleutheros*. Esses epítetos tornaram-se outros tantos de companheiros.

“...Baco desposa Zefir ou o vento suave sob o nome da ninfa *Aura*. Muito bem. Dois dias entes da festa de Denis ou de Baco, celebra-se aquela de Aura Plácida ou Zefir, sob o nome de *Santa Aura* e de *São Plácido*.”

Dupuis mostra, além disso, como a fórmula dos desejos *Perpetua Felicitas* deu nascimento à *Santa Perpétua* e à *Santa Felicidade*. Ele cita ainda Santa Verônica, que vem de *Veron Eicon* ou *Icônica*, a verdadeira face ou a Imagem de Cristo. São Rogado, São Donato, Santa Flora, Santa Lúcia, Santa Bibiana, Santa Apolinária, Santa Ida, Santa Margarida e Santo Hipólito são igualmente adaptações pagãs.

As Sátiras contra a Igreja

Em que medida as reminiscências da Antiguidade puderam influir sobre o estado de alma dos construtores medievais? A questão é difícil de resolver; mas permanece certo que eles eram animados de um espírito singularmente crítico.

Primeiramente, do ponto de vista religioso, eles pretendiam não depender diretamente senão do Papa e, deste chefe, eles afirmavam o desrespeito mais flagrante à vista da hierarquia eclesiástica. Sua audácia muitas vezes manifestou-se por caricaturas que eles não temiam talhar da própria pedra das catedrais.

Um monge e uma religiosa representados na mais inconveniente das atitudes decoram a Igreja de São Sebaldo em Nuremberg, e esse assunto escabroso repete-se, entre outros, numa gárgula do Museu de Cluny em Paris.

Na galeria superior da Catedral de Strasbourg, uma procissão de animais é conduzida por um urso que carrega a cruz. Um lobo segurando um círio aceso aí precede a um porco e a um carneiro carregados de relíquias; todos esses quadrúpedes desfilam piedosamente, enquanto um asno aparece no altar, celebrando a missa.

Revestida de ornamentos sacerdotais, uma raposa prega em Bradenbourg diante de um bando de gansos.

Os exemplos dessa natureza abundam. Encontram-se, em particular, juízos finais às vezes muito subversivos no sentido em que, entre os condenados, figuram de modo corrente personagens trazendo coroas ou mitras. O próprio Papa, tocado da tiara e cercado de cardeais, foi entregue às chamas eternas no pórtico da Catedral de Berna.

Esses indícios levam a supor que a iniciação conferida secretamente aos membros das confraternidades de São João não se referia unicamente aos procedimentos materiais da arte de construir.

Certos escultores irônicos puderam, sem dúvida, ser inspirados por rivalidades que, em todos os tempos, opuseram as ordens monásticas ao clero secular; mas outros traduziram de modo manifesto o pensamento de um artista singularmente emancipado para a época.

A Alquimia

Se nós nos perguntarmos de que fonte pôde ser extraída, na Idade Média, uma inspiração mística estranha ou mesmo secretamente hostil à Igreja, somos levados a recordar o prestígio do qual desfrutava então a *Filosofia Hermética*. Sob o pretexto de procurar a *Pedra dos Sábios*, adeptos, ou seja, pensadores independentes, aplicavam-se, na realidade,

em penetrar os segredos da natureza. Eles aprofundaram indiferentemente as obras de todos os filósofos, quer fossem gregos, árabes ou hebreus. Este ecletismo deveria chegar a doutrinas tão pouco católicas, no sentido ordinário da palavra, que se tornou imprudente expô-las de outro modo a não ser sob o véu de alegorias e de símbolos. A transmutação do chumbo em ouro tornou-se assim o tema de dissertações muito sábias, onde a metafísica religiosa tinha muito mais lugar que a metalurgia ou a química. A *Grande Obra* visava a realizar a felicidade do gênero humano graças a uma reforma progressiva dos costumes e das crenças. A leitura atenta dos tratados de alquimia posteriores à Renascença não pode deixar subsistir nenhuma dúvida a esse respeito, porque o estilo dos discípulos de Hermes tornou-se menos enigmático, quando diminuiu para eles o perigo de expressarem-se livremente.

A antiga arquitetura sagrada era, aliás, essencialmente simbólica. Desde o plano de conjunto de um edifício até os menores ornamentos de detalhe, tudo devia ser ordenado segundo certos números místicos e de acordo com as regras de uma geometria especial conhecida apenas dos iniciados.

As figuras geométricas deram lugar, com efeito, a interpretações sobre as quais se enxertava uma doutrina secreta que pretendia fornecer a chave de todos os mistérios. Ora, os construtores de catedrais provaram, por suas obras, que eles eram instruídos nessas tradições filosóficas das quais os alquimistas eram simultaneamente detentores.

Não se saberia determinar em que medida uns obtiveram de outros seus conhecimentos iniciáticos. Sempre foi que o Hermetismo freqüentemente inspirou os talhadores de pedras na escolha de seus motivos ornamentais. Os Alquimistas, de outra parte, não ignoravam o sentido que os maçons atribuíam às suas ferramentas.



O *Rebis*, a coisa dupla unindo os dois sexos, na realidade, a alma espiritual dotada de razão (Sol) e de imaginação (Lua). O princípio inteligente domina a animalidade representada pelo dragão das atrações elementares.

Nada é mais significativo, a esse respeito, que uma gravura do tratado intitulado *O Azoto, ou o meio de fazer o ouro oculto dos filósofos*, do *Irmão Basile Valentin*¹⁹. Vê-se aí um personagem de duas cabeças, do qual a mão direita segura um compasso e a esquerda, um esquadro. É o andrógino alquímico, unindo a energia criadora masculina à receptividade feminina, associando, em outros termos, o Enxofre ao Mercúrio, ou o ardor empreendedor da coluna J.: à estabilidade ponderada da coluna B:. Ele está de pé sobre o dragão simbolizando o quaternário dos elementos, dos quais o iniciado deve triunfar no decorrer de suas provas.

A Decadência das Corporações

¹⁹ Publicado logo depois de as *Doze Chaves da Filosofia tratando da verdadeira medicina metálica*. Paris, Pierre Moet, 1659.

Tornado-se rica e poderosa, a Igreja devia necessariamente corromper-se. Veio um tempo no qual o alto clero, — entregue a todas as intrigas da política, — exibia o luxo mais insolente e não se dava ao menor trabalho de dissimular a corrupção de seus costumes.

Os fiéis escandalizaram-se com isso. Seu antigo fervor deu lugar à dúvida, e numerosas heresias puderam enraizar-se nos espíritos. Essa foi a aurora do sonho intelectual que se preparava.

O novo clarão de alma teve sua repercussão sobre a arquitetura religiosa. Os doadores tornaram-se raros. À força de construir igrejas — e elas existiam, aliás, em toda parte — os membros das confraternidades de São João encontravam, cada vez menos, o emprego de seus talentos. Eles eram, de resto, especialistas no estilo dito “gótico”, doravante *démodé*. Depois veio o cisma de Lutero que, desencadeando pavorosas guerras religiosas, acabou de desorganizar as antigas corporações construtivas.

Elas ameaçavam desaparecer, não deixando delas mesmas senão vagos traços documentais, mas afirmado seu poderoso passado por monumentos incomparáveis que se impuseram sempre à admiração da posteridade.

A Cabala

Nem tudo devia estar perdido. Uma transformação elaborava-se, provocando primeiro um movimento intelectual do mais alto interesse.

Enquanto querelas de dogma dividiam os espíritos, inteligências de elite quiseram aprofundar imparcialmente as questões religiosas. Foi-se assim levado a estudar mais especialmente a metafísica religiosa dos judeus. Estes se pretendiam na posse de uma doutrina secreta remontando até Moisés. Era, a seus olhos, a tradição por excelência, dita *Qabbalah* em

hebreu. Tratavam-se, na realidade, de concepções derivadas, em boa parte, do Gnosticismo alexandrino, e tomadas de empréstimo, assim, ao patrimônio da antiga iniciação. Sua característica era fazer ressaltar a concordância fundamental das religiões.

Esses sonhos místicos tiveram por efeito prático sugerir a idéia de uma filosofia reunindo indistintamente os fiéis de todos os cultos, sem obrigar-lhos a renegar suas crenças particulares.

Vigorosos pensadores em comunhão de vontade uns com os outros, tendo aplicado toda sua energia cerebral a especulações dessa sorte, daí resultou finalmente uma tensão particular na atmosfera mental do século XVII.

Os Rosacrucianistas

O excesso do mal chama o remédio. As devastações do fanatismo cego deviam conduzir ao sonho de uma regeneração universal pelo amor e pela ciência. Por volta de 1604, uma associação secreta²⁰ quis relembrar ao Cristianismo a inteligência de seus mistérios e ensinar ao mundo as leis da fraternidade.

Os afiliados haviam escolhido por emblema uma rosa fixada sobre uma cruz, e reconheciam-se a lenda de um certo Christian Rosenkreuz, do qual pretendiam prosseguir a obra. Fizeram muito falar deles e, ainda que se perdendo nas nuvens do Hermetismo e da Teosofia,

²⁰ A ordem dos rosacrucianistas não foi jamais organizada como corpo. Considerava-se alguém como lhe pertencendo pelo único fato de esse alguém possuir certos conhecimentos. Os Irmãos Rosacrucianistas não se reuniam para deliberar ou trabalhar em comum. Eles contentavam-se em manter relações epistolares e em comunicarem entre si o fruto de seus estudos.

eles não conseguiram menos surpreender as imaginações e semear os germes cuja eclosão não devia se fazer esperar.

A Franco-Maçonaria Moderna

A concepção de um ideal (Coluna J.:) permanece estéril enquanto faltem os meios práticos de realização (Coluna B.:). As aspirações generosas dos filósofos não poderiam ser colocadas em ação sem a ajuda de uma organização positiva. O espírito ou a alma nada pode, se não dispõe de um corpo como instrumento de ação.

Ora, na época na qual, graças aos rosacrucianistas e a outros místicos, uma entidade espiritual planava, de qualquer sorte, no ar, ansiosa por encarnar-se, um organismo propício veio a oferecer-se a ela.

Não possuindo mais razão de ser, as antigas confraternidades maçônicas estavam em toda parte dissolvidas, salvo na Grã-Bretanha e na Irlanda, onde sempre reinou um espírito favorável à sobrevivência de toda tradição antiga e respeitável. Pela força de um hábito passado aos costumes, as associações de *Maçons livres e aceitos* subsistiam, pois, ainda no século XVII, em diversos centros dos três reinos insulares. Era então de notoriedade pública que os *Freemasons* se reconheciam entre si por certos sinais e que eram obrigados por juramento a guardarem segredos. Sabia-se igualmente que, em todas as circunstâncias da vida, eles eram obrigados a prestar assistência recíproca. A partir de sua decadênci a do ponto de vista do exercício da arte de construir, a prática da solidariedade tornou-se, com efeito, o objetivo essencial dessas confraternidades. Difundiu-se então a moda de fazer-se aceitar a título de membro honorário, e as lojas maçônicas mostraram-se tão acolhedoras

aos *gentlemen* que não manejavam profissionalmente a trolha, que os profissionais do ofício se desinteressaram cada vez mais de uma instituição que não respondia em nada às suas necessidades práticas. Os maçons aceitos tornaram-se assim pouco a pouco tão numerosos quanto os Maçons *livres*, e, no início do século XVIII, eles eram francamente a maioria.

Nesse momento, foi tomada uma resolução de extrema importância. Ele teve por efeito fazer renunciar às antigas empresas materiais da velha maçonaria profissional designada como *operativa* em oposição a uma nova Maçonaria, puramente filosófica, dita *especulativa*.

Assim nasceu a *Maçonaria moderna*, que tomou de empréstimo aos construtores da Idade Média um conjunto de formas alegóricas e de símbolos engenhosos, regras de boa disciplina e tradições de fraternal solidariedade, a fim de aplicar tudo ao ensinamento de uma arquitetura social, esforçando-se por construir a felicidade humana, trabalhando para o aperfeiçoamento intelectual e moral dos indivíduos.

Elias Ashmole

A Maçonaria moderna respondia a uma necessidade sentida em toda Europa pelos mais nobres espíritos. Ela devia, pois, difundir-se com uma rapidez que parecia dever-se a um prodígio. Também, quando mais tarde se quis remontar à sua fonte, não foi possível defender-se da idéia de que, semelhante à Minerva, surgindo inteiramente armada do cérebro de Júpiter, a concepção maçônica deveria ter sido amadurecida por algum pensador de gênio.

A fim de descobrir o fundador de uma tão maravilhosa instituição, os Maçons ingleses do século XVII foram passados em revista. Descobriu-se que, a 16 de outubro de 1649, um sábio antiquário, adepto do hermetismo e de conhecimentos secretos então em voga, foi recebido Maçom em Warrington, pequena cidade do condado de Lancastre. Não foi preciso mais para erigir *Elias Ashmole* — este é nome do personagem — em herói da lenda. É-lhe atribuído todo o mérito da reforma realizada. Segundo o Ir.: Ragon e outros historiadores seria ele, o Rosacrucianista, quem teria imprimido um caráter iniciático aos rituais obreiros primitivos²¹. Isso não é verdade. A influência que esse amador de ciências ocultas exerceu sobre a Franco-Maçonaria permanece nula. Verdadeiramente decepcionado pela natureza dos “mistérios” que lhe foram revelados quando de sua iniciação, ele não reapareceu em loja senão ao cabo de 31 anos, em 11 de março de 1682, pela segunda e última vez em sua vida, como testemunha seu diário, que ele jamais deixou de manter, diariamente, com escrupulosa minúcia.

A Primeira Grande Loja

Contrariamente àquilo que, em boa lógica, era permitido supor, os documentos positivos mostram-nos a organização da Maçonaria moderna nascendo inconscientemente. As maiores coisas podem, com efeito, ser chamadas à existência por individualidades que não têm nenhuma suspeita do alcance de seus atos.

Esse foi o caso dos Maçons londrinos que, a 24 de junho de 1717, se reuniram para celebrar a festa tradicional de São João Batista. Eles

²¹ Essa asserção temerária, reconhecida depois inexata, foi reproduzida na página 25 da primeira edição (1894) do *Livro do Aprendiz*.

eram membros de quatro lojas tão pouco prósperas que, para não se desagregarem inteiramente, decidiram permanecer unidas sob a autoridade de oficiais especiais. Ora, cada uma das lojas, sendo presidida por um *Mestre*²², deu-se o título de *Grão-Mestre* ao presidente do novo agrupamento que, ele mesmo, se qualifica como *Grande Loja*. Ainda é duvidoso que esses nomes hajam sido adotados desde 1717, a principal preocupação devendo muito bem ser, neste ano, reunir-se novamente em número suficiente no próximo solstício de verão.

O primeiro Grão-Mestre foi *Antony Sayer*, homem obscuro, de condição bastante modesta. Ele fora escolhido na falta de melhor; também se apressou em dar-se-lhe como sucessor *George Payne*, burguês bem colocado, que não havia assistido à reunião precedente. O próximo eleito foi *Jean-Théophile Désaguliers*²³, doutor em filosofia e em direito, membro da Sociedade Real de Ciências de Londres. Depois de haver completado seu ano de grão-mestrado, esse físico distinto restituui o malhete ao Ir.'. Payne, na falta de um mais ilustre personagem.

Para consagrар o prestígio da Grande Loja, importava, aliás, colocar à sua testa um homem de qualidade. Igualmente os Maçons de Londres chegaram ao auge de seus desejos, quando, em 1721, Sua Graça o *Duque de Montagu* condescendeu em aceitar a dignidade de Grão-Mestre. Esta eleição teve o melhor efeito sobre o mundo profano. Tornou-se daí por diante de bom-tom pertencer à Sociedade dos Franco-Maçons, universalmente considerada como uma companhia distinta.

²² Para distingui-lo de outros Mestres, davam-lhe o epíteto de “Venerável” (*Worshipful Master*) ou designavam-no como *Master en chaire* (*Meister vom Stuhl* ou *Stuhlmeister* em alemão).

²³ Nascido em La Rochelle, a 12 de março de 1683, filho de um pastor calvinista que deveria refugiar-se na Inglaterra após a revogação do Édito de Nantes (1685).

O Livro das Constituições

As modificações aportadas ao regime das antigas confraternidades construtivas deram lugar à promulgação de um novo código da lei maçônica. Sua redação foi confiada ao Ir.:*James Anderson*, cuja obra é intitulada *The Book of Constitutions of the Freemasons, containing the history, charges and regulations of that most ancient and right worshipful fraternity.*

Ali está dito, “no que concerne a Deus e à religião”:

“Um Maçom é obrigado, por seu engajamento²⁴, a obedecer à lei moral; e, se ele comprehende bem a Arte, não será jamais um estúpido ateu nem um libertino irreligioso”.

“Ainda que em tempos passados, os Maçons estivessem obrigados, em cada país, a praticar a religião do dito país, qualquer que ela fosse, estima-se doravante mais oportuno não lhes impor outra religião a não ser aquela sobre a qual todos os homens estão de acordo, e deixar-lhes toda liberdade quanto às suas opiniões particulares. É suficiente, pois, que eles sejam homens bons e leais, pessoas honradas e de probidade, quaisquer que sejam as confissões ou as convicções que os distingam”.

“Assim, a Maçonaria tornar-se-á o centro de união e o meio de estabelecer uma sincera amizade entre pessoas que, fora dela, permaneceriam constantemente separadas umas das outras”.

Relativamente à *autoridade civil, suprema ou subordinada*, lemos a seguir:

²⁴ “Tenure” no original, termo feudal que significa obrigação contraída pelo detentor de um feudo.

“O Maçom é um indivíduo pacífico sujeito aos poderes civis em qualquer lugar onde resida ou trabalhe; ele não deve jamais estar implicado em complôs ou conspirações contra a paz e a prosperidade da nação, nem se comportar incorretamente à vista de magistrados subalternos, porque a guerra, o derramamento de sangue e as insurreições têm sido, em todos os tempos, funestas à Maçonaria”.

“Se algum Irmão vier a insurgir-se contra o Estado, é preciso evitar favorecer sua rebeldia, e sempre tê-lo em piedade, como a um infeliz. Se ele, aliás, não for culpado de nenhum crime, a leal Confraternidade, — ainda que obrigada a desmentir sua rebeldia, a fim de não atrair sombras ao governo estabelecido nem lhe fornecer um motivo de desconfiança política, — não saberia expulsá-lo da Loja, uma vez que suas relações com ele permanecem indissolúveis”.

O artigo VI, que trata “da conduta em Loja”, recomenda enfim:

“Que vossas discórdias ou vossas querelas particulares não franqueiem jamais o umbral da Loja; evitai mais ainda as controvérsias sobre religiões, nacionalidades ou a política, visto que, em nossa qualidade de Maçons, nós não professamos senão a religião universal mencionada mais acima. Nós somos, aliás, de todas as nações, de todas as línguas, de todas as raças, e, se nós excluímos toda política, é porque ela não contribuiu jamais no passado para a prosperidade das lojas e não contribuirá mais amanhã”.

Os Princípios Fundamentais da Franco-Maçonaria

À luz dos extratos precedentes, a Franco-Maçonaria moderna aparece-nos como uma associação de homens escolhidos, cuja moralidade pôde ser aprovada, de sorte que, sentindo-se perfeitamente seguros uns dos outros, podiam praticar entre si uma fraternidade sincera e sem reserva.

Esses homens, reconhecidos bons, leais e probos, são obrigados a evitar com o maior cuidado tudo aquilo que os arriscaria a dividirem-se. É-lhes especialmente interdito ocasionar litígios quanto às suas convicções íntimas, tanto religiosas quanto políticas, sua virtude característica devendo ser, em todas as coisas, a TOLERÂNCIA.

Ora, para ser tolerante, é indispensável adquirir idéias amplas e elevar-se acima da estreiteza de todos os preconceitos. A Franco-Maçonaria esforça-se, em consequência, por emancipar os espíritos; aplica-se, em particular, a libertá-los dos erros que sustentam a desconfiança e o ódio entre os homens. Estes, a seus olhos, não devem ser considerados senão em razão do valor efetivo que obtêm de suas qualidades intelectuais e morais, qualquer outra distinção de crença, de raça, de nacionalidade, de fortuna, de classe ou de posição social devendo eclipsar-se no seio das reuniões maçônicas.

Extensão Rápida da Franco-Maçonaria

O código maçônico redigido e impresso por ordem da Grande Loja da Inglaterra recebeu a aprovação solene desta a 17 de janeiro de 1723. Desde então, foi sempre considerado como o documento que determina as normas características da Franco-Maçonaria moderna. Sua importância é, pois, capital, já que toda organização que se afastasse dos

princípios dos quais ele foi inspirado deixaria, por este mesmo fato, de ser *maçônica*.

O livro de Anderson permitiu, aliás, fazer conhecer ao longe a nova confraternidade que respondia às aspirações ao mesmo tempo as mais nobres e as mais generosas. Ela não tardou a exercer uma verdadeira fascinação sobre quantidade de espíritos de elite. Viram-se para aí afluir, em particular, os pensadores apaixonados pela doutrina do *Humanitarismo*. Não era *uma forma, uma organização* que se oferecia espontaneamente, para revestir de um corpo tangível as concepções, até então nebulosas, dos filósofos? Quando então o sectarismo e a intolerância vinham de colocar a Europa em fogo e sangue, devia-se altamente apreciar, além do mais, a amplitude de vistas, das quais os franco-maçons faziam prova em matéria de religião e de dogmatismo, não menos que em relação às dissensões políticas. À pureza de princípios e à elevação de tendências associavam-se, enfim, certos pendores de mistério e de impenetrabilidade, cuja sedução não foi menos poderosa.

Nessas condições, as Lojas multiplicaram-se muito rapidamente, primeiro na Inglaterra, na Escócia e na Irlanda, depois sobre o continente, para ganhar finalmente até os confins do mundo civilizado.

No início, é verdade, as Lojas não se fundavam sempre em virtude de poderes formais emanados da primeira Grande Loja. Todo Mestre Maçom regularmente iniciado na Inglaterra acreditava-se no direito de propagar no estrangeiro a luz maçônica. Para esse efeito, cercava-se, tanto quanto possível, de alguns outros Maçons e realizava com eles recepções segundo as formas ritualísticas. A rigor, ele iniciava, com sua autoridade privada, um profano que julgasse digno desse favor; em seguida, ambos procediam à iniciação de um novo adepto, de maneira a constituir uma loja *simples*, destinada a tornar-se primeiro *justa*, pela

adjunção de dois novos membros, e, finalmente, *perfeita*, quando, por seu efetivo, ela atingia ou ultrapassava o número de sete.

Uma Loja podia, aliás, manter-se em não importa que local convenientemente fechado e ao abrigo de qualquer indiscrição. Certas figuras traçadas com giz sobre o assoalho eram suficientes para transformar qualquer local em santuário.

Concebe-se que Lojas tão facilmente chamadas à existência houvessem podido desaparecer com igual facilidade sem deixar traços documentais de sua atividade. Também a história da introdução da Franco-Maçonaria em diferentes países encontra-se, o mais freqüentemente, envolvida numa profunda obscuridade. Está-se reduzido, muitas vezes, a narrativas equívocas, das quais é impossível controlar a exatidão.

A Maçonaria Anglo-Saxônica

Desde que um grande senhor ficou à testa da Grande Loja da Inglaterra, a prosperidade da instituição encontrou-se imediatamente assegurada. Doze Lojas somente haviam tomado parte, em 24 de junho de 1721, da eleição do Duque de Montagu. Ora, três meses depois, havia dezesseis, depois, vinte ao final do ano; em 1725, quarenta e nove lojas estavam representadas na Grande Loja.

O que fez, sobretudo, daí em diante, procurar a iniciação maçônica é que ela conferia, de qualquer sorte, um brevê de respeitabilidade. O público inglês manifestava, todavia, alguma desconfiança à vista de uma sociedade em muito indiferente em matéria

de religião. A fim de tranqüilizá-la, os *Freemasons* não tardaram a manifestar, em todas as coisas, uma escrupulosa ortodoxia anglicana.

Todo um movimento se desenhou nesse país após 1723, numerosos espíritos timoratos escandalizaram-se com as inovações consagradas pelo *Livro das Constituições*. Este tinha, a seus olhos, o muito grave defeito de não tornar nenhuma crença obrigatória, quando então, tradicionalmente, todo Maçom tinha o imperioso dever de ser “fiel a Deus e à Santa Igreja”.

Ciumentas de sua autonomia, muitas lojas se recusaram, além do mais, a reconhecer à Grande Loja de Londres uma autoridade que elas pretendiam usurpada.

Por motivos dessa ordem, e sob outros pretextos, produziram-se, no seio da Maçonaria inglesa, uma série de cisões que tiveram por conseqüência, a partir de 1751, opor uma à outra duas Grandes Lojas inimigas.

A mais recente dessas Grandes Lojas não foi praticamente constituída senão em 1753. Como seus adeptos vangloriavam-se de permanecer ligados aos antigos usos, intitularam-se *Maçons Antigos*, em oposição aos *Maçons Modernos*, cuja Grande Loja era, todavia, a mais antiga, pois que remontava a 1717.

Foi isso que os historiadores chamaram de o *Grande Cisma*. A Constituição dos *Antigos* tornava obrigatória a crença em Deus. Seu ritual transbordava de preces e multiplicava as citações bíblicas tanto quanto as fórmulas piedosas. Ele comportava, aliás, um grau suplementar, aquele do *Real Arco*.

Nessas condições, sendo dado o espírito reinante entre os anglo-saxões, a concorrência dos *Antigos* deveria afirmar-se desastrosa para os *Modernos*. A fim de não se desacreditarem inteiramente em seu próprio

país, estes deveram ceder, capitulando pouco a pouco sobre a maior parte dos princípios que, no início, haviam seduzido a elite dos pensadores de toda a Europa.

De reação em reação, os *Modernos* chegaram, finalmente, a não mais se diferenciarem dos *Antigos* senão que por nuanças ritualísticas. Áí não havia mais do que fazer seriamente obstáculo à fusão das duas Grandes Lojas inglesas que, em 1813, se entenderam para constituir em conjunto a *Grande Loja Unida da Inglaterra*.

O Início da Maçonaria na França

É possível que refugiados ingleses se houvessem entregado, na França, a trabalhos maçônicos pouco depois de 1649, data da condenação à morte e da execução de Carlos I. Entre aqueles dentre eles que freqüentavam a corte de Saint-Germain, ou entre os oficiais de regimentos irlandeses a serviço do Rei de França, existiram, muito provavelmente, *Maçons aceitos*. Reuniam-se, às vezes, nas formas consagradas, para estarem “em loja”, segundo o uso da época? Isso é bastante possível, mas faltam-nos até hoje provas documentais²⁵.

De qualquer modo, não poderia ser questão da fundação de Lojas permanentes, reunindo-se com periodicidade, senão a partir do primeiro quarto do século XVIII. Ainda não se pode afirmar nada de exato relativamente às Lojas que foram as primeiras regularmente constituídas sobre o continente. A *Amizade e Fraternidade*, Or.: de Dunkerque (atualmente L.:nº 313 da Grande Loja de França) e a *Perfeita União*,

²⁵ Um adversário veemente da F.:M.:, Gustave Bord, que se entregou às mais minuciosas pesquisas históricas, pretende possuir as provas, mas não as publicou.

Or.: de Mons reivindicam, a esse respeito, a prioridade, uma e outra se pretendendo fundadas em virtude de constituições expedidas pelo Duque de Montagu em 1721.

Infelizmente, os processos verbais da Grande Loja da Inglaterra não fazem menção a nenhuma criação semelhante.

Para Paris, faz-se remontar as primeiras reuniões maçônicas a 1725. Um grupo de ingleses, à testa dos quais se encontrava Charles Radclyffe, tornado Lord Derwentwater após a decapitação de seu irmão mais velho²⁶, o cavaleiro Maclean (do qual os franceses fizeram Maskelyne) e François Heguerty, cadete do regimento de Dillon, parecem haver adotado o costume, em torno dessa época, de reunir-se à rua de Boucheries, na casa de um comerciante inglês chamado Hure, sob a insígnia “*Louis d'Argent*”. Esta Loja não pôde se constituir senão que de *motu proprio*, ou seja, em virtude unicamente dos direitos que seus fundadores acreditavam possuir por sua iniciação. Ela não teve a intenção, provavelmente mesmo, de dar-se, desde o início, um título distintivo; ela parece, todavia, haver sido colocada sob o patronato de São Tomás de Canterbury.

Composta, sobretudo, de refugiados jacobitas, esta Loja não se relacionava em nada à Grande Loja de Londres, cuja autoridade central tendia a se estabelecer. Alguns Maçons franceses aí viram uma inferioridade; também eles fundaram, a 7 de maio de 1729, uma nova Loja, da qual André-François Lebreton se tornou o primeiro Venerável Mestre. Essa foi a Loja *Sant-Thomas au Louis d'Argent* que se reunia à rua *de la Boucherie*, “À la Ville de Tonnerre”, em casa de Debure. Em 3 de abril de 1723, ela fez-se outorgar uma carta regular sob o nº 90, pelo Visconde de Montagu, então Grão-Mestre da Grande Loja da Inglaterra.

²⁶ James Radclyffe, executado em Londres a 14 de fevereiro de 1716.

Essa Loja foi visitada em 1735 por Dasaguliers e pelo Duque de Richmond que dirigiram seus trabalhos em meio a uma brilhante assistência, comportando Montesquieu e o Conde de Waldegrave, embaixador da Inglaterra.

Dessa Loja, destaca-se, a 1º de dezembro de 1729, uma outra Loja que tomou primeiro o nome de seu fundador, o lapidário inglês Coastown, dito Coustaud, para intitular-se mais tarde Loja *des Arts Sainte-Marguerite*.

Uma quarta Loja foi enfim constituída em 1735, à rua de Bussy, na casa de um comerciante chamado Landelle. Essa se tornou a *Loja d'Aumont*, quando o duque deste nome se fez receber.

O Trabalho Maçônico segundo a Concepção Inglesa

Os Maçons ingleses jamais experimentaram a necessidade de imprimir aos seus trabalhos um caráter particularmente filosófico. Sublevando discussões no seio das Lojas, eles teriam receado infringir este espírito de fraternidade que a Franco-Maçonaria tem por missão essencial propagar e manter. Eles acreditaram sempre que era preciso contentar-se, em Loja, com praticar o ritual e nada mais. Também, no decorrer de suas reuniões, limitavam-se a proceder escrupulosamente, segundo todas as fórmulas, às recepções previstas. Como está aí, todavia, uma ocupação monótona, freqüentemente fastigiosa e sempre muito árida, compensavam-se a cada vez com um festim que consideravam honestamente merecido, tanto que era realizado com cerimônias

ritualísticas, a disciplina mais perfeita sendo observada: cada um mantinha-se direito, solene e digno, sem permitir-se trocar a menor palavra com seu vizinho. Mas, quando os obreiros são chamados a passar do trabalho à recreação, e quando, fechados no templo, os trabalhos são retomados sob uma outra forma, ao redor da mesa de banquete, então, todo constrangimento desaparece, a mais franca cortesia se estabelece entre os convivas e é com o copo na mão que a fraternidade se manifesta verdadeiramente expansiva.

Foi porque as Lojas parisienses não conheceram primeiro outro modo de trabalho, que elas se reuniam invariavelmente em restaurantes. Houve quem procurasse explorar a situação, fazendo-se receber Maçom e mesmo adquirindo o direito de manter Lojas. Ora, o Venerável Mestre que vendia comida e bebida tinha um interesse natural em preocupar-se, sobretudo, com seus interesses comerciais. Sob sua direção, os trabalhos maçônicos arriscavam-se muito a perder o caráter de dignidade que lhes convém.

Isso levou, por conseguinte, a graves abusos. Certas Lojas deram lugar, com efeito, a críticas infelizmente muito justificadas. Admitia-se não importa que candidato, contanto que ele estivesse em condições de subvencionar os custos da iniciação; depois, os “trabalhos de mastigação” tornaram-se abertamente a coisa essencial, a instrução maçônica concentrando-se com predileção sobre esse vocabulário grotesco e de modo algum iniciático, do qual se persiste às vezes em fazer uso nos ágapes ou banquetes da ordem.

A Igualdade

A Franco-Maçonaria Tornada Inteligível aos seus Adepts

Não se era, entretanto, recebido Maçom, mesmo em Lojas equívocas, apenas pelo prazer de andar em pândega. O que fascinava acima de tudo na instituição era a *pratica da igualdade*. Sabia-se que, sob a égide no nível maçônico, os grandes senhores confraternizavam sem reserva com o que se chamava então de pessoas comuns. No seio das Lojas, encontrava-se, pois, realizado o ideal de uma vida mais perfeita. As castas aí se eclipsavam, o indivíduo não sendo mais apreciado senão enquanto Homem, quer dizer, em razão de seu valor real, abstração feita de suas condições de nascimento.

A Franco-Maçonaria veio assim a oferecer um excelente caldo de cultura ao fermento das idéias revolucionárias.

O governo de Luiz XV não devia enganar-se com isso. Ele não se impressionara, enquanto estrangeiros apenas se reuniam mais ou menos misteriosamente entre si. Quando personagens da alta nobreza francesa juntaram-se a eles, não se pensou ainda em desconfiar. Mas, desde que foi reconhecido que campônios se associavam, sob a cobertura da Maçonaria, às pessoas de condição, a autoridade viu como particularmente suspeito o mistério com o qual os Maçons se obstinavam em cercar-se.

Daí em diante, as Lojas foram vigiadas pela polícia que foi levada a tomar, a respeito delas, uma série de medidas rigorosas. De nada adiantou: o movimento havia se lançado. As interdições oficiais, as prisões brutais, as multas infligidas aos cabareteiros que recebiam Maçons não fizeram senão barulho e propaganda. Estava-se pronto a redobrar as precauções. Os espíritos críticos consideraram, aliás, tentador afrontar qualquer perigo e tomar o rumo dos conspiradores.

Os Primeiros Grão-Mestres

Por volta do final de 1736, os membros das quatro Lojas parisienses, reunidos em número de sessenta, procederam, pela primeira vez, à eleição de um Grão-Mestre. O escrutínio designou *Charles Radclyffe, Conde de Derwentwater*, par da Inglaterra que sucedeu ao cavaleiro escocês *Jacques Hector Maclean*, o qual, desde há muitos anos, exercia o ofício de Grão-Mestre, provavelmente na sua qualidade de mais antigo Mestre de Loja²⁷.

Preparando-se para deixar a França²⁸, o novo Grão-Mestre convocou, para 24 de junho de 1738, uma assembléia tendo por missão escolher-lhe um sucessor.

Ficara entendido que o Grão-Mestrado seria confiado daí em diante a um francês eleito *ad vitam*. Tendo sítio informado, o Rei ameaçou com a Bastilha aquele de seus súditos que se permitisse aceitar esse posto. *Louis de Pardaillon de Gondrin, Duque d'Antan*, conhecido primeiro sob o nome de *Duque d'Épernon*, tendo sido eleito, não se deixou menos

²⁷ É por erro que os historiadores têm dado, até aqui, o nome de “Lord Harnouester” como sendo aquele do eleito em 1736. O Nobiliário britânico ignora esse personagem. Documentos conservados nos arquivos da Grande Loja da Suécia estabelecem, ao contrário, que, em 1735, Maclean assinou, em Paris, peças na qualidade de Grão-Mestre, e que, no ano seguinte, a 27 de outubro de 1736, seu sucessor assinava: Derwentwater. Tais fatos são confirmados por um escrito aparecido em 1774, em Francfort e em Leipzig sob o título: *Der sich selbst vertheidigende Freimaurer*.

²⁸ Supõe-se que Lord Derwentwater foi para Roma junto do pretendente Charles-Edouard, com quem desembarcou na Escócia em 27 de junho de 1745. Feito prisioneiro após a batalha de Culloden (27 de abril de 1746), desastrosa para a causa dos Stuarts, ele foi decapitado a 8 de dezembro de 1746, partilhando assim da sorte de seu irmão mais velho.

proclamar “Grão-Mestre Geral e Perpétuo dos Maçons do Reino de França”.

Luis XV não acreditou dever proceder cruelmente contra esse Par de França. Em revanche, o Lugar-Tenente de Polícia Hérault quis prender, em uma reunião de Franco-Maçons que ele presidia, o Duque d'Antin. Este se dirigiu sem hesitar ao chefe de polícia e, espada em punho, intimou-o a retirar-se. Tal incidente serviu grandemente à propaganda maçônica.

Esse Grão-Mestre enérgico deveria, infelizmente, morrer com a idade de 36 anos a 9 de dezembro de 1743. Ele foi muito mais lamentado que seu sucessor, *Louis de Bourbon-Condé, Conde de Clermont*, príncipe de sangue que não se aplicou em seguir-lhe os passos.

Constituição de uma Autoridade Central

A assembléia que, a 11 de dezembro de 1743, confiou o grão-mestrado ao Conde de Clermont teve a ambição de submeter todas as Lojas francesas a uma autoridade central ligada à Grande Loja da Inglaterra. Assim foi então adotado o título de *Grande Loja Inglesa de França*, sem que uma carta da Grande Loja provincial houvesse sido obtida de Londres. Tratava-se menos de subornar o poder maçônico reconhecido como regular que de marcar a adesão aos mesmos princípios e a adoção de um modo de trabalho idêntico.

Dois fatos são, desse ponto de vista, característicos. Primeiro, a promulgação de *Ordenanças gerais* destinadas a servir de regra a todas as Lojas do reino. Ora, este primeiro código maçônico francês reproduziu,

adaptando-os às circunstâncias, as principais disposições do *Livro das Constituições* do Ir.: Anderson.

Um artigo especial estipula, além do mais, que a Grande Loja não reconhecia nenhum grau afora aqueles de Aprendiz, de Companheiro e de Mestre, entendendo assim repudiar as novidades que acabavam de surgir.

Os Mestres Escoceses

Em 21 de março de 1737, o cavaleiro *André-Michel Ramsay*, qualificado “Grande Orador da Ordem”, foi levado a pronunciar, para uma recepção de Franco-Maçons, um discurso que teve imensa repercussão.

A Franco-Maçonaria aí aparecia relacionada aos mistérios da Antiguidade, mas, mais diretamente ainda, às ordens religiosas e militares que se constituíram por ocasião das Cruzadas. Instruído na história de seu país, Ramsay acreditava, além disso, encontrar na Escócia o foco onde as tradições maçônicas se teriam conservado com o máximo de pureza.

Essa Peça de Arquitetura não visava senão instruir os neófitos e os Maçons em geral. Teorias ousadas aí se encontravam expostas com inteira boa-fé. O autor não propunha, aliás, nenhuma inovação, fosse a criação de graus suplementares, fosse a reforma do ritualismo então em uso.

Ele, todavia, foi tornado responsável por todas as invenções que deveriam lançar a Maçonaria em inextrincáveis complicações. Na realidade, Ramsay nada fez diretamente, porque ele jamais imaginou o sistema de graus que lhe foi atribuído mais tarde. Mas aqueles que o

A Franco-Maçonaria Tornada Inteligível aos seus Adepts

conceberam se inspiraram visivelmente em idéias divulgadas no famoso discurso de 1737.

Comparando a Maçonaria à Cavalaria religiosa, Ramsay fizera corresponder os Aprendizes aos Noviços, os Companheiros aos Professos e os Mestres aos Perfeitos.

Usou-se o texto, mais tarde, para combinar uma Maçonaria primeiro em seis graus, depois, em sete ou nove, a seguir em vinte e cinco e, finalmente, em trinta e três graus.

Na origem, todavia, não se viram surgir senão que Mestres Escoceses, cujas intenções eram, sem dúvida, as mais louváveis. Propunham-se, com efeito, a reformar a Maçonaria importada da Inglaterra, tomando por modelo a Maçonaria da Escócia que, com fé nas afirmações de Ramsay, eles acreditavam mais antiga e melhor organizada.

Esses reformadores não parecem haver imediatamente constituído um quarto grau; mas, como eles pretendiam certas prerrogativas em Loja, a Grande Loja Inglesa de França acreditou dever opor-lhes o seguinte texto, que forma o artigo 20 das Ordenanças Gerais decididas a 11 de dezembro de 1743:

“Havendo observado, desde há pouco, que alguns irmãos se apresentam sob o título de *Mestres Escoceses* e reivindicam, em certas Lojas, direitos e privilégios dos quais não existe nenhum traço nos arquivos e usos de todas as Lojas estabelecidas sobre a superfície do globo, a Grande Loja, a fim de manter a união e a harmonia que devem reinar entre todos os Franco-Maçons, decide que todos esses Mestres Escoceses, a menos que sejam oficiais da Grande Loja ou de qualquer outra Loja particular, devem ser considerados pelos irmãos iguais aos outros aprendizes ou companheiros, cujas insígnias eles deverão portar sem qualquer outro sinal de distinção”.

O Período Crítico

Os abusos aos quais os Mestres Escoceses se propunham a remediar provinham, sobretudo, do recrutamento defeituoso de certas Lojas. Admitiam-se muito facilmente espíritos frívolos ou grosseiros, incapazes de compreender a Franco-Maçonaria e de mostrar-se dignos dela. Aqueles dentre os Maçons que se consideravam como mais refinados experimentaram, então, a necessidade de distinguir-se dos outros e de reunir-se à parte. Conciliados em muito grande número, resolveram procurar apoderar-se gradualmente da direção das Lojas, a fim de aí aplicarem seus projetos de reforma.

Esta conspiração não foi do gosto dos Mestres de Lojas parisienses reunidos na Grande Loja. Assim, seu primeiro cuidado foi o de se declararem “perpétuos e inamovíveis, de medo que a administração geral da Ordem, confiada à Grande Loja de Paris, em mudando freqüentemente de mãos, não se tornasse muito incerta e muito vacilante”. Constituído sob tão deploráveis auspícios, ao poder central da Maçonaria francesa deveria, necessariamente, faltar autoridade. Ele teve contra si a organização nascente dos Mestres Escoceses que, à Maçonaria dita “inglesa”, preconizada pela Grande Loja como a única autêntica e regular, não tardaram em opor uma outra Maçonaria batizada “escocesa”, pretendida como muito mais antiga, mais excelsa e mais respeitável.

Tratava-se, na realidade, de uma concepção essencialmente francesa, cujo modelo se haveria de procurar em vão na Escócia. Mas Ramsay havia dado, da Maçonaria de seu país, uma noção tão vantajosa, que mais de um Maçom francês pôde, com a maior boa-fé, localizar, nas

brumas do norte da Grã-Bretanha, utopias concebidas em contraste com aquilo que havia sob seus olhos.

As imaginações uma vez lançadas nessa via, encontraram-se, por conseguinte, fantasistas bastante pouco escrupulosos para escorar suas asserções enganosas em documentos forjados em todas as peças ou, no mínimo, escandalosamente antedatados. Na ausência de toda autoridade regularizadora reconhecida, cada um quis, finalmente, colocar-se a reformar ou aperfeiçoar a Maçonaria a seu modo. Foi então que se viram surgir de toda parte as organizações mais variadas, intitulando-se: Lojas Mães, Capítulos, Areópagos, Consistórios e Conselhos de toda sorte. Os Maçons não mais se agrupavam senão que a favor de um novo sistema de altos graus. O mais recente destes sistemas queria, naturalmente, fazer-se sempre passar por mais antigo e mais ilustre que todos os outros. Lendas falaciosas foram assim acreditadas, e inventaram-se graus com títulos cada vez mais lisonjeiros para a vaidade daqueles que os procuravam.

A Maçonaria Iniciática

A exuberância vital que se manifestou no seio da Maçonaria francesa do século XVIII não deveria se traduzir unicamente por efeitos deploráveis.

Reduzida à aridez de sua forma inglesa, a Maçonaria não podia convir em nada ao gênio latino. A palavra *iniciação* implica, para nós, bem outra coisa que a simples revelação de “mistérios” que permitem aos Franco-Maçons se reconhecerem entre si. Ela evoca um passado prestigioso e solicita do Maçom moderno a realização do ideal do Iniciado antigo.

Precisamente um acadêmico versado do estudo da Antiguidade, o Abade Terrason, fizera aparecer, em 1728, um romance filosófico intitulado *Séthos*, que teve numerosas edições. Essa narrativa inspirada nas *Aventuras de Telêmaco*, de Fenelon, tinha por herói um príncipe egípcio, cuja educação completou-se sob a grande pirâmide. Lá, em santuários secretos planejados a propósito, todo aspirante à suprema sabedoria deveria, ao dizer do autor, sofrer as provas mais aterrorizadoras.

Comparando essa encenação dramática — e, aliás, perfeitamente imaginária — ao ceremonial de recepção em uso na Franco-Maçonaria, foi-se levado a ver nesta apenas uma pálida reminiscência dos antigos mistérios. Reformadores ocuparam-se, por consequência, em imprimir ao ritual maçônico um caráter mais conforme às tradições iniciáticas. Ele deveria visar a formar realmente Iniciados, ou seja, homens superiores, pensadores independentes liberados de preconceitos vulgares, sábios instruídos naquilo que não está ao alcance de cada um.

Sob o império dessas preocupações, o ritual francês dos três primeiros graus foi progressivamente transformado em uma verdadeira obra-prima de esoterismo. Para quem sabe compreendê-lo, ele ensina a conquistar realmente a Luz. Nenhum dos detalhes do ceremonial que ele prevê é arbitrário; tudo aí se atém em conjunto logicamente coordenado, e cada parte dá lugar a interpretações do mais alto interesse.

Não se saberia dizer o mesmo da ritualística dos graus ditos superiores, que traem freqüentemente, da parte de seus autores, uma ignorância deplorável em matéria de simbolismo. Por mal vindos que eles puderam ser, esses graus não apresentaram menos uma certa utilidade prática. Em conferindo aos plebeus títulos pomposos de cavaleiros e de príncipes, eles realizaram, a seu modo, a igualdade de condições sociais

numa época na qual importava menos rebaixar a nobreza do que se elevar até ela.

Os Substitutos do Grão-Mestre

Se o Conde de Clermont houvesse desejado desempenhar de coração suas funções de Grão-Mestre, ele teria conseguido evitar a maior parte das desordens que deveram comprometer a unidade da Maçonaria francesa. Grandes esperanças estavam depositadas nesse príncipe de sangue, cuja eleição, confirmada com solicitude pelas Lojas da província, parecia a todos como cheia de promessas. Que pena! Não se deveria tardar em reconhecer que a escolha do Grão-Mestre recaíra sobre um cortesão, e não sobre um verdadeiro Maçom.

Sabendo a Maçonaria malvista em alto grau, o Conde de Clermont muito evitou tomar seu partido. Longe de fazer uso de sua credibilidade para defendê-la contra um redobramento de rixas policiais, ele não desejou, desde o início, senão furtar-se aos deveres do cargo que havia aceitado²⁹. Sob o pretexto do comando que, sem o menor talento militar, ele exercia no exército, seu primeiro cuidado foi o de transmitir seus poderes de Grão-Mestre a um substituto.

Como tal, figurou primeiramente um banqueiro chamado Baure que, mais timorato, sem dúvida, que o Conde de Clermont, absteve-se completamente de agir como Grão-Mestre. Como ele chegou até a dispensar-se de reunir a Grande Loja, fez-se compreender ao Conde de Clermont a necessidade de escolher-se um mandatário mais ativo. Foi

²⁹ O Conde de Clermont não ousou portar o título de Grão-Mestre senão quando, a partir de 1747, o Rei, sem dúvida por zombaria, dignou-se lhe permitir que o fizesse.

então que o professor de dança Lacorne, um intrigante suspeito de complacências vergonhosas, chegou a fazer-se nomear *substituto particular do Grão-Mestre*, título que colocou à sua mercê toda a administração maçônica.

Essa escolha, considerada escandalosa, sublevou protestos veementes. Houve cisão no seio da Grande Loja, da qual a maioria recusou reunir-se sob a presidência de Lacorne. A anarquia tornou-se então completa, sem que o Conde de Clermont tentasse remediá-la.

Em 1762, todavia, a confusão tendo sido levada ao seu cúmulo, as mais sérias representações são feitas ao Conde de Clermont. Este decide, então, revogar Lacorne e nomear o Irmão Chaillon de Jonville seu *substituto geral*. Daí resulta uma trégua que aproxima momentaneamente as facções rivais. Mas a harmonia não é possível: desacordos elevam-se, cada vez mais agudos. Chega-se às injúrias e mesmo aos golpes. Quando, a 4 de fevereiro de 1767, a Grande Loja se reúne para celebrar a festa da Ordem, um tumulto se produz e degenera em pugilato. O lugar-tenente de polícia Sartines, tendo sido informado, ordena então à Grande Loja suspender suas sessões.

A Autonomia Ilimitada das Lojas

Na ausência de todo poder regulador, a Franco-Maçonaria francesa não persistiu menos em desdobrar suas potencialidades latentes, boas ou más. A Grande Loja não houvera jamais exercido, aliás, senão que uma aparência de autoridade. Em 1755, ela renunciara a dizer-se “inglesa”, para não mais se intitular senão “Grande Loja de França”.

Essa mudança de título coincidiu com uma revisão dos estatutos da Ordem. O texto que foi então adotado estipulava, no artigo 23, que apenas os Mestres de Loja e os Escoceses teriam o direito de permanecer a coberto. Os Mestres Escoceses receberam, além disso, a missão de inspecionar os trabalhos das Lojas e de restabelecer a ordem, surgindo a oportunidade (artigo 42).

Eis aí, em relação aos “Escoceses”, uma reviravolta completa de atitude. Repelidas em 1743, suas pretensões foram, doze anos mais tarde, reconhecidas e legitimadas por uma sanção oficial. É que, no intervalo, seu prestígio havia crescido, enquanto diminuíra aquele do Grão-Mestre. Acreditava-se serem eles os únicos capazes, doravante, de remediar os abusos contra os quais eles não haviam cessado de erguer-se.

Eles não puderam, infelizmente, senão velar pela observação mais escrupulosa das formas ritualísticas, sem conseguir tornar certas Lojas mais severas em matéria de recrutamento. Uma sorte de concordata tácita havia, de resto, sido concluída entre eles e os Mestres de Lojas, cuja inamovibilidade eram obrigados a respeitar. Ora, era precisamente esta a fonte dos piores escândalos.

É de notar que, durante a suspensão forçada dos trabalhos da Grande Loja, alguns Irmãos irrequietos não tiveram qualquer escrúpulo em usurpar seu título e agir em seu nome. Foi assim que, no começo de 1768, a Grande Loja da Inglaterra foi surpreendida por uma proposição para que entrasse em correspondência regular com a Grande Loja de França. Negligenciando esclarecer-se de modo preciso, acreditou-se, em Londres, poder aceitar, sem conceber a menor suspeita do subterfúgio.

Na realidade, a partir de 1767, nenhum laço administrativo, por relaxado que fosse, mantinha-se mais, exceto uma aparência de coesão entre as Lojas francesas. Na maior parte, elas não desejavam mais se

ocupar senão de si mesmas. Cada uma praticava o rito que acreditava dever adotar, e, se tantas Lojas se multiplicaram então se dizendo “escocesas”, foi porque esta palavra encobria todas as fantasias. Ela consagrava a independência das Lojas que haviam rompido com as regras e tradições da Maçonaria dita “inglesa”.

O Grande Oriente de França

Com a morte do Conde de Clermont, sobrevinda a 16 de junho de 1771, a Grande Loja, até então adormecida, foi convocada em vista de proceder à eleição de um novo Grão-Mestre. Sua Alteza Sereníssima *Louis-Philippe-Joseph d'Orléans, Duque de Chartres*, que tomou mais tarde o nome de *Philippe-Egalité*, obtém a maioria dos sufrágios.

Assim como seu predecessor, esse personagem principesco não foi jamais senão um reles maçom, que deveria chegar, em 1793, até a renegar formalmente a Franco-Maçonaria³⁰. Parece, de resto, que não se estava muito iludido a seu respeito, porque, ao mesmo tempo em que ao Grão-Mestre, — cujas funções eram, sobretudo, honoríficas, — teve-se o cuidado de nomear um *administrador geral* encarregado de presidir, de uma maneira efetiva, aos destinos do conjunto da Maçonaria francesa. Esse posto, que não era secundário senão em aparência, foi confiado ao *Duque de Luxembourg*, então na idade de 33 anos. Nenhuma escolha poderia ser mais bem inspirada. Cheio de zelo e de ardor, o administrador geral comprehendeu que lhe incumbia agrupar em único feixe todas as forças maçônicas do reino. A anarquia havendo atingido seu paroxismo, a

³⁰ Ver em Daruty, *Recherches sur le Rite Écossais* (Pesquisas sobre o Rito Escocês), p. 134, a carta pela qual ele repudia suas funções.

necessidade de uma autoridade central coordenadora fazia-se poderosamente sentir. Resolvido a constituir esta autoridade, o Duque de Luxembourg desejou primeiro provocar reformas no seio da Grande Loja; mas não tardou em convencer-se de que não havia nada a esperar por esse lado. Os Mestres de Lojas inamovíveis consideravam-se como detentores de feudos e não admitiam que seus direitos fossem questionados.

Cercando-se então dos mais competentes Maçons, o administrador geral elaborou em conjunto com eles um plano completo de reorganização; depois, quando tudo estava pronto, ele tomou uma iniciativa sem precedentes, convidando as Lojas da província a fazerem-se representar em Paris por deputados, os quais, em conjunto com os representantes das Lojas da capital, deveriam deliberar sobre o projeto de reforma e tomar, de uma maneira geral, medidas de interesse comum.

A assembléia que, em razão desta convocação, reuniu-se em Paris no início de 1773, tomou o título de *Grande Loja Nacional*. Considerou-se como investida de plenos poderes para a organização, em França, de um governo maçônico baseado no regime representativo, a lei maçônica devendo ser, doravante, a expressão da vontade geral. Ficou, pois, decidido que cada Loja seria representada de maneira permanente junto à nova autoridade central, chamada *Grande Oriente de França*. Estipulou-se, além do mais, que os oficiais das oficinas não seriam eleitos senão por um ano, o que pôs fim ao privilégio do Mestre de Loja, intitulado depois *Veneráveis Mestrea*, ou simplesmente *Veneráveis*.

A diversidade dos ritos sendo admitida, o Grande Oriente não visava a realizar a uniformidade no seio da Maçonaria francesa. Limitava-se a constituir uma centralização essencialmente administrativa que, mesmo federando as Lojas, permitia-lhes continuar ligadas aos múltiplos corpos maçônicos precedentemente estabelecidos. A autoridade central

recebeu, todavia, a missão de verificar os poderes de todos esses agrupamentos, a fim de determinar nitidamente os direitos de cada um.

Todos os Maçons que, em razão desta verificação geral, foram reconhecidos como regulares, receberam a comunicação, a partir de 1777, de uma dupla palavra de reconhecimento, renovada a cada seis meses. Esta medida permaneceu particular à Maçonaria francesa, o emprego das palavras semestrais não se difundindo no estrangeiro, onde o “telhamento” continuou a efetuar-se em toda sua antiga amplitude.

A Grande Loja de Clermont

As reformas provocadas pelo Duque de Luxembourg feriram diversas suscetibilidades. O Grande Oriente substituíra-se à Grande Loja por uma espécie de golpe de Estado, cuja legalidade podia ser contestada. Os descontentes entrincheiraram-se, pois, atrás de direitos pretendidos imprescritíveis, para recusarem aderir à nova ordem de coisas. Houve assim em França duas autoridades maçônicas rivais, subsistindo uma ao lado da outra em muito má inteligência. Sempre a se denunciarem reciprocamente como irregulares, elas não tinham menos simultaneamente, todas as duas, à sua cabeça, o Duque de Chartres, em sua qualidade de Grão-Mestre de todas as Lojas regulares de França. Os adversários do Grande Oriente formavam aquilo que se chama comumente de a *Grande Loja de Clermont*, a qual se designava a ela mesma como o *Antigo e Único Grande Oriente de França*.

A Franco-Maçonaria antes da Revolução

De 1773 a 1789, a Maçonaria tomou em França uma imensa importância. Ela estava então em voga. Era de bom-tom fazer parte dela. Seus mistérios excitavam a curiosidade geral, tanto mais quanto se lhe pedia a chave de todos os enigmas. As novas idéias pareciam não poder melhor se acreditar senão que pelo favor das fórmulas maçônicas. Foi assim que a Maçonaria serviu às propagandas mais diversas. As iniciações secretas conferiam um incitante às mais árduas abstrações filosóficas; elas obrigavam a refletir sobre problemas científicos, quando não conferiam um ensinamento velado, mas tanto mais temível em matéria política.

A influência que as Lojas exerceram sob esse último aspecto foi trazida à luz por Louis Blanc nos seguintes termos:

“Importa, diz ele, introduzir o leitor na mina que cavaram então sob os tronos, sob os altares, revolucionários muito mais profundos e ativos que os Enciclopedistas”³¹.

Depois ele mostra como a queda do antigo regime foi preparada pelas Lojas, sem que, todavia, houvesse complô de sua parte. Os Maçons da época não eram nem conspiradores nem energúmenos se consumindo em vãs declarações contra os abusos, dos quais havia do que se queixar. Eram unicamente homens sinceros que se contentavam em pôr em prática nas Lojas as idéias de Liberdade, de Igualdade e de Fraternidade. Mas a Franco-Maçonaria apresentava, em seus usos, a imagem de uma sociedade fundada sobre princípios contrários àqueles do meio ambiente:

“Nas Lojas maçônicas, as pretensões do orgulho hereditário estavam proscritas, e os privilégios de nascimento, eliminados... Na câmara de reflexões, o profano lia esta inscrição característica: ‘se te

³¹ *Histoire de la Révolution française* (Les Révolutionnaires Mystiques), p. 37.

aténs às distinções humanas, sai: não se as reconhece aqui!' Pelo discurso do Orador, o recipiendário aprendia que o objetivo da Franco-Maçonaria era apagar as distinções de cor, de classe, de pátria; aniquilar o fanatismo; extirpar os ódios nacionais; e eis aí aquilo que se exprimia sob a alegoria de um templo imaterial elevado ao Grande Arquiteto do Universo pelos sábios de diversos climas, templo augusto cujas colunas, símbolos de força e de sabedoria, eram coroadas com romãs da amizade”.

“Assim, pelo único fato das bases constitutivas de sua existência, a Franco-Maçonaria tendia a desacreditar as instituições e as idéias do mundo exterior que a envolvia. É verdade que as instruções maçônicas apontavam submissão às leis, observação das formas e usos admitidos pela sociedade exterior, respeito aos soberanos. É verdade que, reunidos à mesa, os Maçons bebiam ao rei nos Estados monárquicos, e ao magistrado supremo nas repúblicas. Mas semelhantes reservas, comandadas pela prudência de uma associação que ameaçavam tantos governos suspeitosos, não eram suficientes para anular as influências naturalmente revolucionárias, ainda que, em geral, pacíficas, da Franco-Maçonaria. Aqueles que dela faziam parte continuavam bem a ser, na sociedade profana, ricos ou pobres, nobres ou plebeus; mas, no seio das Lojas, templo aberto à prática de uma vida superior, ricos, pobres, nobres ou plebeus deviam reconhecer-se iguais e chamar-se de irmãos. Estava aí uma denúncia indireta, real, todavia, e contínua, das iniquidades, das misérias da ordem social; estava aí uma propaganda em ação, uma exortação viva”³².

Claude de Saint-Martin

³² Louis Blanc, *loc. cit.*

Por volta de 1750, *Martinez Pasqualis*, um cabalista de origem portuguesa, instituiu o Rito dos Eleitos Cohens (ou Sacerdotes) que teve Lojas em Bordeaux, em Toulouse, em Lyon e em Paris. Aí se entregavam a práticas de teurgia. Os adeptos pretendiam aprofundar a ciência das almas e adquirir faculdades extraordinárias.

O mais célebre dentre eles foi *Louis-Claude de Saint-Martin*, dito o *Filósofo desconhecido*, que se tornou, no final do século XVIII, a chefe da escola mística francesa. Suas obras tiveram imensa repercussão, sobretudo a primeira intitulada: *Dos Erros e da Verdade, ou Os Homens Chamados ao Princípio Universal da Ciência*. A influência desse pensador refinado foi considerável. É-lhe devida a divisa: Liberdade, Igualdade, Fraternidade, como o demonstra Louis Blanc em sua *História da Revolução*, no capítulo dos “Revolucionários Místicos”³³.

Mesmer

A partir de 1778, um médico austríaco atraiu a atenção dos sábios franceses sobre um agente terapêutico que ele acreditava haver descoberto naquilo que chamava de o magnetismo animal. Rejeitado primeiro com desprezo, ele conseguiu convencer d’Eslon, o médico do Conde d’Artois. Suas teorias magnéticas foram então trazidas à luz e justificadas por curas surpreendentes.

D’Eslon e Mesmer, seu iniciador, eram Maçons e, a fim de não ensinarem seus segredos senão a homens escolhidos, reconhecidos

³³ Páginas 46 e 47.

incapazes de fazer mau uso deles, instituíram uma Maçonaria *ad hoc*, praticando o rito dito da *Harmonia Universal*.

Cagliostro

Nenhum homem teve o dom de maravilhar tanto seus contemporâneos como Joseph Balsamo, mais conhecido sob o nome de Conde de Cagliostro. Após haver causado admiração nas principais cidades da Europa, esse prestigioso siciliano veio a assombrar Paris em 1785. Ele foi acolhido com solicitude pela Loja *Les Philalèthes*, que esteve sempre à procura de mistérios e de revelações sobrenaturais. Ora, Cagliostro dava-se como um grande iniciado, instruído nos supremos arcanos dos antigos santuários de Tebas e de Mênfis. A esse título, ele já havia fundado em Lyon a Loja *A Sabedoria Triunfante*, pretendida egípcia, da qual ele foi o Grande Copta. A sugestão e o hipnotismo aí tiveram muita influência, e podem explicar certas práticas divinatórias que não têm lugar de nos surpreender em nossos dias.

A Maçonaria de Adoção

Os Maçons franceses desejavam, desde 1730, fazer a mulher participar dos trabalhos maçônicos. Diversas associações foram criadas para essa finalidade de 1740 a 1750, sob o título de *Félicitaires*, *Ordem dos Cavaleiros e Cavaleiras da Âncora*, *Ordem dos Cavaleiros e Ninfas da Rosa*, *Ordem das Damas Escocesas do Asilo do Monte Thabor*, *Ordem da Perseverança*, etc.

Mas todas essas criações não se relacionavam senão que muito vagamente à Franco-Maçonaria que só concedeu seu patronato oficial em 1774 à *Maçonaria das Senhoras*. Diversas *Lojas de Adoção* foram fundadas então. Entre elas, distinguiu-se a Loja A *Candura*, da qual as festas brilhantes atraíram os mais ilustres notáveis da Corte (Duquesa de Chartres, Duquesa de Bourbon, Princesa de Lamballe, etc.).

A Iniciação de Voltaire

A Loja Nove-Irmãs procedeu, em 1778, à recepção de Voltaire, apresentado por Franklin e Court de Gebelin. Foi um triunfo para a Maçonaria. A sessão foi presidida por Lalande que agrupara em torno de si os mais distintos Maçons da época. Dentre aqueles cujos nomes permaneceram célebres convém citar Helvétius, Bailly, Mirabeau, Garat, Brissot, Camille Desmoulins e Condorcet, depois Chamfort, Danton, Don Gerle, Rabaut-Saint-Étienne, Pétion e o cônego regular de Santa-Genoveva Pingré, membro da Academia de Ciências.

A Igreja e a Franco-Maçonaria

A Maçonaria francesa do século XVIII não era de modo algum hostil ao Catolicismo. Ela não discutia nenhuma questão de dogma, deixando a cada um suas crenças e não pedindo senão respeito a tudo aquilo que, sob uma forma qualquer, relacionava-se ao serviço divino. Todo sacerdote aparecia-lhe como iniciado, a ordenação correspondendo, segundo as idéias da época, à suprema iniciação. Assim, os membros do clero, tanto secular quanto regular, eram acolhidos nas Lojas com

solicitude. A eles eram conferidos de imediato os mais altos graus, sem constrangê-los às provas tradicionais, e isso, muito freqüentemente, a título gratuito, por simples apresentação, toda investigação prévia sendo julgada supérflua. Nessas condições, mais de um eclesiástico acumulou as dignidades da Igreja com aquelas da Franco-Maçonaria, e achava-se isso muito natural! Em duas ocasiões já, o Papado, todavia, lançara o anátema contra os Franco-Maçons.

O rumor público havia, com efeito, revelado, ao Papa Clemente XII, a existência de certas sociedades de *Liberi Muratori* ou de *Franco-Maçons*. Fora relatado a Sua Santidade que, “nessas associações, homens de todas as religiões e de todas as seitas, atentos em manter uma aparência de honestidade natural, ligavam-se entre si por um pacto tão estreito quanto impenetrável. Submetendo-se a leis e estatutos feitos por eles mesmos, obrigavam-se, além do mais, por um juramento rigoroso prestado sobre a Bíblia e sob as mais severas penas, a manter escondidas, por um segredo inviolável, as práticas secretas de sua sociedade”.

O Soberano Pontífice, concebendo as mais vivas inquietudes e apelando às luzes de muitos cardeais, reuniu-os com urgência em Roma a 25 de junho de 1737. Não se negligenciou em convocar, nesta ocasião, o Inquisidor do Santo Ofício de Florença que colaborou em muito, sem dúvida, na redação da bula *In eminenti Apostolatus Specula* de 28 de abril de 1738.

Clemente XII parte do princípio que, se as associações maçônicas “não faziam o mal, elas não teriam por que ter aversão à luz”. Ele repassa a seguir em seu espírito “os grandes males que resultam ordinariamente dessas espécies de sociedades ou conventículos, não apenas para a tranquilidade dos Estados, mas ainda para a salvação das almas. Também, diz ele, considerando o quanto essas sociedades estão em desacordo, tanto

A Franco-Maçonaria Tornada Inteligível aos seus Adepts

com as leis civis quanto com as canônicas, e instruído pela palavra divina a velar dia e noite, como fiel e prudente servidor da família do Senhor, para impedir esses homens de introduzir-se na casa como bandidos e devistar a vinha como raposas, quer dizer, perverter os homens de corações simples, e, a favor das trevas, marcar com seus traços as almas puras; para fechar a via tão ampla que daí se poderia abrir às iniquidades que se cometiam impunemente, e por outras causas justas e racionais de nós conhecidas, na opinião de muitos de nossos Veneráveis Irmãos os Cardeais da Santa Igreja Romana, e de nosso pleno poder apostólico, nós resolvemos condenar e proibir essas ditas sociedades chamadas de *Liberi Muratori* ou de *Franco-Maçons*, ou chamadas por qualquer outro nome, como condenamo-las e proibimo-las por nossa presente constituição, que permanecerá válida à perpetuidade”.

O Papa interditou a seguir, aos fiéis, toda espécie de relação com a Franco-Maçonaria, sob pena de excomunhão “pela qual ninguém, exceto em artigo de morte, poderá receber a benção da absolvição de quem não seja outro senão nós mesmos ou o Pontífice Romano então existente”.

Para terminar, foi prescrito ao clero fazer uso de seus poderes contra os transgressores, como fortemente suspeitos de heresia. Eles deveriam ser punidos com as penas que merecessem e, quando preciso fosse, não se deveria hesitar em requerer a intervenção do braço secular.

Esta bula deveria restar sem efeito em França, os magistrados do Parlamento de Paris havendo recusado seu registro. Ela não foi, pois, jamais legalmente promulgada nos estados de Sua Majestade muito cristã, não mais que a Constituição apostólica *Providas*, de Benedito XIV, surgida em 1751. Os Maçons franceses puderam assim acreditar que as interdições pontificais não lhes diziam respeito.

Suspensão dos Trabalhos Maçônicos

No decorrer da tormenta revolucionária, quase todas as Lojas deixaram de se reunir. Acreditava-se então que o ideal da Franco-Maçonaria iria se realizar na sociedade profana, e mais de um Franco-Maçom estimava, com o cidadão Philippe-Éguaité, “que não deveria existir nenhum mistério nem qualquer assembléia secreta em uma República, sobretudo, no início de seu estabelecimento”³⁴. Os tempos não estavam, aliás, para estudos tranqüilos. A luta que inflamava os espíritos oponha-se à procura clama e desinteressada da Verdade. Nessas condições, os clubes políticos, barulhentos e apaixonados, respondiam infinitamente melhor às necessidades dos homens de ação que as Lojas, reservadas ao recolhimento filosófico e à tolerância humanitária. Salvo muito raras exceções, todas as Oficinas maçônicas deixaram, pois, de funcionar a partir de 1793. O regime do Terror fez adormecer o Grande Oriente de França, ao mesmo tempo em que todos os corpos rivais que, a diversos títulos, pretendiam o governo das Lojas.

Em dezembro de 1795, Roettier de Montaleau, um Maçom corajoso e solícito, propôs-se a despertar as Lojas do Grande Oriente que, em número de dezoito, responderam ao seu apelo. Seu exemplo foi seguido por algumas Oficinas da antiga Grande Loja de Clermont que, muito fracas para constituírem uma Potência maçônica autônoma, aceitaram, em 1799, fundir-se com o Grande Oriente. Este se tornou

³⁴ Carta endereçada pelo Grão-Mestre ao Secretário do Grande Oriente a 5 de janeiro de 1793 (Daruty, *Recherches sur le Rite Écossais*, p. 134).

assim transitoriamente o único poder administrativo da Maçonaria francesa.

O Rito Escocês

A unidade deveria ser rompida a partir de 1801 pelo Ir.:*Claude-Antoine Thory*, que se esforçou para reorganizar o antigo *Rito Escocês Filosófico*, comportando dez graus (1. Aprendiz. — 2. Companheiro. — 3. Mestre. — 4. Mestre Perfeito. — 5. Cavaleiro Eleito Filósofo. — 6. Grande Escocês. — 7. Cavaleiro do Sol. — 8. Cavaleiro do Anel Luminoso. — 9. Cavaleiro da Águia Branca e Negra. — 10. Grande Inspetor Comendador). Esse corpo, que se endereçava mais particularmente aos apaixonados da alquimia e do misticismo, manteve-se até 1826. Ele teve sua importância, pois que 75 Lojas trabalharam sob seus auspícios; todavia, um outro “Rito Escocês” estava destinado a suplantá-lo.

Em 22 de setembro de 1804, o Ir.:*de Grasse-Tilly* conseguiu, com efeito, constituir um Supremo Conselho para a França de Soberanos Grandes Inspetores Gerais do 33º e último grau do Rito Escocês Antigo e Aceito. Tratava-se de uma novidade importada de Charleston (Estados Unidos), onde oito graus suplementares foram acrescidos aos vinte e cinco do antigo Rito de Perfeição, propagado na América em virtude de uma patente expedida, em 27 de agosto de 1761, ao Ir.: *Étienne Morin* pelo Conselho dos Imperadores do Oriente e Ocidente.

Para acreditar a inovação, seus autores não temeram atribuí-la a Frederico II, Rei da Prússia, a quem o pretendente Charles-Édouard Stuart passava por haver legado outrora a suprema direção da Maçonaria

Escocesa. Afirmava-se a esse respeito que, a 1º de maio de 1786, o monarca prussiano teria revestido com sua assinatura as Grandes Constituições que apresentavam os 33 graus escoceses.

Os Maçons alemães demonstraram depois à saciedade o caráter apócrifo desse documento, cujo original, de resto, jamais pôde ser produzido. Iniciado em Brunswick, em 15 de agosto de 1738, antes de sua subida ao trono, o grande Frederico não mais se ocupou de Maçonaria senão que a partir de 1744. Ele jamais possuiu mais que os três primeiros graus e sabe-se, atualmente, que ele censurava a complexidade dos altos graus. Entretanto, ignorava-se tudo isso em 1804, e a nova hierarquia de graus foi aceita com solicitude. Eis sua nomenclatura:

1. Aprendiz. — 2. Companheiro. — 3. Mestre. — 4. Mestre Secreto. — 5. Mestre Perfeito. — 6. Secretário Íntimo. — 7. Preboste ou Juiz. — 8. Intendente de Construções. — 9. Mestre Eleito dos Nove. — 10. Ilustre Eleito dos Quinze. — 11. Sublime Cavaleiro Eleito (Chefe das Doze Tribos). — 12. Grão-Mestre Arquiteto. — 13. Real Arco. — 14. Grande Eleito, Perfeito e Sublime Maçom (Antigo Mestre Perfeito dito da Perfeição ou Grande Escocês da Abóbada Sagrada de James VI). — 15. Cavaleiro do Oriente ou da Espada. — 16. Príncipe de Jerusalém. — 17. Cavaleiro do Oriente e do Ocidente. — 18. Rosa-Cruz. — 19. Grande Pontífice ou Sublime Escocês da Jerusalém Celeste. — 20. Venerável Grão-Mestre de Todas as Lojas Regulares (antigo: Grande Patriarca Noaquita). — 21. Noaquita (ou Cavaleiro Prussiano; antigo: Grão-Mestre da Chave da Maçonaria). — 22. Cavaleiro do Real Machado (Príncipe do Líbano). — 23. Chefe do Tabernáculo*. — 24. Príncipe do Tabernáculo*. — 25. Cavaleiro da Serpente de Bronze*. — 26. Trinitário Escocês (Príncipe da Graça)*. — 27. Grande Comendador do Templo*. — 28. Cavaleiro do Sol (antigo 23º: Soberano Príncipe Adepto). — 29. Grande

Escocês de Santo André*. — 30. Cavaleiro Kadosch (antigo 24º: Ilustre Cavaleiro Comendador da Águia Branca e Negra). — 31. Grande Inspetor Inquisidor Comendador*. — 32. Sublime Príncipe do Real Segredo (antigo 25º). — 33. Soberano Grande Inspetor Geral*. (* graus novos).

Como o Grande Oriente praticava então, sob o nome de “rito francês”, um sistema comportando sete graus, dos quais o último, aquele de Rosa-Cruz, correspondia ao 18º do Rito Escocês, os fundadores do Supremo Conselho puderam contentar-se com a colação dos graus que eles chamaram filosóficos (do 19º ao 30º) e administrativos (31º, 32º e 33º). Reservando-se assim, junto à Franco-Maçonaria, um papel de Estado-Maior, o Escocesismo podia assumir-lhe a direção espiritual ou teórica, abandonando ao Grande Oriente todos os cuidados de administração e governo prático.

Uma concordata foi firmada, em 5 de dezembro de 1804, mas suas cláusulas não foram executadas. Houve, pois, ruptura no ano seguinte, logo após a instituição, no Grande Oriente, em 21 de julho de 1805, de um Diretório de Ritos³⁵. Houve, na seqüência, inúmeras tentativas de fusão de ritos e de unificação, por esse meio, da Maçonaria francesa. Mas a divisão deveria manter-se entre os Maçons “Escoceses” e seus IIr.:”Franceses”, uns e outros vangloriando-se de praticar as tradições maçônicas mais puras.

A organização definitiva do Rito Escocês remonta, aliás, a 1821, o Supremo Conselho pondo-se a constituir, a partir desta época, tanto Lojas simbólicas (dos três primeiros graus), quanto oficinas superiores.

³⁵ Tornado, em 1814, *Supremo Conselho dos Ritos*, e depois *Grande Colégio dos Ritos*, Supremo Conselho dos Grandes Inspetores Gerais, 33º e último grau do Rito Escocês Antigo e Aceito para a França e todas as possessões francesas.

A Maçonaria Imperial

Após a Revolução, A Franco-Maçonaria ficou submetida em todos os países, a um regime de estreita vigilância. Para fazer-se tolerar, os Maçons deveram protestar, nas diversas monarquias, sua afeição ao soberano.

Em França, o Primeiro Cônslul esteve a ponto de suprimir a sociedade dos Franco-Maçons. As representações dos IIr.:Masséna, Kellermann e Cambacérès decidiram-no, todavia, a respeitar uma associação que não seria de recear, a não ser que se a obrigasse a esconder-se. Tornado imperador, Bonaparte julgou, pois, mais político autorizar seu irmão José a receber a alta direção da Ordem, aceitando o Grão-Mestrado que lhe foi oferecido. Entretanto, Cambacérès e Murat deveriam ser seus adjuntos, à vista de exercerem uma estreita vigilância em benefício do governo.

A Maçonaria tornou-se assim, de qualquer sorte, uma instituição oficial. Invadida por uma multidão de dignitários do Império, ela deveu abster-se de tudo aquilo que poderia contribuir para a emancipar os espíritos. Não lhe era permitido viver, salvo sob a condição de exibir, em todas as circunstâncias, a mais baixa adulação ao despotismo. Este regime levou ao seu apogeu a prosperidade material do Grande Oriente que, em 1814, contava com 905 Lojas, dentre as quais 73, militares.

Contrariamente a toda expectativa, essas últimas, — freqüentemente muito independentes, — fizeram-se, no estrangeiro, propagadoras dos princípios da Revolução. Oficiais republicanos puderam mesmo conspirar sob a cobertura de fórmulas maçônicas

especiais. Foi assim que uma certa *Ordem do Leão* interveio na tentativa do General Malet que, em 1812, tentou derrubar o Império.

A Maçonaria de adoção, pretexto a brilhantes festas benficiares, facilitou as aspirações da Imperatriz Josefina.

A Restauração

As mudanças dinásticas de 1814 e 1815 encontraram a Maçonaria francesa em deplorável postura. Depois de haver incensado o Império com toda ênfase de uma sinceridade equívoca, acreditou-se dever bajular Luis XVIII por adulações elevadas ao mesmo diapasão. Quando dos Cem Dias, deveu dar meia-volta, pronta a exagerar aclamações frenéticas em favor do segundo retorno do rei legítimo!

Cruéis humilhações fizeram assim expiar a Franco-Maçonaria a falta que ela havia cometido ao sair de sua esfera. Não lhe cabia mais felicitar que censurar governos sob a autoridade dos quais seus adeptos se encontravam colocados, pois que ela constrange todos a respeitar, — sempre e em toda parte, — a ordem estabelecida, qualquer que ela seja. Toda manifestação política lhe é, em consequência, interdita, não menos por sua dignidade, do que pela consciência de sua alta missão educativa e filosófica.

Seria injusto, todavia, mostrar-se muito severo à vista das palinódias, às quais, visto a excepcional dificuldade dos tempos, era impossível escapar. A Igreja, então todo-poderosa, vinha, com efeito, alinhar-se contra a Franco-Maçonaria que o clero denunciava ao ódio de todos os amigos do trono e do altar. O Papa Pio VII vinha de lançar sua bula *Ecclesiam a Jesu Christo*, de 13 de setembro de 1821. Ela era mais especialmente dirigida contra os Carbonários, cuja sociedade era, —

segundo o Papa, — “uma imitação, senão um rebento da Franco-Maçonaria” — “A promiscuidade de homens de todas as religiões e todas as seitas” era um agravo capital aos olhos da Igreja, que temia igualmente ver “dar a cada um, pela propagação da indiferença, em matéria de religião, toda licença para criar uma religião à sua fantasia e segundo suas opiniões, sistema que, talvez, não se pudesse imaginar mais perigoso”.

Quanto à Constituição Apostólica *Quo Graviora*, de Leão XII, aparecida a 13 de março de 1825, limitou-se ela a reproduzir as precedentes condenações, estendendo-as a todas as sociedades secretas, presentes e futuras, que conceberiam projetos hostis à Igreja e aos soberanos civis. Os juramentos prestados pelos espiões são declarados nulos, em virtude da decisão do III Concílio de Latrão que declara que “não se devem chamar juramentos, mas, antes, perjúrios, todas as obrigações contrárias ao bem da Igreja e às instituições dos Santos Padres”. Nada era, aliás, tão tocante quanto a afeição do Papa pelos “Príncipes Católicos”, seus “muito caros Filhos em Jesus Cristo”, a quem ele ama “com uma ternura singular e toda paternal”. Ele os exorta a emprestar-lhe sua mão forte contra pessoas que “são semelhantes a esses homens a quem São João, em sua segunda epístola, proíbe dar a hospitalidade, e a quem ele não deseja que se saúde, e a quem nossos pais não temiam chamar de primogênitos do demônio”. Aos fiéis que fossem tentados a deixar-se envolver nessas seitas criminosas, Leão XII cita a palavra do Apóstolo aos Romanos: “Aqueles que fazem essas coisas são dignos de morte; e não apenas aqueles que as fazem, mas ainda aqueles que se associam àqueles que as fazem”. Para terminar, o Papa abre as portas do arrependimento. Ele conjura os desviados a retornarem a Jesus Cristo, e, “a fim de lhes aplinar uma via fácil à penitência”, ele suspende em seu favor, pelo espaço de um ano, tanto a obrigação de denunciar seus

associados, quanto a reserva de censuras nas quais eles houvessem incorrido, de sorte que todo confessor regular pudesse, momentaneamente, absolvê-los.

Contrariamente àquelas do século XVIII, as novas excomunhões tiveram, em França, seu pleno efeito. Não havia mais corpo jurídico para recusar-lhes o registro e, graças à concordata de 1801, o Papa exercia doravante um poder que não lhe havia sido jamais concedido pela antiga monarquia.

O Reinado de Louis-Philippe

A Franco-Maçonaria não havia conspirado contra o governo de Carlos X, mas ela mostrara-se favorável às idéias liberais que prevaleceram em 1830. A monarquia constitucional fez dela um crime e mostrou-se mais inquietante que o regime precedente.

Condenados desde então a uma reserva extrema, os Maçons foram desviados de todo trabalho sério. A política sendo-lhes interdita, esta se tramava fora das Lojas, nas “vendas” dos Carbonários ou sob a cobertura de conventículos mais secretos ainda. As novas idéias, das quais Saint-Simon e Fourier se fizeram apóstolos, discutiam-se, aliás, fora da Franco-Maçonaria, que se mostrava desconfiada a seu respeito. Nessas condições, os templos maçônicos não retiniram mais que ecos de querelas fastigiosas, renovando-se sem cessar entre Grande Oriente e Supremo Conselho. Havia aí com que repelir diversos IIR.:que, retirando-se, obrigaram suas Lojas a adormecer.

Houve, entretanto, tentativas de fusão de ritos, primeiro em 1819 e 1826, depois em 1835 e em 1841. Se não chegaram a se unir, acabaram,

todavia, por se tolerarem reciprocamente, e a viver em boa inteligência. A 10 de dezembro de 1830, as duas potências rivais ofereceram, em comum, uma festa brilhante ao General Lafayette.

Um despertar da atividade maçônica pareceu manifestar-se em 1840, pela fundação de uma casa de socorros em favor de Maçons desventurados.

O Grande Oriente tentou, a seguir, socorrer do torpor as Lojas, publicando um boletim trimestral de seus trabalhos (1843). Maçons instruídos encontraram-se assim encorajados a publicar obras sobre a Franco-Maçonaria. Foram levados a mal, porque, impressionada com divulgações declaradas ilícitas, a autoridade maçônica pôs-se a maltratar, da maneira mais desastrosa, primeiro o Ir.:*Ragon*, Venerável da Loja “Les Trinosophes”, autor de um *Curso Filosófico e Interpretativo das Iniciações Antigas e Modernas*, depois o Ir.:*Clavel*, culpado de haver feito imprimir, sem permissão, uma *História Pitoresca da Franco-Maçonaria*.

Mais tarde, o Grande Oriente é bastante mal inspirado para entravar a feliz iniciativa das Lojas da província, que se reuniram em Congresso em La Rochelle, em Rochefort e em Strasbourg (1846), depois em Saintes e em Toulouse (1847).

A Grande Loja Nacional de França

O triunfo da democracia em 1848 devia ter sua repercussão junto à Franco-Maçonaria. Sete Lojas furtaram-se à tutela do Supremo Conselho, para constituírem-se em confederação independente regida por uma *Grande Loja Nacional de França*.

A nova Potência maçônica proclama a soberania das Lojas, cuja autonomia ela garante. Visa à fusão de ritos e declara abolidos os graus superiores, dos quais ela coloca o ritual à disposição dos Mestres.

Esses procedimentos revolucionários não agradam nem ao Grande Oriente nem ao Supremo Conselho, que se recusam a reconhecer a Grande Loja Nacional. Esta, em revanche, consegue travar relações seguidas com a Maçonaria estrangeira.

Mas a nova organização era muito democrática. Ela desagradou à polícia, que pronuncia a dissolução da Grande Loja. Era preciso inclinar-se e, após reunir-se uma última vez em 15 de janeiro de 1851, separa-se, não sem haver erguido um ato de enérgico protesto.

Revisão Constitucional

O primeiro código maçônico regular do Grande Oriente data de 1826. Antes desta época, a confederação não era regida senão que por estatutos remontando a 1773 e pela série de decretos, freqüentemente contraditórios, acolhidos por assembléias sucessivas.

Uma revisão dos estatutos adotados em 1826 teve lugar em 1839; mas, em 1847, foi colocado em estudo um remanejo mais profundo da lei maçônica. Chegou-se assim a um projeto de constituição elaborado por uma comissão especial. Esse trabalho foi submetido, em 1849, à sanção dos representantes de todas as Lojas de França, sem distinção de rito. Todos os Maçons regulares haviam, ao menos, sido convidados a cooperar para com esta reforma, mas, de fato, quase unicamente as Oficinas do Grande Oriente enviaram delegados.

A nova constituição permitia às Lojas exercerem um controle permanente sobre os atos da administração central. Para esse efeito, os mandatários de todas as oficinas da confederação reuniam-se a cada ano durante uma semana, em Assembléia Geral ou Convento, com missão de cotar as medidas de interesse comum, de proceder à eleição de administradores da Ordem, de sancionar a gestão financeira, etc.

Deus e a Imortalidade da Alma

Mesmo declarando que a Franco-Maçonaria vê a liberdade de consciência como um direito próprio a cada homem, e não exclui ninguém em razão de suas crenças, os constituintes de 1849 acreditaram dever proclamar como princípio fundamental da F.:M.: a crença em Deus e na imortalidade da alma.

Essas declarações constitucionais foram, a seguir, julgadas contraditórias.

O Príncipe Lucien Murat

Em 1848, o Grande Oriente abandonou a reserva estrita que a F.:M.: deve se impor em matéria política. Uma delegação oficial havia expressado suas felicitações aos membros do governo provisório.

Esse precedente levou às mais humilhantes atitudes, quando se produziu o golpe de Estado. O Grão-Mestrado, vacante desde 1814, deveu então ser restabelecido em benefício do príncipe Lucien Murat que, imposto pelo governo, foi eleito em 09 de janeiro de 1852.

Esse primo do Imperador quis governar como déspota. A fim de paralisar a ação da F.:M.:, ele suscitou dificuldades financeiras pela aquisição do hotel da Rua Cadet; depois, em 1860, ele não hesitou em fazer intervir a polícia, para assegurar sua reeleição. No voto, todavia, foi o Príncipe Napoleão quem obteve a maioria. Mas uma ordem imperial obrigou os dois príncipes a declinarem a candidatura. O Grão-Mestrado permaneceu, por conseguinte, sem titular até 11 de janeiro de 1862, data de um decreto do Imperador nomeando ele mesmo o Marechal Magnan Grão-Mestre do Grande Oriente.

O Marechal Magnan

Colocando à testa da Maçonaria um de seus cúmplices no golpe de Estado, o Imperador não tinha precisamente em vista favorecer os trabalhos simbólicos.

O novo Grão-Mestre aportou às suas funções uma brutalidade digna de um herói de guerra civil. Ele intimou o Supremo Conselho do Rito Escocês a unir-se, querendo ou não, ao Grande Oriente.

Mas os Maçons Escoceses não se mostraram acessíveis a nenhuma intimidação. Eles tinham à sua cabeça o acadêmico *Viennet*, que respondeu às imposições arbitrárias da criatura do Imperador pela seguinte carta:

Paris, 25 de março de 1862.

Senhor Marechal,

A Franco-Maçonaria Tornada Inteligível aos seus Adepts

Vós me intimais pela terceira vez a reconhecer vossa autoridade maçônica, e esta última intimação veio acompanhada de um decreto que pretende dissolver o Supremo Conselho do Rito Escocês Antigo e Aceito. Eu vos declaro que não me renderei ao vosso apelo, e que tenho vossa decisão por não-existente.

O decreto imperial que vos nomeia Grão-Mestre do Grande Oriente de França, ou seja, de um rito maçônico que existe apenas desde 1772, não vos submete à antiga Maçonaria, que data de 1723. Vós não sois, em uma palavra, como pretendéis, Grão-Mestre da Ordem Maçônica em França, e vós não tendes nenhum poder a exercer em relação do Supremo Conselho que tenho a honra de presidir: a independência das Lojas de minha obediência foi abertamente tolerada, mesmo depois do decreto onde vos sustentais sem ter direito a tanto.

O Imperador unicamente tem o poder de dispor de nós; se Sua Majestade acredita poder nos dissolver, submeter-me-ei sem protesto; mas como nenhuma lei nos obriga a ser maçons contra nossa vontade, permitir-me-ei subtrair-me, por minha conta, a vossa dominação.

Vosso, etc.

Assinado: VIENNET.

Esta atitude enérgica atraiu em direção ao Escocismo os espíritos hostis ao Império, e o Supremo Conselho, a despeito de sua organização pouco democrática, tornou-se desde então um centro de protestos republicanos.

O fracasso do Marechal Magnan fez-lhe conceber uma mais alta idéia da F.:M.: Instruído pouco a pouco por seus conselheiros, tornou-se

finalmente um Maçom sincero, cujo zelo produziu os mais felizes resultados. Esforçou-se ele por reparar todo o mal devido à importuna intervenção de Murat. As finanças do Grande Oriente foram reorganizadas. Depois, como os poderes do Grão-Mestrado haviam sido estendidos de uma maneira abusiva, o marechal fez-se promotor de uma revisão constitucional que restituíu à Assembléia Geral do Grande Oriente o exercício integral do poder legislativo. Ele obteve, além disso, do Imperador, o direito para o Grande Oriente de nomear novamente seu Grão-Mestre. Enfim, sua mudança de atitude foi tão completa que, quando de sua morte, sobrevinda em 1868, ele havia adquirido direito ao reconhecimento dos Maçons.

O General Mellinet

Durante os últimos anos do Império, o Grande Oriente teve à sua testa o General Mellinet, velho maçom, profundamente devotado à F.:M.: que ele serviu tanto com benevolência quanto com firmeza.

A Maçonaria francesa estava então no apogeu de seu prestígio. O anátema fulminado contra ela em muitas ocasiões pelo impetuoso Pio IX valera-lhe as simpatias de todos os espíritos esclarecidos, aos quais o *Syllabus* revoltara.

O Grande Oriente habituara-se a intervir junto a diferentes potências maçônicas cada vez que um princípio humanitário parecesse ignorado. Ele insistiu, junto à Maçonaria prussiana, para que esta anulasse as decisões tomadas à vista de israelitas por ela declarados inadmissíveis na F.:M.: Tentativas foram feitas, além do mais, para levar as Lojas americanas a não recusarem a iniciação aos homens de cor. Enfim, o

Grande Oriente afirmava-se, no exterior, com uma autoridade digna da nação francesa, que se regozijava com a missão cavalheiresca que ela se havia atribuído.

As Lojas, de outra parte, entregavam-se a estudos que tiveram, no interior, uma repercussão considerável. Enquanto o Ir.: *Massol* preconizava a *Moral Independente*, questões de filosofia ou de economia social e política eram em toda parte discutidas com grande liberdade.

A Terceira República

Em 1870, o Ir.: Babaud-Laribièrre não aceitou o Grão-Mestrado senão para preparar a supressão desta dignidade. Os trabalhos maçônicos foram interrompidos pela guerra franco-alemã. Dez Lojas parisienses reuniram-se, todavia, em setembro de 1870, com a intenção de encarregar uma deputação de ir ter junto ao Rei da Prússia, com a finalidade de apelar ao seu coração de Franco-Maçom. Tratava-se de conseguir que suas tropas poupassem mulheres, velhos e crianças, sempre respeitando a propriedade individual, abstendo-se de bombardeios desumanos como aquele de Strasbourg. Sobreexcitada por discussões veementes, a reunião votou um manifesto, declarando o rei e o príncipe real da Prússia “monstros de face humana”, indignos de seu título de Franco-Maçom. Esta iniciativa não teve outro efeito que o de ofender os maçons alemães e o de opor-se, até 1905, à retomada de relações oficiais entre as obediências francesas e aquelas da Alemanha.

Querendo evitar um derramamento de sangue entre francesas, os Maçons parisienses organizaram, a 9 de abril de 1871, uma manifestação

pacífica que chegou até Neully, de onde uma delegação foi para Versalhes sem encontrar, junto ao governo, o espírito de conciliação desejado.

A autoridade alemã havendo exigido, — depois da anexação da Alsácia-Lorena, — que as Lojas da região rompessem qualquer relação com o Grande Oriente de França, essas oficinas preferiram cessar seus trabalhos e dissolverem-se. Seus membros fundaram em Paris a L.:Alsace-Lorraine, e o Grande Oriente rompeu todas as relações com as potências maçônicas do Império Alemão.

Após os desastres que atingiram tão cruelmente sua pátria, os Maçons franceses não desejavam mais que o restabelecimento de seu país. Em presença da catástrofe trazida pelo regime cesariano, todos os seus esforços visaram, daí em diante, ao triunfo da democracia. A causa da F:M: foi identificada àquela da República e, se as lutas eleitorais puderam às vezes ter grande lugar nas preocupações das Lojas, foi porque o estandarte maçônico havia reunido todos os amigos do progresso que se entenderam para frustrar as ciladas da reação e do clericalismo.

O Convento de Lausanne

A Maçonaria Escocesa, — que se fizera muito prejudicial por suas lendas mal fundamentadas e por sua hierarquia pretensiosa, — quis, em 1875, dar-se uma organização internacional. Todos os Supremos Conselhos fizeram-se, para este efeito, representar em Lausanne, onde se prepararam as Grandes Constituições que deveriam reger o conjunto dos Maçons Escoceses.

O Grande Arquiteto do Universo

A Assembléia Geral do Grande Oriente tivera freqüentemente que discutir o artigo 1º da Constituição. Ficou reconhecido, em 1876, que a F.:M.: deve se abster de toda afirmação dogmática. Consultadas sobre a manutenção do parágrafo estipulando que a F.:M.: tem por princípios a existência de Deus e a imortalidade da alma, as Lojas assinaram aos seus mandatários a missão de votar pela supressão desse texto desastroso. O Convento de 1877 modificou, pois, a Constituição no sentido requerido.

Esta decisão acarretou o abandono da fórmula “À Glória do Grande Arquiteto do Universo” que, tradicionalmente, colocava-se à cabeça de todos os documentos maçônicos.

Algumas oficinas quiseram fazer ressaltar, mais tarde, que o voto do Convento de 1877 não implicava, necessariamente, nesta medida. O dogma devia ser afastado, mas uma fórmula essencialmente simbólica não deveria desagradar a ninguém, pois que cada um permanecia livre para interpretá-la segundo suas convicções pessoais.

Mas uma assembléia que não teve senão alguns dias diante dela para pronunciar-se sobre um tão grande número de questões não poderia aportar ao seu exame nem o cuidado nem a competência desejáveis. O simbolismo maçônico restava, pois, mutilado.

No estrangeiro, tomou-se o fato como pretexto para romper com o Grande Oriente de França. A Grande Loja da Inglaterra poderia ceder, com isso, a velhos rancores contra uma Potência maçônica que, por um momento, eclipsara seu prestígio. Do mesmo modo, a Maçonaria sueca deveria, além do mais, ver com maus olhos a propaganda republicana dos

Maçons franceses. Quanto às diversas Lojas dos Estados Unidos, elas foram inspiradas, tanto por seus sentimentos pietistas, quanto por sua animosidade contra uma Potência que quis lhes impor a fraternidade para com os negros. — Os clericais não faltaram, naturalmente, em bradar, nesta ocasião, contra o ateísmo da F.:M:..

A Grande Loja Simbólica Escocesa

Em 1868, 1873 e 1879, O Supremo Conselho excluíra um certo número de Oficinas e de Maçons que se insurgiram contra sua autoridade.

Na seqüência dessas medidas disciplinares, doze Lojas, vítimas de sua simpatia pelas idéias de progresso e de emancipação maçônica, constituíram uma aliança autônoma sob o nome de *Grande Loja Simbólica Escocesa*.

A nova Potência maçônica foi logo reconhecida pelo Grande Oriente e, mais tarde, pelo Supremo Conselho. Não praticava senão os três primeiros graus, ela reivindicando, para as Lojas, o direito de administrarem-se a elas mesmas, baseando-se, essencialmente, sobre o princípio: *O Maçom livre em sua Loja livre*.

A Encíclica “Humanum Genus”

Em sua exortação solene, — “Multíplices inter”, — de 25 de setembro de 1865, Pio IX havia enumerado os atos pelos quais seus predecessores pretendiam exterminar “esta sociedade perversa vulgarmente chamada Maçonaria”. Mas ele constata, com o coração

aflito: “Esses esforços da Sede Apostólica não tiveram o sucesso que se deveria esperar. A seita maçônica não foi nem vencida, nem abatida: ao contrário, desenvolveu-se de tal modo que, nesses dias tão difíceis, mostra-se em toda parte com impunidade e ergue a cabeça com mais insolência que nunca”. Daí, novo anátema, com o qual a Maçonaria não se sentiu pior, ao contrário. Mas, como o Papado não pudesse se resolver a reconhecer a inanidade de suas fulminações, veremos surgir, a 20 de abril de 1884, uma muito longa instrução de Sua Santidade Leão XIII.

O Papa tomou à parte, da Franco-Maçonaria, o que chama de “naturalismo”, em oposição ao sobrenaturalismo revelado à Igreja. Ele aplicou sua eloquência para refutar doutrinas que ele atribui, muitas vezes gratuitamente, aos seus adversários. Mas aquilo que surpreende, da parte de um papa que se quis fazer passar por homem de gênio, é que ele se tornou um eco das mais lamentáveis bisbilhotices. “Aqueles que são afiliados, — diz ele, — devem prometer obedecer cegamente e sem discussão às injunções de seus chefes, manterem-se sempre prontos, — à menor notificação, ao mais leve sinal, — a obedecer às ordens dadas, expondo-se desde logo, em caso contrário, aos mais rigorosos tratamentos e, mesmo, à morte. De fato, não é raro que a pena do último suplício seja infligida àqueles dentre eles que são culpados, seja de haver difundido a disciplina secreta da sociedade, seja de haver resistido às ordens do chefe; e isso se pratica com uma tal habilidade que, na maior parte do tempo, o executar de sentenças de morte escapa à justiça estabelecida para vigiar seus crimes e, para deles, extraír vingança”.

Que homem de bom senso, em nossos dias, aceita ainda semelhantes fábulas? É admissível que se esteja de boa-fé, quando se faz eco de tão ridículas calúnias? Em todo caso, comprehende-se os Maçons do século XVIII que não levaram as excomunhões a sério.

Revisão dos Rituais

As fórmulas tradicionais da F.:M.: haviam cessado de ser compreendidas por um grande número de Maçons. A iniciação real estava perdida. Reclamavam-se, por conseguinte, reformas tendendo a tudo simplificar, sob o pretexto de se colocar em harmonia com o progresso — e, infelizmente, também com a ignorância — do século.

O Grande Colégio dos Ritos do Grande Oriente de França acreditou dar satisfação a todas as exigências, publicando um ritual inspirado nos desejos formulados pelas Oficinas (1886).

Mas o novo ceremonial não foi do gosto dos Maçons instruídos que o julgaram desprovido de todo alcance esotérico. Na sua opinião, muitas Lojas recusaram-se a renunciar aos antigos usos. Outras, ao contrário, abandonaram toda espécie de simbolismo. Daí resultou uma falta absoluta de homogeneidade, contra a qual convinha reagir.

Congressos Maçônicos Internacionais

A Exposição Universal de 1889 devia reunir em Paris um grande número de Maçons estrangeiros. O Grande Oriente quis aproveitar-se disso, para convocar um congresso maçônico internacional, permitindo à Maçonaria francesa justificar-se das acusações dirigidas contra ela desde 1877.

Os motivos das decisões tomadas nesta época foram expostos de acordo com os documentos oficiais, de maneira a bem estabelecer que, se

a F.:M.: se recusou a tomar por base um dogma, foi porque ela entende planar acima de todas as questões das igrejas e das seitas. Ela tende a dominar todas as discussões, sem tomar partido por nenhuma escola. O templo simbólico não saberia se parecer com qualquer capela estreita: ele não pode representar senão o vasto abrigo sempre aberto a todos os espíritos generosos e valentes, a todos os pesquisadores conscienciosos e desinteressados da Verdade, do mesmo modo que a todas as vítimas do despotismo e da intolerância.

As Potências maçônicas que importava mais convencer não acreditaram, infelizmente, dever responder ao convite do Grande Oriente, cuja situação não ficou esclarecida senão aos olhos das federações amigas. Mas estas, ao menos, se declararam plenamente satisfeitas com as explicações fornecidas, nos termos das quais não foi jamais questão de substituir uma negação materialista por uma afirmação espiritualista, a única preocupação dos Maçons franceses tendo sido a de salvaguardar o princípio da liberdade absoluta de consciência, permanecendo dentro do espírito do artigo primeiro da Constituição de 1723.

O Congresso de 1889 teve, aliás, por resultado prático fazer ressaltar a necessidade de uma organização permitindo aos corpos maçônicos do mundo inteiro entenderem-se e manterem relações freqüentes. Desejou-se primeiro convocar congressos periódicos nos quais todas as Potências maçônicas do mundo deveriam estar representadas. Mas um acordo prévio era indispensável para este efeito; foi o que compreendeu a Grande Loja Suíça “Alpina”, que propôs, em conseqüência, a constituição de um *Bureau Internacional de Relações Maçônicas*.

Esse Bureau não devia entrar em funcionamento senão que a 1º de janeiro de 1903. No intervalo, uma conferência maçônica universal

teve lugar em Ansvers, de 21 a 24 de julho de 1894. Ela foi seguida, em 1896, de uma reunião realizada em Haya por ocasião da célebre conferência diplomática relativa ao desarmamento e à arbitragem entre as nações. A Exposição de 1900 permitiu, a seguir, dar um brilho particular ao Segundo Congresso Maçônico de Paris. Depois veio, em setembro de 1902, o Congresso de Genebra, do qual delegados alemães participaram a título oficioso. Eles deveriam, a seguir, assistir oficialmente ao Congresso Maçônico Internacional de Bruxelas em agosto de 1904 e preludiar, nessas duas circunstâncias, a reconciliação das Grandes Lojas de seu país com a Maçonaria Francesa.

A Grande Loja de França

A cisão da qual a Grande Loja Simbólica Escocesa se originou em 1880 não impediu o Supremo Conselho de persistir em governar como soberano as Oficinas colocadas sob sua jurisdição. As Lojas, entretanto, deveriam, por conseguinte, emancipar-se pouco a pouco de sua autoridade que, a final de contas, não foi reconhecida senão que em teoria. Esse relaxamento teve uma repercussão tão ruinosa sobre o tesouro central, que a gestão financeira do Supremo Conselho ergueu críticas, as quais serviram de pretexto a algumas oficinas pouco empenhadas em quitar suas dívidas.

Para sair da dificuldade, o Supremo Conselho consentiu em outorgar às Lojas sua autonomia administrativa (Decreto de 7 de novembro de 1894). Logo, os delegados de todas as Lojas escocesas, dissidentes ou não, resolveram constituir-se em *Grande Loja de França*. Esta nova federação deveria reunir as Lojas colocadas até então sob a

obediência do Supremo Conselho àquelas que formavam a Grande Loja Simbólica Escocesa. A fusão foi imediatamente aceita a princípio; mas, em 23 de fevereiro de 1895, acreditou-se dever adiá-la até o momento em que ambos os grupos houvessem liquidado, cada um, sua situação financeira. A unidade da Maçonaria Simbólica Escocesa não foi assim realizada senão que em 1897. Ainda então não houve imediatamente fusão efetiva entre os elementos que haviam consentido em associar-se. Longo tempo ainda cada um deles deveria conservar sua individualidade, com suas tendências próprias, freqüentemente contraditórias, no seio da nova organização.

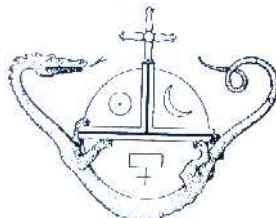
Esta teve assim um começo difícil, porque, aos antagonismos a conciliar acrescentava-se a necessidade de substituir pela ordem a anarquia nas relações entre as Lojas e a autoridade central. Graças a concessões recíprocas, a harmonia foi, entretanto, mantida sempre e progressivamente consolidada. Os Maçons devotados que presidiram aos destinos da Grande Loja de França souberam, além do mais, inspirar confiança, dar às Lojas hábitos de regularidade, assegurando, por esse fato, o bom funcionamento administrativo da federação.

Eles compreenderam, aliás, que a Grande Loja de França poderia prepara-se um brilhante amanhã, estabelecendo relações fraternas com todas as potências maçônicas reconhecidas como regulares. No interesse dessas relações, a Grande Loja tomou o cuidado de não se afastar em nada das tradições simbólicas da Maçonaria universal. Ela acreditava assim poder entrar oficialmente em relação com todas as outras Grandes Lojas, e tentativas foram feitas em consequência. Foi-lhe então objetado não ser plenamente soberana e independente, pois que, com o objetivo de permanecer “escocesa”, ela continuava a trabalhar “em nome e sob os

A Franco-Maçonaria Tornada Inteligível aos seus Adepts

auspícios do Supremo Conselho do Rito Escocês Antigo e Aceito para a França e suas Dependências”.

Esta objeção foi levantada por um decreto do Supremo Conselho dado a 26 de julho de 1904, em seguida ao qual a Grande Loja de França pôde proclamar-se estritamente autônoma, independente e soberana. Foi então possível à Federação Francesa de Lojas do Rito Escocês entrar em relações de amizade com numerosas Potências maçônicas estrangeiras e, em particular, com a União das Oito Grandes Lojas Alemãs.



A *Velha Serpente*, onde turbilhona de modo impetuoso a substância primordial viva, é o suporte do mundo, ao qual ela fornece ao mesmo tempo os materiais de sua construção e a energia construtiva que beneficia a inteligência coordenadora. Esta se desdobra em Espírito-Razão (Sol) e Alma-Imaginação (Lua), que combinam sua ação para limpar o Tártaro, matéria que se presta ao ciclo das transmutações provocadas pela Arte hermética. Assim se explicam os sinais traçados sobre o globo cósmico, dominado, a justo título, pela cruz que desenham quatro cetros, permitindo comandar os elementos para a realizar o ideal: *Ordo ab chao*.

O Amanhã da Franco-Maçonaria

É preciso conhecer muito mal a Franco-Maçonaria para ver nela uma instituição obsoleta, prestes a dissolver-se, depois de haver realizado a parte mais essencial de sua tarefa. Um exame sério da questão levaria, de preferência, a concluir que, longe de estar prestes a morrer, a F.:M.:, por assim dizer, ainda não viveu, que ela mal saiu de seu período infantil. Nascida ontem, enquanto instituição histórica, desenvolveu-se, cresceu, mas não atingiu ainda a idade adulta, a fase que permite aos seres tomar posse de si mesmos.

Como Hércules, ela pôde, estando ainda no berço, sufocar as serpentes que uma deusa invejosa havia excitado contra ela. Mas essa façanha não é nada em relação aos trabalhos que lhe incumbe realizar.

A F.:M.: é chamada a refazer o mundo, e a tarefa não está acima de suas forças, desde que ela se torne aquilo que deve ser.

Poderá ela tornar-se? Seguramente, pois que tem a faculdade de se aperfeiçoar e de adquirir tudo aquilo que lhe falta!

Ora, aquilo que lhe faz mais falta é a consciência de si mesma. Ela é como o adolescente que sente despertar em si o sentido do pensamento. Os Maçons não agiram, até agora, senão por instinto: eles foram guiados por sentimentos mais ou menos confusos de preferência ao discernimento racional. Mas já a razão se manifesta neles, por esse espírito de revolta que os leva a perguntar: “por quê?”.

Recusando-se a se submeter aos usos unicamente porque eles são antigos, cada qual quer saber aquilo que os justifica. É, pois, o momento de fazer compreender a Maçonaria. Ela não deve mais se contentar em ser simplesmente *simbólica*, é preciso que ela se torne *iniciática*.

E quando os Maçons forem instruídos, quando eles forem *Iniciados* reais, *Pensadores* em toda força do termo, então, qual será o seu poder? — Eles já fizeram tanto, mesmo agindo inconscientemente, que se pode esperar deles obras gigantescas, transformações modificando a face das coisas e assegurando a salvação coletiva dos homens.



Hércules criança. A personalidade que quer viver deve sofrer a prova das correntes da vida geral figuradas pelas serpentes de Juno. Fixando essas forças hostis, o germe que se desenvolve se esforça e assegura seu crescimento.

A Iniciação Maçônica

Os Três Graus

A F.:M.: visa a formar *Iniciados*, ou seja, *homens* na mais alta acepção da palavra. Ela se esforça por desenvolver o indivíduo,

ensinando-lhe a conquistar as mais nobres prerrogativas da natureza humana. De um ser ignorante e grosseiro ela faz um pensador e um sábio.

Mas semelhante transformação não saberia cumprir-se imediatamente: ela exige um trabalho sustentado que se realiza em três fases.

Trata-se, em primeiro lugar, de proceder a uma sorte de limpeza intelectual e moral, tendo por objetivo desembaraçar o espírito de tudo aquilo que impede a luz de chegar até ele. Daí as *purificações* que deve sofrer o *Aprendiz*; elas o conduzem a ver a luz.

Mas não se deve contentar-se, simplesmente, com reconhecer a verdade. Importa, sobretudo, agir conforme a razão: este é o meio de atrair a luz para si, a fim de impregnar-se dela inteiramente. O simbolismo do grau de *Companheiro* relaciona-se a esta *iluminação* própria ao verdadeiro *Iniciado*.

O homem plenamente esclarecido que consegue se saturar de luz torna-se, a seu turno, um foco luminoso. Ele irradia, ele esclarece os outros, ele se encontra, por este fato, revestido da dignidade de *Mestre*.

Desta criação do homem por ele mesmo nasce o homem aperfeiçoado ou o *Filho do Homem* do Evangelho. O trabalho desse aperfeiçoamento está representado pela *Grande Obra* dos filósofos hermetistas. O Maçom deve, pois, operar sobre si mesmo uma transmutação semelhante àquela dos alquimistas. O ouro é o símbolo daquilo que é puro e perfeito. Incumbe ao *Aprendiz* realizar a primeira parte da *Obra dos Filósofos*: o ritual do grau traça-lhe um programa fiel das operações a efetuar com esse objetivo.

Os Metais

O profano que se apresenta para ser admitido na F.:M.: é primeiramente introduzido num lugar retirado, onde se o convida a despojar-se de todos os objetos metálicos que traz com ele: dinheiro, jóias, armas, condecorações, etc., tudo deve ser entregue ao Ir.: Preparador.

Os metais representam nisso tudo aquilo que brilha com um clarão enganoso. Quando o espírito é inexperiente, deixa-se facilmente seduzir pelas noções falsas comumente admitidas. O pensador deve desconfiar das opiniões que recebe. A moeda corrente dos preconceitos vulgares constitui uma riqueza ilusória que o sábio aprende a desprezar. É preciso fazer-se pobre em espírito, se se quiser entrar no Reino dos Céus, ou seja, se se quiser ser iniciado e chegar a conceber a verdade. Está-se mais perto disso quando nada se sabe, do que quando se permanece fixado a erros. Mais vale nada possuir a ter dívidas.

O homem que aspira a ser livre deve aprender, aliás, a desligar-se das coisas fúteis. Os antigos sábios desprezavam o luxo. A razão prescrevia-lhes reduzir suas necessidades ao estritamente necessário e procurar a riqueza na ausência de desejos imoderados. Quem vive contente com nada possui todas as coisas.

O Iniciado, todavia, não está obrigado a fazer voto de pobreza. Ele deve simplesmente lembrar-se de que a cupidez é o pivô de todos os vícios anti-sociais. É o grande elemento de desordem que as antigas cosmogonias representam sob a figura de uma serpente. A ambição individual provoca a ruptura da harmonia geral. Ela fez expulsar a humanidade do Éden, ela destruiu a Idade de Ouro.

O pensador deve colocar-se ele próprio nas condições de pureza e de inocência que se atribuem ao estado de natureza.

É retornando à simplicidade da mais tenra idade que se realizam as condições mais favoráveis à procura desinteressada da verdade.

A Câmara de Reflexões

Para aprender a pensar é preciso isolar-se e abstrair-se. Chega-se aí, entrando em si mesmo, olhando *para dentro*, sem deixar-se distrair com aquilo que se passa *fora*.



Os Emblemas da Câmara de Reflexões. Entremos em nós mesmos, aprofundemos, façamos abstração das aparências exteriores e penetremos até o esqueleto da realidade despojada de todo ornamento sedutor. Quando Saturno houver assim realizado sua obra, o Galo de Mercúrio despertará nossa inteligência, aberta, desde então, às verdades iniciáticas.

Os antigos compararam esta operação a uma descida aos infernos. Trata-se, para o pensador, de penetrar até o centro das coisas, a fim de chegar a conhecê-las em sua essência íntima. O espírito deve aprisionar-se nas entranhas da terra, onde não se infiltra nenhum raio de luz exterior (pelos noções que nos fornecem os sentidos).

No seio dessas trevas absolutas, a lâmpada da razão esclarece apenas fragmentos do esqueleto que parecem evocar espetros.

Esses restos de ossos figuram a realidade, tal como ela aparece despojada de seus ornamentos sensíveis. É a verdade brutal, privada do véu das ilusões, a verdade toda nua que se esconde no fundo de um poço.

Esse poço, que chega ao centro do mundo, é o interior do homem. É-lhe feita alusão na palavra VITRIOL, cuja interpretação era um grande segredo entre os alquimistas. As letras das quais ela se compõe recordavam-lhes a fórmula: *Visita Interiora Terrae, Retificando Invenies Occultum Lapidem* (Visita o interior da terra e, em retificando [pelas purificações], tu encontrarás a Pedra oculta dos Sábios).

Esta *Pedra*, a famosa *Pedra Filosofal*, não é outra coisa senão que a *Pedra Cúbica* dos Franco-Maçons. É a base de certeza que cada um deve procurar em si mesmo, a fim de possuir a pedra angular (o núcleo de cristalização) da construção intelectual e moral que constitui a Grande Obra.

Nos mistérios de Ceres a Eleusis, o Recipiendo representava a semente enterrada no solo. Ela aí sofria a putrefação, a fim de dar nascimento à planta virtualmente encerrada no gérmen. O profano submetido à *Prova da Terra* é, de maneira semelhante, chamado a colocar em jogo as energias latentes que traz em si mesmo. A iniciação tem por objetivo favorecer a plena expansão de sua individualidade.

O *cárcere subterrâneo* do futuro iniciado contém um pão e um cântaro com água. É a reserva alimentar que, no fruto e no ovo, serve para nutrir o gérmen em estado de desenvolvimento. O sábio deve aprender a contentar-se com o necessário, sem se tornar escravo do supérfluo.

Os muros da cripta trazem inscrições, tais como as seguintes:

Se a curiosidade aqui te conduz, vai-te!

Se temes ser esclarecido sobre teus defeitos, estarás mal entre nós.

Se és capaz de dissimulação, treme, serás descoberto.

Se te aténs às distinções humanas, sai, não se as reconhece aqui!

Se tua alma sente o terror, não vá mais longe!

Se perseverares, serás purificado pelos elementos, sairás do abismo das trevas, tu verás a Luz!

Essas sentenças estão agrupadas em torno de um *Galo* e de uma *ampulheta*, emblemas pintados que acompanham as palavras: *Vigilância* (sobre tuas ações), *Perseverança* (no bem).

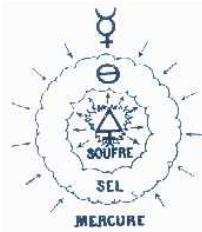
A Ampulheta é um atributo de Saturno, o Tempo, que corre dissolvendo todas as formas transitórias (putrefação, — cor negra dos Alquimistas).

O Galo faz alusão ao despertar das forças adormecidas. Ele anuncia o fim da noite e o triunfo próximo da luz sobre as trevas.

O Sal e o Enxofre

O Ritual prescreve colocar, diante do Recipiente, dois vasos: um deles contendo Sal, outro, *Enxofre*.

Esta prática não pode se justificar senão que pela teoria dos três princípios alquímicos: *Enxofre*, *Mercúrio* e *Sal*.



O *Enxofre* corresponde à energia expansiva que parte do centro de todo ser (Coluna J.:). Sua ação opõe-se àquela do *Mercúrio*, que penetra todas as coisas por uma influência vinda do exterior (Coluna B.:). Essas duas forças antagônicas se equilibram no *Sal*, princípio de cristalização que representa a parte estável do ser.

O pensador não pode se recolher, senão se isolando das influências mercuriais. Eis por que, na Câmara de Reflexões, o *Enxofre*, princípio de iniciativa e de ação pessoal, deve unicamente agir sobre o *Sal*, símbolo de tudo aquilo que, do ponto de vista intelectual, moral e físico, constitui a própria essência da personalidade.

O Testamento

Os emblemas fúnebres da câmara de reflexões devem recordar o fim necessário das coisas, a fragilidade da vida humana e a vaidade das ambições terrestres. O Profano, depois de haver-se suficientemente absorvido nessa ordem de idéias, é convidado a responder por escrito a três perguntas, versando sobre seus deveres de homem *em relação a Deus, em relação a ele mesmo e em relação a seus semelhantes*.

Esta divisão ternária de todas as nossas obrigações morais está baseada nos três princípios alquímicos dos quais acabamos de falar.

Deus é aqui o ideal que o homem traz em si mesmo. É a concepção que ele pode ter do Verdadeiro, do Justo e do Belo, é o guia supremo de suas ações, o Arquiteto que preside à construção de seu ser moral. — Não se trata aqui do ídolo monstruoso que a superstição forja sobre o modelo dos déspotas terrestres. — A divindade está representada

no homem por aquilo que aí existe de mais nobre, de mais generoso e de mais puro. Trazemos em nós um Deus que é nosso princípio pensante. Dele emanam a razão e a inteligência, coisas interiores que os hermetistas relacionaram ao *Enxofre*. (O sol oculto que brilha na morada dos mortos — Osíris — Serápis — Plutão — a Coluna J.:, centro da iniciativa e da ação expansiva).

Os deveres em relação a si mesmo são relativos ao *Mercúrio*, que figura a influência penetrante do meio ambiente. Ora, tudo está necessariamente compreendido na reunião do *conteúdo* (Enxofre), do *continente* (Sal) e do *ambiente* (Mercúrio). As três questões colocadas abrangem, pois, todo o domínio da moral universal.

Resolvendo-as, o pensador não deve ater-se à teoria. Renunciando a todas as fraquezas do passado, incumbe-lhe morrer para a vida profana, e renascer para um modo superior de existência. O Recipiendo prepara-se para esta morte simbólica, redigindo seu testamento, ato no qual ele consigna as vontades que se tornarão executórias para o futuro Iniciado.

Preparação do Recipiendo

A planta que atravessa a superfície do solo abandona na terra as crostas que protegiam o grão. A criança, em seu nascimento, despoja-se do mesmo modo dos envoltórios que continham o feto. Por analogia, o Profano não sai da Câmara de Reflexões, senão em aí deixando algumas de suas vestes.

Ele se encontra então com o coração a descoberto, o joelho direito posto a nu e o pé esquerdo descalço.

Tem o lado esquerdo do peito descoberto, para provar que nenhuma restrição egoísta deve isolar o Maçom do resto de seus Irmãos.

O joelho direito é posto a nu, para revelar os sentimentos de piedade filosófica que devem presidir a procura da Verdade.

Quanto ao pé sem calçado, ele recorda o uso dos Orientais, que se descalçam antes de pisar o solo de um recinto sagrado. É, além do mais, um símbolo que se encontra na lenda de Jasão.



O Recipiendo nem nu nem vestido, mas em estado decente, e privado de todos os metais.

Esse herói, — havendo encontrado à margem de um rio uma velha mulher desejosa de atravessar a água, — não hesitou em tomá-la sobre os ombros, para depois colocá-la na margem oposta. Imagine-se a surpresa do jovem rapaz que viu então a anciã de traços fanados tomar, subitamente, o aspecto majestoso de Juno, a rainha do céu. Em recompensa de sua boa ação, a deusa promete-lhe protegê-lo em todas as empresas. Jasão perdera uma de suas sandálias no leito do rio, mas, contente de sua aventura, não se importou com isso e entrou na cidade vizinha com um pé descalço. Ora, um oráculo havia advertido Pélias, o rei do país, de que desconfiasse de um homem que não teria senão um calçado. Inquieto à vista de Jasão, perguntou-lhe: “Que farias tu com um

cidadão que uma profecia te houvesse denunciado como devendo atentar contra tua vida?” “Eu o enviaria a procurar o Tosão de Ouro”, respondeu Jasão, pronunciando assim sua própria sentença. — A perda de um calçado torna-se assim a causa da expedição dos Argonautas, empresa iniciática traduzida em mito poético.

A Porta do Templo

Privado de seus metais, despojado de uma parte de suas vestes e com os olhos cobertos por uma espessa venda, o Profano é admitido a bater na porta do santuário. Seus golpes ressoam de maneira desordenada e vem a perturbar os trabalhos interiores. Interrogado, ele manifesta sua intenção de ser recebido Maçom e faz constatar que ele é *nascido livre e de bons costumes*.

Esta constatação faz-lhe conceder a entrada no Templo. A porta se abre com estrondo e, para franquear o umbral, o Profano curva-se até o cão.

Na Antiguidade, obrigava-se o Recipendário a rastejar através de um conduto fechado, à imitação da criança que vem ao mundo. (A Câmara de Reflexões figura a matriz onde se desenvolve o gérmen. A criança aí deixa as membranas que a continham; depois, ela vem ao mundo na seqüência de um supremo esforço. Ela é retida pelo cordão umbilical que lembra a corda que, nas Lojas inglesas, é pendurada no pescoço do Recipendário).

Nas iniciações modernas, quer-se, sobretudo, fazer compreender que toda ciência verdadeira é filha da humildade. O ignorante presunçoso acredita tudo saber e não experimenta qualquer necessidade de instruir-se.

Realiza-se, pois, um primeiro progresso, dando-se conta de que nada se sabe.



A Prova da Espada. O Recipiendo era outrora introduzido em Loja com uma corda no pescoço. Um nó corrediço o estrangulava assim, se ele tentasse recuar, enquanto estava, ao mesmo tempo, impedido de avançar, pela ponta afiada que lhe picava o peito.

Muitos Maçons imaginam conhecer a Maçonaria, quando nem mesmo supõe a existência desses mistérios e de seu esoterismo. Estes não souberam se inclinar, em penetrando no santuário, onde se comportam como intrusos e profanadores.

O Recipiendo é introduzido no Templo com os olhos vendados. Ele nada vê, mas pode *sentir*. É isso o que se dá entender, fazendo-lhe apoiar contra o peito a ponta de uma espada. Existem verdades de ordem intuitiva que se adivinham e se percebem *sem que elas sejam expressas*.

A espada flamejante é o símbolo do Verbo, falando de outro modo, do pensamento ativo. É a única arma do Iniciado, que não saberia vencer senão pelo poder da idéia e pela força que ela traz em si mesma.

Primeira Viagem

O homem que se exercita em pensar caminha primeiro cegamente. Ele não avança senão tateando, tropeçando a cada passo em obstáculos

que não saberia superar sem a ajuda de protetores esclarecidos. O Recipiendo, partindo do *Ocidente* (o domínio dos fatos, a realidade objetiva, o mundo sensível), aventura-se através das trevas da região do *Norte*. Ele se introduz nesta floresta escura descrita por Dante e citada por Virgílio como escondendo o ramo de ouro que propicia a Enéas o acesso aos Infernos.

Esse ramo consagrado a Proserpina é a faculdade de *indução*, que leva o espírito a generalizar os fatos observados. Esta operação mental pode conduzir às mais falsas hipóteses. — O pensamento humano começa por cair de um erro a outro. São estes armadilhas e ciladas que a inteligência deve conseguir evitar. — A luta é longa e penosa. Ela conduz o Recipiendo até o *Oriente* (o domínio da abstração, a realidade subjetiva, o mundo inteligível). Noções racionais e sintéticas parecem então dar conta dos fatos. Daí decorrem as *deduções*, ou seja, um retorno rumo ao *Ocidente* (os fenômenos sensíveis) pelo caminho do *Meio-Dia*.

O caminho de retorno não é mais semeado de espinhos como era o de partida. Mas o viajante impõe-se as mais duras fadigas para escalar laboriosamente o cume de uma montanha íngreme. Mal se felicita por haver atingido uma altura de onde domina vastas regiões, é subitamente assaltado por uma tempestade violenta. O raio ruge, o solo treme e o granizo abate o imprudente que, finalmente, é arrastado pelos turbilhões de um vento furioso e precipitado através do espaço até o lugar de onde partiu. É a purificação pelo *Ar* das antigas provas iniciáticas. O sopro impetuoso da opinião geral faz abater o andaime factício das teorias pessoais



A Casa de Deus. O arcano XVI do Tarô faz alusão às empresas químéricas das quais não poderia resultar senão ruína e decepção.

O Tarô, esse livro hieroglífico que nos foi conservado sob a forma de um jogo de cartas, retrata-nos esta prova na décima sexta lâmina. Vê-se aí um homem projetado do alto de uma torre (aquele de Babel?) que o fogo do céu decapitou.

Do ponto de vista moral, a primeira viagem é o emblema da vida humana. O tumulto das paixões, o choque de diversos interesses, a dificuldade dos empreendimentos, os obstáculos que multiplicam, sob nossos passos, concorrentes apressados em nos prejudicar e sempre dispostos a nos repelir, tudo isso está figurado na irregularidade do caminho que o Recipiendo percorreu e pelo ruído que se faz em torno dele.

Ele escala com dificuldade uma altura de onde seria precipitado num abismo, se um braço protetor não o houvesse segurado. Isso indica como, isolado, entregue aos seus recursos individuais e unicamente preocupado em vencer na vida, freqüentemente, damo-nos a muito

trabalho, para não colher senão ruína e decepção. O egoísmo é um guia enganoso que conduz às mais desastrosas decepções.

Segunda Viagem

Um primeiro fracasso não deve desencorajar. O pensador decepcionado esforça-se por discernir a causa de seus erros; depois, volta sobre seus passos. Mas ele avança com circunspeção, porque a experiência o tornou desconfiado. Por temor às antigas ciladas, ele hesita, ele pára às vezes, e caminha, ora depressa, ora lentamente. Uma grande incerteza pesa sobre seu espírito. Falta-lhe confiança em si mesmo e recua diante das conclusões imprevistas às quais é conduzido.

Para devolver ao Recipiendo sua segurança, faz-se-lhe sofrer a purificação pela Água. É uma espécie de batismo filosófico que lava toda impureza. Todas as fantasmagorias que falseiam a imaginação devem ser arrastadas pelas ondas desse rio que Hércules fez correr através dos estábulos de Áugias.

O Iniciado também deve saber resistir ao arrastar das correntes às quais, na vida, se abandonam as naturezas vulgares. Pertence-lhe, em particular, pensar por si mesmo, sem se tornar escravo das opiniões de outrem.

Ao ruído atordoante da primeira viagem, sucede um tinir de armas, emblema dos combates que o homem é constantemente forçado a sustentar, para repelir as influências corruptoras que o perseguem e pretendem dominá-lo. Ele deve lutar sem cessar para subtrair-se à tirania das tendências viciosas. O sábio, entretanto, saberá manter-se distante dos conflitos desencadeados ao seu redor pelas paixões egoístas. Ele

atravessará imperturbável o campo de massacre onde se contrariam os interesses opostos, guardando-se bem, sobretudo, de deixar-se seduzir pelos ambiciosos sem escrúpulos que sabem lisonjear os apetites e atrair os ódios em seu único proveito.

Mas não lhe é suficiente abster-se do erro e do vício. As virtudes negativas, indícios, todavia, de uma sabedoria muito rara entre os homens, estão longe, eles apenas, de conferir direito ao título de *Iniciado*. Uma última prova resta a sofrer, e é a mais temível.

Terceira Viagem

Para contemplar a Rainha dos Infernos, quer dizer, a verdade que se esconde dentro de si mesmo o Iniciado deve franquear uma tripla muralha de chamas. É a prova do *Fogo*: o Recipendário impassível, que avança com um passo firme, chegando ao objetivo são e salvo, após haver sido envolvido três vezes por um manto ardente. Ele caminha sem dificuldade, sem chocar-se contra qualquer obstáculo, e não ouve ruído algum.

A facilidade desta viagem é um efeito da perseverança do candidato, que soube opor a calma e a serenidade ao fogo das paixões (chamas). Ele é tornado apto a julgar de maneira sã; é isso que lhe permite penetrar até o foco central do conhecimento abstrato simbolizado pelo Palácio de Plutão (Coluna vermelha junto à qual o Aprendiz recebe seu salário).

O Iniciado permanece em meio às chamas (paixões ambientes) sem ser queimado, mas ele se deixa penetrar pelo calor benfazejo que daí se destaca. O entusiasmo esclarecido é uma força da qual é preciso tirar

partido, porque apenas ela comunica a energia necessária à realização das grandes coisas. Um ardor vivo, mas sabiamente governado, deve levar o Iniciado em direção a tudo aquilo que é nobre e generoso. Pertence-lhe, sobretudo, jamais deixar se extinguir, em seu coração, o fogo de um amor profundo por seus semelhantes. Uma irradiação de simpatia desprende-se dele assim, para cercá-lo de uma atmosfera saturada de benevolência, auréola de energias ocultas, permitindo operar os mais inesperados prodígios.

O Cálice da Amargura

Todo progresso intelectual amplia nossa responsabilidade moral. Nada se pode exigir do ser inconsciente; mas o pensador contrai deveres, tanto mais extensos, quanto mais ele avança no conhecimento do bem e do mal. Aquele que bebe do copo do saber aí esgota um líquido fresco e doce que, tornado subitamente amargo, retoma finalmente sua primitiva doçura.

É assim na vida do Iniciado. A despreocupação própria aos seres vulgares é-lhe interdita. O homem esclarecido não tem o direito de viver apenas para si mesmo: ele deve a si mesmo aos seus semelhantes e, longe de cuidar apenas de seus interesses pessoais, ele traz consigo, doravante, todo peso das misérias de outrem. É um encargo opressivo para o homem de coração que se consagra, e do qual as intenções são ignoradas. Seu desinteresse é uma anomalia aos olhos dos egoístas; por conseguinte, sua conduta é suspeita, e suas ações são travestidas; ele é caluniado, perseguido, abandonado, traído e desprezado por todos.

Cheio de amargura, o justo é então tentado a desesperar-se e arrisca-se a sucumbir, esmagado pela ingratidão dos homens.

Mas esta suprema prova não saberia surpreender o Iniciado. Longe de deixar-se abater e de repelir o cálice fatídico, ele deve tomá-lo, decidido a esvaziá-lo até as fezes.

É então que o líquido acre e ardente transforma-se numa bebida reconfortante. O Iniciado bebe as águas de Leteo. Ele esquece as injúrias, ele não sente mais as penas e, persistindo em sua abnegação, ele reencontra em meio aos tormentos da vida toda sua serenidade de espírito. Gozando, doravante, da paz dos sábios, ele é admitido às delícias dos bosques Elíseos. Sua grandeza moral eleva-o a uma altura onde a cólera dos maldosos não saberia mais atingi-lo. Os eventos mais cruéis não têm mais poder sobre ele. Ele está acima de tudo: verdadeiramente livre e digno do título de INICIADO.

A Beneficência

Informando ao Recipiente que ele acaba de ser definitivamente admitido na F.:M.:, ele é convidado a entrar na *cadeia de união* dos Maçons. Isto não possível senão realizando, com eles, ato de solidariedade, pela participação nas obras de beneficência da Ordem. A vida maçônica inaugura-se, pois, por uma doação voluntária que cada um proporciona segundo seus meios, e cujo valor permanece ignorado.

É com tato e discrição que devemos ajudar aos nossos irmãos. Eles têm direito à nossa proteção, porque aqueles a quem falta o necessário são credores dos que gozam do supérfluo. A beneficência é, pois, pura justiça. Ela deve cumprir-se como um dever de solidariedade,

sem jamais servir de pretexto a atos de ostentação ou de vaidade, fontes de orgulho para aquele que dá e de humilhação para aquele que recebe.

Todos nós podemos ser úteis uns aos outros. Cada um tem necessidade de todos, e quem se recusasse a socorrer seu semelhante se excluiria a si mesmo, por este único fato, da comunicação com os Iniciados.

A Luz

Após haver cumprido seu primeiro dever de Maçom, o Neófito é conduzido ao altar, onde termina de obrigar-se através de um juramento solene.

Ele promete, por sua honra, guardar de maneira inviolável todos os segredos da F.:M.: e jamais revelar qualquer de seus mistérios, a não ser a um bom e legitimo Maçom.

Ele promete aplicar-se, com toda sua inteligência, à procura da Verdade e consagrar todas as suas forças ao triunfo da Justiça.

Ele promete amar seus irmãos e socorrê-los segundo suas possibilidades.

Ele promete, enfim, submeter-se às leis que regem a F.:M.:.

Ele consente em, — tornando-se perjuro, — sofrer as penas que houver merecido e não mais ser considerado senão como um ser vil, sem honra nem dignidade.

O Neófito deverá sempre ter presente, em espírito, a obrigação contraída com plena liberdade. Ele deve estar pronto a renová-la em qualquer ocasião e a sentir-se forçado a observá-la. Com a garantia de que o juramento que ele acaba de pronunciar não lhe traz nenhuma

inquietude, a Luz é-lhe concedida. A um sinal dado, a venda cai dos olhos do Recipiendário, o Templo ilumina-se com um clarão repentino, com o qual o novel Iniciado fica, primeiramente, ofuscado. Mas, desde que sua vista esteja acostumada à luz, ele vê os assistentes de pé e à ordem, apontando suas espadas contra seu peito.

Não é uma ameaça. Por sua atitude, os assistentes anunciam ao novo irmão que eles virão em seu socorro em todas as circunstâncias difíceis em que ele puder se encontrar. As lâminas resplandecentes dirigidas a ele representam, além do mais, a irradiação intelectual que cada Maçom projetará doravante sobre o Neófito. Essas espadas, aliás, são seguras com a mão esquerda, lado do coração, e fazem alusão assim aos eflúvios de simpatia que, de toda parte, se concentram sobre o *recém-nascido*, acolhido com alegria no seio da família maçônica.

O Avental

O Iniciado que acaba de receber a Luz aproxima-se do Oriente para renovar sua obrigação.

O ritual antigo fazia-lhe colocar o joelho direito na terra e a manter a perna esquerda em esquadro (submissão, respeito a tudo aquilo que é eqüitativo e justo). A mão esquerda, mantendo um compasso aberto, dirige uma de suas pontas ao peito esquerdo (perfeita sinceridade dos sentimentos expressos). A mão direita é colocada sobre a espada flamejante do Venerável Mestre, espada esta colocada sobre os estatutos da Ordem ou, mais antigamente, sobre o Evangelho aberto no primeiro capítulo de São João.

O Neófito — havendo confirmado suas obrigações, — o Venerável toma da espada flamejante com a mão esquerda, estende-a sobre a cabeça do Recipiendo e pronuncia a fórmula de consagração, efetuando três golpes de malhete sobre a lâmina. Ele toca, a seguir, com a espada, os ombros do Neófito e dá-lhe o abraço, chamando-o “meu irmão”. Esse é o único tratamento que o novel Iniciado receberá daí em diante.

Ele é, ao mesmo tempo, revestido das insígnias de seu grau, ou seja, de um avental, emblema do trabalho que lembra que um Maçom deve levar sempre uma vida ativa e laboriosa. Não se pode apresentar-se em Loja sem estar revestido desta insígnia. Também grandes homens sentiram-se honrados em cingir um modesto avental de pele de cordeiro.

O pensador aí vê o símbolo do corpo físico, do invólucro material, do qual o espírito deve revestir-se para tomar parte na obra de Construção universal. Pode-se lembrar, a respeito, das “túnica de pele” mencionadas do Gênese. O casal adâmico recebeu-as por vestes, quando foi constrangido a renunciar ao Paraíso (o gozo, a inação, o repouso). Mas, se os antigos textos representam o trabalho como um castigo, pertence à Maçonaria glorificá-lo. O escravo pode maldizer seu labor forçado, mas, ao homem livre, repugnam a preguiça e a ociosidade. Ele experimenta a necessidade de desenvolver sua atividade e encontra grande felicidade na ação constante, fecunda e útil ao maior número.

As Luvas

Na Idade Média, o novel Aprendiz devia oferecer um par de luvas a cada um dos membros da oficina. Na Maçonaria moderna, ao contrário, é o Neófito que recebe dois pares de luvas brancas.

Um lhe é destinado. Ele evitárá, com isso, macular-lhe a brancura, porque as mãos de um Maçom devem permanecer limpas.

O outro par deve ser oferecido, pelo Iniciado, à mulher que ele mais estima.

A F.:M.:, assim, presta homenagem às virtudes de um sexo que ela se recusa a constranger à aridez de seus trabalhos ordinários. A mulher é a sacerdotisa do lar. Ela protege por dentro, enquanto o homem age por fora. Quando ele retorna, mortificado pelos combates da vida, ele extraí novas forças junto de uma companheira devotada que trata de suas feridas. Inteligente, animada de uma coragem de natureza diferente da sua, ela o sustenta em seus desfalecimentos, ela o encoraja em suas empresas generosas e torna-se, assim, sua colaboradora incessante. E, se o homem for tentado a esquecer seus deveres, é à mulher que pertence lembrar-lhe destes. A F.:M.:quis fornecer-lhe um meio poderoso. As luvas brancas recebidas no dia de sua iniciação evocam, para o Maçom, a lembrança de suas obrigações. A mulher que as mostrar, quando ele estiver a ponto de desfalecer, aparecer-lhe-á como sua consciência viva, como a guardiã de sua felicidade. Que missão mais alta se poderia confiar à mulher que se *estima* mais? O Ritual faz observar que não é sempre aquela que se *ama* mais, porque o amor, freqüentemente cego, pode enganar sobre o valor moral daquela que deve ser a inspiradora de todas as obras grandes e generosas.

Goethe, iniciado em Weimar, a 23 de junho de 1780, apressou-se em homenagear, com as luvas simbólicas, a Senhora von Stein, fazendo-lhe observar que, se o presente era ínfimo em aparência, ele apresentava a singularidade de não poder ser oferecido, por um Franco-Maçom, senão que apenas uma única vez na vida.

Restituição dos Metais

O Neófito, — tendo recebido a comunicação dos sinais, toques e palavras que lhe permitem fazer-se conhecer como Aprendiz Maçom, — é conduzido para perto dos Vigilantes que o vão trolhar, fazendo-o executar a marcha no quadrilongo. Ele é, a seguir, proclamado membro ativo da Loja que procedeu à sua recepção e, daí em diante, todos os Maçons do mundo lhe deverão ajuda e proteção.

A assembléia aclama o novel iniciado pela bateria usual; depois, ele é admitido a tomar lugar em frente aos irmãos colocados diante da Coluna do Norte³⁶.

O Venerável exorta-o a merecer, — por sua assiduidade aos trabalhos da Loja e pela prática das virtudes maçônicas, — penetrar mais adiante nos mistérios da Ordem.

Ele faz observar ao Neófito que, pelo espaço de algumas horas, se lhe deu com que refletir durante toda sua vida. A linguagem alegórica da F.:M.: deve, com efeito, ser meditada com cuidado. Os símbolos generalizam aquilo que as palavras especificam. Eles permitem expressar idéias gerais que representam leis imutáveis do pensamento humano. Eles não têm um valor determinado e invariável, mas são susceptíveis, ao contrário, a ser vistos de múltiplos pontos de vista, dando lugar, a cada vez, a interpretações análogas, mas diferentes.

Não se saberia, pois, expor tudo aquilo que pode significar um símbolo. Não há nunca, num símbolo, senão aquilo que se sabe ver. O simbolismo é uma escrita que é preciso aprender a ler. Daquele,

³⁶ A primeira pedra de um edifício deve ser aquela do ângulo norte-leste.

unicamente, — para quem os símbolos não são mais letra morta — pode-se dizer que é um *Pensador* e um real *Iniciado*.

O ceremonial de recepção termina por onde começou: o Iniciado entra na posse dos metais, dos quais o profano havia sido despojado. O falso brilho das coisas não deve mais iludir o homem que foi purificado intelectual e moralmente. Quanto às riquezas, não se trata, de modo algum, de desprezá-las, mas de não as buscar senão à vista de empregá-las no interesse de todos.

A iniciação no primeiro grau constitui por si mesma um ciclo completo: aquele das purificações que ensinam, simbolicamente, o recipiendário a liberar-se dos preconceitos e das imperfeições profanas, a fim de colocar-se em estado de ver a Luz efetivamente.

O novo iniciado não saberia reter, imediatamente, todos os detalhes ritualísticos sobre os quais devem incidir suas *meditações*. Ele não poderá, pois, completar sua iniciação, senão participando daquela de outrem. Esforçando-se em aprofundar o sentido do ceremonial, na medida em que este se desenvolve diante dele, contribuirá, por sua atitude, para tornar mais profundo o recolhimento em meio ao qual se realizam as iniciações.



O Profano, o ser que não pensa. Fantasiado com uma roupa multicor, ele carrega uma sacola repleta de erros e preconceitos. Ele caminha ao acaso, sem discernimento, seguindo apenas suas paixões. O lince, que o morde, figura o castigo de seus vícios. Um crocodilo espreita-o para devorá-lo.

O Louco do Tarô. A inconsciência e o abandono aos impulsos implicam na ausência de toda a real personalidade.

Concepções Filosóficas Relacionadas à Ritualística do Grau de Aprendiz

As Tradições

Certas teorias têm exercido uma influência preponderante sobre o pensamento humano. Um Iniciado não deve ignorá-las. Exporemos, pois, aqui, algumas idéias dos Antigos susceptíveis de esclarecer a questão: *De onde viemos?*

Permanece entendido que a F.:M.: não preconiza nenhuma maneira de ver determinada. Ela solicita o pensamento independente e, para melhor estimular as inteligências, ele evita atirar-lhes como iscas soluções arbitrárias.

Que se tome, pois, muito cuidado com o que se segue. É a título de informações que nos esforçamos por reproduzir as teorias dos antigos hierofantes. Nossa objetivo é o de fornecer um alimento às reflexões daqueles que quiserem pensar, e não o de sustentar uma tese. A F.:M.: repele todo dogmatismo, e não saberia fazer-se defensora de nenhuma doutrina. Ela se recusa a tomar partido, e busca o acordo entre todos os pensadores, porque é deste acordo que surge a Verdade.

A Regeneração

Nada começa e nada termina de uma maneira absoluta. Não há início nem fim senão em aparência. Na realidade, tudo se mantém, tudo continua, para sofrer incessantes transformações que se manifestam por uma série de modos sucessivos de existência.

Esses modos são variados. Tudo aquilo que se realiza *em ato* existiu antes *em potência*. As energias que se agrupam para dar nascimento a um ser subsistiam antes de sua aparição. Todo ser tem, pois, suas raízes na própria origem de todas as coisas.

Considerações desse gênero fizeram ver a vida terrestre de cada ser como a fase particular de uma vida mais extensa. Esta fase não aparece senão como um acidente na vida permanente do ser. O homem parece haver feito sua entrada na cena do mundo como num teatro. Ele se introduz transitoriamente na pele de um personagem (*persona*, em latim, significa *máscara* e, por extensão, *papel*, *ator*). A identificação é tão perfeita que a maior parte dos humanos levam seu papel a sério: eles acreditam, como se diz familiarmente, “que as coisas acontecem”. Maquiados e fantasiados com trajes combinados, eles tomam a linguagem, o tom, os gestos, a manutenção do personagem que estão a representar; depois, representam com tal convicção que se esquecem inteiramente de que, ao cair das cortinas, os atores tiram as máscaras e os ouropéis, para voltarem a ser eles mesmos.

Os Iniciados antigos pretendiam-se acima de semelhantes ilusões, às quais eles julgavam indispensável não destruir entre o vulgo. Para eles, místicos refinados, a vida integral do homem comportava fases alternativas de ação e repouso. A vida presente é um período de atividade material. Mas, antes de nascer, nós já vivêramos num estado imperceptível a nossos sentidos. Estábamos, então, entregues à vida do sonho e, segundo as lembranças conservadas de um precedente período

ativo, éramos presas do pesadelo do remorso, ou gozávamos da doce satisfação do dever cumprido. Era a morada da alma no Reino de Plutão (o mundo invisível).

Mas as penas do Tártaro não eram eternas, e o repouso elísio nada tinha de definitivo. Em um dado momento, a parte persistente do ser encontrava-se chamada a novos destinos terrestres. Havia então se esquecido do passado. O profano era despojado de seus metais. O ser renunciava a tudo o que havia adquirido. Reconstruía-se a si mesmo, retomando-se por base. Ele refazia toda sua evolução, recomeçando pelo começo, e reaparecia de onde primitivamente viera.

Não estão aí senão puras extravagâncias, para quem não se dá ao trabalho de aprofundá-las. Mas o pensador poderá utilmente aproveitar no tesouro dessas veneráveis tradições, sobretudo, se ele possuir algumas noções de embriologia.

A Gênese Individual

Os dados nebulosos do misticismo antigo esclarecem-se, às vezes, de uma maneira nítida e precisa, graças às descobertas da ciência moderna. As idéias dos antigos não devem, pois, ser desdenhadas. Métodos com os quais estamos pouco familiarizados puderam conduzi-los a soluções que se aproximam singularmente das nossas.

Nada de surpreendente nisso! Não há senão *uma* verdade, e é ela que inspira todas as meditações.

Mas a Verdade fundamental altera-se pela expressão. Desde que se a revista de uma forma, sua augusta nudez mascara-se, e a divergências dos pontos de vista manifestam-se. Pertence, desde então, ao Iniciado,

fazer abstração do signo exterior. Em matéria de fórmulas, de teorias, de sistemas, o pensador deve exercer sua penetração de espírito, a fim de discernir o pensamento primitivo que, quase sempre, lhe aparece como uma brilhante Verdade escondida sob um acúmulo de erros.

As alegorias da Câmara de Reflexões relacionam-se plenamente a esta procura do pensamento puro, apreendida em um estado anterior a toda concretude. Este pensamento generalizado, escapando a toda expressão, corresponde à *Matéria Primeira dos Sábios*, ponto de partida da Grande Obra.

Mas vejamos as coisas de outro ponto de vista. Consideremos o óvulo materno que acaba de fixar-se na parede uterina. É uma simples vesícula aquosa no seio da qual a fecundação parece haver acendido um foco de iniciativa (Coluna J.:), de sorte que nele se unem o *Fogo* e a *Água*, ou o *Enxofre* e o *Sal*, como quiseram os antigos ritualistas.

O Recipiendo restava supostamente encerrado durante nove dias no seio da terra. Isso recorda os nove meses da gestação humana. Enquanto durar a prova, o postulante não se alimentará senão que de pão e água; além disso, ele não falará com pessoa alguma. Essas austeridades puderam sugerir a idéia dos retiros religiosos e das novenas.

As Provas

A criança é cega, moral e intelectualmente. Ela começa a viver sustentada por seus próximos, que não poderão abandoná-la a si mesmo senão quando ela estiver na plena posse de suas faculdades.

Estas se desenvolvem pouco a pouco. O homem faz-se progressivamente; suas forças crescem na razão de sua colocação em

obra: as dificuldades que ele encontra são um estimulante. Elas nos abrigam a conquistar aquilo que nos falta. Se tudo se fizesse por si mesmo, nós não teríamos nenhuma razão de ser, porque, como qualquer órgão, não existimos senão à vista da função que devemos preencher. Se não tivéssemos nada a desejar, nada a vencer e nada a conquistar, nosso papel seria nulo. A luta nos forma, ela preside à nossa evolução, e faz de nós aquilo que somos.

A vida, aliás, é uma escola. Não se está nela para divertir-se, mas para fazer-se e para instruir-se. Devemos conquistar nossos graus na hierarquia da existência, e escalar, um a um, os degraus do aperfeiçoamento individual.

Mas trata-se, em primeiro lugar, de atingir a idade adulta. O homem, então, deve haver aprendido a governar as forças das quais dispõe. A construção corporal está acabada; dócil aos impulsos voluntários, o organismo é o instrumento de trabalho do espírito. É uma vestimenta (*avental*) que o homem invisível emprega como um escafandro, para mergulhar no domínio dos sentidos, a fim de aí realizar sua tarefa.

O princípio inteligente libera-se transitoriamente deste aparelho, e perde então todo contato com o mundo sensível. É o caso do sono ou dos estados análogos que interrompem o curso dos trabalhos simbólicos. Estes retomam *força* e *vigor*, desde que retornamos a nós pelo despertar, quer dizer, quando o homem invisível se lembra de cingir novamente o *avental alegórico*.

O homem que chega a possuir-se inteiramente é comparável ao artista que se torna mestre de seu instrumento, a ponto de fazer com ele exatamente o que quer. Nesse estado de harmonia e de acordo perfeito entre o espírito que comanda e o corpo que obedece ocorre que este

A Franco-Maçonaria Tornada Inteligível aos seus Adepts

último se beneficia da experiência adquirida pela parte transcendente do ser. O atavismo, com efeito, não é suficiente para explicar talentos e disposições felizes que certos indivíduos manifestam em tal grau, que parecem recordar aquilo que eles teriam podido aprender numa existência precedente. Esse seria um efeito da *restituição dos metais*.

Por estranhas que possam parecer essas idéias, não tenhamos a presunção de poder repeli-las com muito de desdém.

Elas são susceptíveis de um certo ajuste, e o Iniciado não pode se contentar com pensar simplesmente como homem de seu tempo e de seu país. Ele deve aplicar-se a tudo compreender, para incorporar o pensamento de todas as épocas e o espírito íntimo de todos os filósofos.

Tudo é verdadeiro, quando se comprehende; tudo é falso, quando se não comprehende.



Plutão reina sobre o mundo inferior.

Cérbero é a Esfinge das regiões infernais Suas três cabeças colocam três

questões:

De onde viemos?

Quem somos?

Para onde vamos?

Plutão. Os infernos correspondem ao mundo interior que trazemos em nós. Ora, o invisível não é concebível senão por oposição ao visível. Como indica o cetro bifurcado desse deus, penetra-se no domínio do esoterismo imaginando aquilo que sugerem os contrastes.

Deveres do Aprendiz Maçom

Deveres Gerais do Iniciado

Os ritos iniciáticos não têm nenhuma virtude sacramental. O Profano que foi recebido Maçom segundo as fórmulas tradicionais não adquire, por este único fato, as qualidades que distinguem o pensador esclarecido do homem ininteligente e grosseiro. O ceremonial de recepção não tem valor, senão enquanto coloca em cena um programa que cabe ao neófito seguir, para entrar em plena posse de todas as suas faculdades. O Aprendiz Maçom tem, pois, por primeiro dever, meditar sobre os ensinamentos do ritual, a fim de a eles conformar sua conduta. Eis aí seu dever por excelência, seu único dever que comprehende todos os outros.

Mas um iniciante reclama prescrições mais precisas. Elas estão contidas no compromisso que ele prestou antes de receber a Luz.

Calar-se diante dos Profanos.

Procurar a Verdade.

Desejar a Justiça.

Amar seus Irmãos.

Submeter-se à Lei.

Discrição Maçônica

Privar-se de falar para limitar-se a escutar é uma excelente disciplina intelectual, quando se quer aprender a pensar. As idéias amadurecem pela meditação silenciosa, que é uma conversação consigo mesmo. As opiniões racionais resultam de debates íntimos que se travam no segredo do pensamento. O sábio pensa muito e fala pouco.

Um jovem Maçom deve, pois, de maneira geral, mostrar-se muito reservado. Todo proselitismo intempestivo lhe é interdito. Não existe erro pior que a verdade mal compreendida. Falar para fazer-se compreender mal é, ao mesmo tempo, perigoso e nocivo. É preciso, pois, colocarmos sempre ao alcance daqueles que nos escutam. Procurar impressionar, expondo idéias muito ousadas, é essencialmente antimaçônico. De que serve amedrontar espíritos tímidos? As inteligências têm necessidade de ser preparadas para receber a luz: uma claridade muito brusca cega e nada esclarece. Quando a venda simbólica caiu de seus olhos, todo Iniciado pôde constatar que a ofuscação produziu uma sensação dolorosa. Estejamos, pois, atentos em não contrariar nenhuma convicção sincera. Escutemos cada um com benevolência, sem fazer ostentação de nossa maneira de ver. Temos de formar nossa opinião e, com tal objetivo, é-nos vantajoso ouvir os advogados das causas mais contraditórias. Aprendamos a julgar sem o menor preconceito; é assim que nos tornaremos pensadores independentes, ou livre-pensadores no verdadeiro sentido da palavra.

Segredo

Um Maçom deve abster-se de toda divulgação susceptível de trazer prejuízo à F.:M.:ou aos seus membros.

Todos os membros da Ordem estão solidarizados por um contrato formal de reciprocidade. Eles têm obrigações, uns em relação aos outros, e, para cumpri-las, é indispensável que os Iniciados possam se distinguir dos profanos. Os meios de reconhecimento devem, pois, ser objeto do mais absoluto segredo.

Quanto aos detalhes dos ritos que se praticam no seio dos templos maçônicos, é proibido falar deles exteriormente. Os espíritos superficiais não poderiam senão deles fazer pretexto, para ridicularizarem a F.:M.:.. É preciso evitar, desse ponto de vista, atirar pérolas aos porcos.

O formalismo do ritual maçônico, aliás, não permaneceu secreto. Ele foi divulgado em numerosas obras aparecidas desde o início do século XVIII. Mas não se pode fazer conhecer, sob esse ponto de vista, senão o lado material de nossas práticas. O *Esoterismo* não é susceptível de divulgação.

A disciplina do silêncio levou os antigos Maçons a deixarem sem réplica as calúnias das quais eles foram o objeto. Eles aguardaram estoicamente que a verdade viesse à luz. Ela triunfou necessariamente, como dá a entender a velha máxima: *Fazer o bem e deixar gritar*.

O pensamento, de resto, é, em si mesmo, uma força que age exteriormente de uma maneira misteriosa. Ele pode influenciar a vontade de outrem, mesmo sem ser expresso pela palavra ou pela escrita. É isso o que revela o estudo das leis ocultas do pensamento. O iniciado instruído

nessas leis aplica-se em *calar-se*. Concentra-se, a fim de imprimir às suas idéias uma tensão mais alta. É um conspirador que dispõe do mais poderoso de todos os meios de ação: o pensamento dirigido com pleno conhecimento de causa. Mas convém, nessa matéria, unir o exemplo ao preceito e não infringir, mais do que é permitido, à lei do silêncio.

Tolerância

É sempre presunçoso fazer-se juiz de uma opinião, qualquer que ela seja. As maneiras de ver divergentes que surgem são todas igualmente respeitáveis, quando emanam de pessoas sinceras. Elas exprimem a Verdade sob os diferentes aspectos que ela apresenta, em razão dos múltiplos pontos de vista de onde ela é susceptível de ser considerada.

Encontra-se, pois, uma parte de verdade em todas as opiniões. Ninguém está em erro absoluto, e ninguém, de outra parte, pode vangloriar-se de possuir a verdade perfeita. Sejamos, pois, indulgentes, e não exijamos, de cada um, que veja as coisas como nós mesmos.

As inteligências são fracas. Elas não se aproximam da Verdade senão percorrendo uma série de etapas que é preciso conquistar uma a uma. Para favorecer o progresso dos espíritos, é necessário, pois, dar-se conta das fases sucessivas de toda evolução intelectual. Obter-se-ão os melhores resultados intervindo discretamente. Não se saberia melhor aplicar a divisa de Rabelais: *Noli ire, fac venire*. Não atropeleis aos retardatários, para obrigá-los a caminhar à força; contentai-vos com precedê-los, encorajando-os: eles não deixarão de vos seguir.

Guardai-vos, sobretudo, de proceder por afirmações, por fórmulas e dogmas. Nada é mais contrário ao espírito maçônico. Não procureis

impor vossa maneira de ver, mas levai os outros a descobrir aquilo que vós haveis encontrado vós mesmos. Pensai e fazei pensar.

Procura da Verdade

A F.:M.:distingue-se das igrejas pelo fato de que ela não se pretende na posse da Verdade. O ensinamento maçônico não comporta nem dogma nem credo de nenhuma espécie. Cada Maçom é chamado a construir por si mesmo o edifício de suas próprias convicções. É com este objetivo que ele é iniciado na prática da *Arte do Pensamento*.

Esta arte se exerce sobre materiais que é preciso desbastar. Trata-se, em outros termos, de podar os erros que desfiguram a Verdade. Ela está em toda parte; mas está escondida. Ela pede para ser extraída de tudo aquilo que parece falso e supersticioso. A superstição não é senão a petrificação, a casca ou o cadáver de uma noção verdadeira que não soube ser nem compreendida nem expressa corretamente.

Não rejeitemos, pois, nada *a priori*. Toda prevenção, todo preconceito se opõem à nossa imparcialidade de julgamento. O verdadeiro amigo da verdade não saberia ser um espírito limitado, sistematicamente encerrado no círculo estreito de seu horizonte mental. Ele deve ter uma inteligência amplamente aberta a todas as idéias susceptíveis de provocar uma modificação das convicções presentes. Aquele que tem idéias fixas e que tende a conservá-las não é um homem de luz e de progresso: é um pontífice, que acredita saber e que tem fé em sua infalibilidade. Se a iniciação não chega a desenganá-lo, é porque ele fechou os olhos e ateve-se a permanecer profano.

Realização

Se a F.:M.:não se entregasse senão à pura especulação, ela permaneceria no domínio abstrato, sem compadecer-se dos males que atormentam a humanidade. Ora, esses males têm sua repercussão sensível no coração de todo homem generoso. O Iniciado, por conseguinte, não se isola do mundo. Guarda-se de imitar esses místicos egoístas que procuram a perfeição longe do contato da corrupção geral. Ele partilha menos ainda a indiferença dos satisfeitos que não visam senão a gozar dos favores concedidos ao pequeno número.

O homem de coração sente-se lesado por toda iniqüidade, mesmo quando não é dela diretamente vítima. Desinteressar-se da sorte de outrem é romper o laço de solidariedade que une todos os membros da família humana. Ora, os indivíduos não tiram sua força senão da coletividade da qual fazem parte. Isolar-se do todo no qual se está incorporado é consagrar-se à morte. O egoísta, que não pretende viver senão para si mesmo, deixa de participar da vida geral. Comporta-se como um corpo estranho no seio do organismo humanitário e torna-se um elemento mórbido, uma causa de doença social.

A F.:M.:é uma aliança universal de homens honestos, sinceramente consagrados ao bem de todos. Pela união de um conjunto de vontades fortes, uma ação irresistível se exerce sobre as vontades fracas. É nesse sentido que é preciso *desejar a Justiça*, porque aquilo que se deseja com persistência e firmeza não se pode deixar de obter.

Fraternidade Iniciática

A força de uma associação reside essencialmente na coesão de seus membros. Quanto mais unidos eles são, mais poderosos. Em Maçonaria, a união não é o efeito de uma disciplina imposta, ela não pode nascer senão da afeição que sentem, uns pelos outros, os Iniciados. É, pois, da mais alta importância contribuir por todos os meios para estreitar os laços que unem os Maçons.

É indispensável, antes de tudo, verem-se, a fim de conhecerem-se, apreciarem-se e estimarem-se. Todas as reuniões maçônicas serão, pois, freqüentadas com a maior assiduidade. Comportar-se-á de maneira a merecer a simpatia de cada um e, de outra parte, mostrar-se-á plena indulgência à vista das faltas de seus irmãos. O homem é sempre imperfeito. Ele deve, pois, evitar deter-se nas fraquezas de outrem; destaquemos as qualidades de nossos colaboradores e passemos a *trolha* sobre as asperezas das pedras que o cimento deve, indissoluvelmente, unir com a mais franca amizade.

Respeito à Lei

Acima das leis convencionais, há uma Lei ideal, escrita no coração dos homens de bem. É a esta regra soberana que o Iniciado se submete sem reservas.

Quanto às leis positivas, por imperfeitas que elas sejam, não são menos respeitáveis. Elas constituem o elemento fundamental de toda civilização, preservam do arbítrio, asseguram a ordem e impõem-se como sanção necessária do pacto social.

Um Iniciado se submete, pois, às leis, mesmo quando elas forem injustas. Inclina-se perante a vontade geral, mesmo quando ela estiver enganada. Sócrates preferiu beber a cicuta, de preferência a subtrair-se à sentença legal, mas iníqua, que o atingiu. Robespierre foi derrubado, recusando-se a incitar o povo à revolta³⁷. Eis aí grandes exemplos.

Os Franco-Maçons submetem-se escrupulosamente à legislação de todos os países onde lhes é permitido reunirem-se livremente. Eles não conspiram contra nenhuma autoridade legalmente constituída. Sua ação humanitária não pode, pois, fazer-se suspeita senão aos governos que têm consciência de ter contra si o direito.

No que concerne à *lei maçônica*, os Maçons observam-lhe, sobretudo, o *espírito*. Os regulamentos não se impõem a eles com uma inflexibilidade tirânica. Preconizam uma linha de conduta que tem por si a autoridade de uma longa experiência. Mas jamais se deve perder de vista que as prescrições regulamentares se dirigem a homens que pensam, e que se conduzem segundo a lógica. Ora, para o Pensador, a Razão permanece a lei suprema, contra a qual nenhuma estipulação escrita poderia ser invocada. O Iniciado goza de inteira liberdade, porque ele é plenamente racional e porque, em consequência, ele não pode fazer senão um bom uso de sua vontade. É nesse sentido que o Maçom deve ser livre em Loja livre. Quando Rabelais resumiu a regra dos Telemitas: — *Faze o que queres*, — ele entendia “*que pessoas livres, bem nascidas, conversando em companhias honestas têm, por natureza, um instinto e uma disposição que as leva sempre a feitos virtuosos e afasta do vício; a*

³⁷ **Nota da Edição Francesa.** Este era o estado das pesquisas históricas, quando Wirth escreveu esta frase. Era uma opinião unanimemente admitida. Mas depois, Albert Mathiez teria encontrado nos Arquivos Nacionais a ordem de chamada do povo à insurreição assinada por Robespierre e manchada, pensa-se, com seu próprio sangue.

A Franco-Maçonaria Tornada Inteligível aos seus Adepts

isso chamam honra. Outros, quando pela vil sujeição e coação são oprimidos e escravizados, desviam-se da nobre afeição pela qual, à virtude, francamente tendem, e procuram depor e violar esse jugo de servidão, porque empreendemos sempre coisas proibidas e cobiçamos tudo o que nos é negado”.



A Justiça. O arcano VIII do Tarô faz alusão à lei universal do equilíbrio que remete fatalmente cada coisa ao seu lugar.

Catecismo Interpretativo do Grau de Aprendiz

A cada grau maçônico liga-se uma instrução por perguntas e respostas.

As perguntas são colocadas de maneira a estimular a reflexão. O pensador deve esforçar-se por responder segundo a lógica, e não se contentar em reter simplesmente as respostas convencionais.

Algumas dessas respostas devem, *no trolhamento*³⁸, ser dadas textualmente: elas estão escritas em caracteres especiais.

P. — Qual é o laço que nos une?

R. — *A Franco-Maçonaria*.

P. — Que é a Franco-Maçonaria?

R. — É uma aliança universal de homens esclarecidos, unidos para trabalhar em comum para o aperfeiçoamento intelectual e moral da humanidade.

P. — A Franco-Maçonaria é uma religião?

³⁸ De acordo com antigos rituais ingleses, o *trolhamento* começa como segue:

P. — *Existe alguma coisa entre vós e mim?*

R. — *Sim, Ven.:Mest:*

P. — *O que é, meu Ir.:?*

R. — *Um segredo.*

P. — *Qual?*

R. — *A Fr.:Maç:..*

P. — *Eu presumo, pois, que vós sois Franco-Maçom?*

R. — *Eu fui recebido e admitido como tal por meus IIr.: Mestres e Companheiros.*

R. — Não é uma religião no sentido estrito da palavra. Mas, melhor que qualquer outra instituição, ela tem por efeito *unir* os homens entre si; é, por esse fato, uma religião (*de religare, ligar*) no sentido mais amplo e mais elevado do termo.

P. — Sois Maçom?

R. — *Meus Irmãos me reconhecem como tal.*

P. — Por que respondeis assim?

R. — Porque um Aprendiz Maçom deve duvidar de si mesmo e temer realizar um julgamento antes de haver apelado às luzes de seus irmãos.

P. — Que é um Maçom?

R. — *É um homem nascido livre e de bons costumes, igualmente amigo do rico e do pobre, se eles são virtuosos.*

P. — Que significa *nascido livre*?

R. — O homem *nascido livre* é aquele que, após haver morrido para os preconceitos do vulgo, viu-se renascer para a nova vida que a iniciação confere.

P. — Por que dizeis que um Maçom é *igualmente amigo do rico e do pobre, se eles são virtuosos?*

R. — Para indicar que o valor individual deve ser apreciado em razão das qualidades morais. A estima não se deve medir senão segundo a constância e a energia que o homem aporta à realização do bem.

P. — Quais são os deveres do Maçom?

R. — *Fugir ao vício e praticar a virtude.*

P. — Como um Maçom deve praticar a virtude?

R. — Preferindo, em todas as coisas, a Justiça e a Verdade.

P. — Onde fostes preparado para tornar-se Maçom?

R. — Em meu coração.

P. — Como houvestes procedido para esta preparação?

R. — Aplicando-me a amar fraternalmente todos os seres humanos.

P. — Onde fostes recebido Maçom?

R. — *Em uma L.: justa e perfeita.*

P. — Que é preciso para que uma L.: seja justa e perfeita?

R. — *Três a dirigem, cinco a esclarecem. Sete a tornam justa e perfeita.*

P. — Explicai esta resposta.

R. — Os três são o Ven.: e os dois Vig.: Esses oficiais, com o Orad.: e o Sec.:, são as *cinco luzes* da L.:; — mas é preciso que sete membros da L.:, ao menos, estejam reunidos, para que se possam realizar iniciações regulares. — Dentre esses sete, ao menos três devem possuir o grau de Mestre e dois, o grau de Companheiro.

Três Maçons, dos quais um ao menos seja Mestre, constituem uma *Loja simples*, apta às deliberações íntimas e às trocas de opiniões, visando à instrução recíproca em matéria iniciática. — A reunião de cinco Maçons, dos quais três Mestres e um Companheiro, forma uma *Loja justa*, competente em matéria de instrução judiciária. — Enfim, a *Loja perfeita*, composta de sete membros, como foi dito acima, possui unicamente a plenitude da soberania maçônica.

P. — Desde quando sois Maçom?

R. — *Desde que recebi a luz.*

P. — Que significa esta resposta?

R. — Que nós não nos tornamos realmente Maçons senão a partir do dia em que nosso espírito se abre para a compreensão dos mistérios maçônicos.

A Franco-Maçonaria Tornada Inteligível aos seus Adepts

P. — Pelo que reconheceríe que vós sois Maçom?

R. — *Por meus sinais, palavras e toques.*

P. — Como interpretais esta resposta?

R. — Um Maçom se reconhece por sua maneira de agir, sempre eqüitativa e franca (*sinais*); por sua linguagem leal e sincera (*palavras*); enfim, pela solicitude fraternal que ele manifesta para com todos aqueles a quem está unido pelos laços da solidariedade (*apertos de mão, toques*).

P. — Como se fazem os sinais os Maçons?

R. — *Pelo esquadro, nível e prumo.*

P. — Explicai-me esta resposta.

R. — O Maçom, em seus atos, deve inspirar-se em idéias de justiça e de equidade (*Esquadro*); ele deve visar ao nivelamento das desigualdades arbitrárias (*Nível*); e contribuir, enfim, para elevar, sem cessar, o nível social (*Prumo*).

P. — Dai-me o sinal.

R. — (É dado).

P. — Que significa esse sinal?

R. — *Que eu preferiria ter minha garganta cortada, de preferência a revelar os segredos que me foram confiados.*

P. — Esse sinal não tem outra significação?

R. — A mão direita, colocada em esquadro sobre a garganta, parece conter o fervilhar das paixões que se agitam no peito e preservar assim a cabeça de toda exaltação febril, susceptível de comprometer nossa lucidez de espírito. — O sinal de Aprendiz significa, desse ponto de vista: *Estou na posse de mim mesmo e esforço-me por julgar tudo com imparcialidade.*

P. — Dai-me a palavra de passe.

R. — (?).

A Franco-Maçonaria Tornada Inteligível aos seus Adepts

P. — Que significa essa palavra?

R. — Ela faz alusão a mistérios que não se poderiam aprofundar de imediato.

A Bíblia dá esse nome ao primeiro homem que forjou metais. Ele se relaciona a *Toublaï*, povo da Ásia Menor entregue, desde a mais alta antiguidade, à indústria mineira.

O pai da metalurgia recorda *Vulcano*, deus do trabalho entre os romanos. Os Alquimistas fazem dele o fundador de sua ciência.

Em Maçonaria, interpreta-se às vezes a palavra de passe do grau de Aprendiz no sentido de *possessão do mundo*, de onde a idéia da F.:M.: exercendo sua influência sobre todos os povos da terra.

P. — Dai-me a palavra sagrada.

R. — *Eu não a sei ler nem escrever; eu não posso senão soletrar.*

Dai-me a primeira letra, eu vos darei a segunda.

P. — J.

R. — (Dá-se a palavra letra por letra).

P. — Que significa essa palavra?

R. — *Ele estabelece, ele funda.* É o nome de uma coluna de bronze erguida à entrada do templo de Salomão. Os Aprendizes recebem seu salário junto dela.

P. — Por que dizeis: “Eu não sei ler nem escrever”. A que se relaciona vossa ignorância?

R. — À linguagem emblemática empregada pela F.:M.: — O sentido não se discerne senão progressivamente, e o Iniciado, no início de sua carreira, soletra com dificuldade aquilo que, mais tarde, será para ele o objeto de uma leitura corrente.

P. — Que vos indica a maneira de soletrar a palavra sagrada?

A Franco-Maçonaria Tornada Inteligível aos seus Adepts

R. — O método de ensino da F.:M.:, que solicita os esforços intelectuais de cada um, tudo em evitando inculcar dogmas. — Coloca-se o neófito no caminho da verdade, dando-lhe simbolicamente a primeira letra da palavra sagrada; ele deve encontrar por si mesmo a segunda; depois se lhe indica a terceira, a fim de que ele adivinhe a quarta.

P. — Que se chama *salário* em Maçonaria?

R. — É a recompensa do trabalho, o resultado que ele produz para o obreiro.

P. — Pelo que se traduz o *salário* dos Maçons?

R. — Pelo aperfeiçoamento gradual de si mesmo.

P. — Por que os Aprendizes recebem seu salário perto da Coluna J.:?

R. — Porque ela simboliza a *energia produtora, o foco de onde irradia a atividade humana*.

P. — Que foco é esse?

R. — É o centro consciente ao qual se relaciona, no indivíduo, à concepção do *eu*. — O Aprendiz Maçom deve absorver-se em si mesmo, dobrar-se sobre a fonte inicial de seu pensamento, a fim de procurar, na razão pura, o ponto de partida de seus conhecimentos. Eis por que, no começo de sua iniciação, ele é encerrado no seio da terra, onde, entrando em si mesmo, ele deve descer até as profundezas do poço onde a Verdade se encontra escondida.

P. — Qual é a forma de vossa Loja?

R. — *Um quadrilongo*.

P. — Em que sentido é sua comprimento?

R. — *Do Oriente ao Ocidente*.

P. — Sua largura?

R. — *Do Meio-Dia ao Setentrião*.

A Franco-Maçonaria Tornada Inteligível aos seus Adepts

P. — Sua altura?

R. — *Do Zênite ao Nadir.*

P. — Que querem dizer essas dimensões?

R. — *Que a Franco-Maçonaria é universal.*

P. — Por que vossa Loja se estende do Oriente para o Ocidente?

R. — Ela está *orientada*, como todos os antigos edifícios sagrados, para lembrar que a Maçonaria marca aos seus adeptos a direção de onde vem a luz. Pertence aos Maçons colocarem-se no caminho traçado, a fim de marcharem por si mesmos rumo à conquista da Verdade.

É de observar que as catedrais construídas pelos Franco-Maçons na Idade Média tiveram sempre seu grande eixo estritamente paralelo ao equador terrestre.

P. — Que entendéis pela palavra Loja?

R. — É um lugar secreto que serve de abrigo aos Maçons para cobrir seus trabalhos.

P. — Por que os trabalhos maçônicos devem se realizar a coberto?

R. — Porque todas as forças que estão destinadas a se desenvolver utilmente fora devem primeiro ser concentradas sobre si mesmas, a fim de que, após serem amadurecidas pela compreensão, elas possam adquirir seu máximo de energia expansiva.

P. — A que se pode comparar uma Loja regularmente coberta?

R. — À célula orgânica e, mais especialmente, ao ovo que contém um ser em potência. — Todo cérebro pensante figura, além do mais, uma oficina fechada: é uma assembléia deliberante, abrigada contra a agitação de fora.

P. — Que dizeis quando os trabalhos não estão a coberto?

A Franco-Maçonaria Tornada Inteligível aos seus Adepts

R. — *Chove!* (Esta expressão permite aos Maçons advertirem-se entre si, quando sua conversação se arrisca a ser surpreendida por ouvidos profanos).

P. — O que sustenta vossa Loja?

R. — *Três grandes pilares que se chamam Sabedoria, Força e Beleza, e que estão simbolicamente representados pelo Ven.:Mest.: e pelos dois VVig.:*

P. — Como esses pilares alegóricos podem sustentar vossa Loja, ou seja, presidir ao trabalho construtivo dos Maçons?

R. — *A Sabedoria concebe, a Força executa e a Beleza ornamenta.*

P. — Por que vos fizestes receber Franco-Maçom?

R. — *Porque estava nas trevas e desejei a luz.*

P. — Explicai esta resposta.

R. — A sociedade em meio à qual vivemos não é senão semicivilizada. As verdades essenciais aí estão ainda cercadas de espessas sombras, os preconceitos e a ignorância matam-na, a força aí prevalece sobre o direito. A maior soma de verdades e de luzes não saberia, pois, melhor se encontrar senão nos Templos maçônicos, consagrados ao trabalho e ao estudo por homens experimentados e escolhidos.

P. — Em que estado estáveis quando se procedeu à vossa iniciação?

R. — *Nem nu nem vestido, mas em estado decente e desprovido de todos os metais.*

P. — Por que neste estado?

R. — *Despojado de uma parte de minhas vestes, para lembrar que virtude não tem necessidade de ornamentos.*

O coração a descoberto, em sinal de sinceridade e de franqueza.

O joelho direito posto a nu, para marcar os sentimentos de humildade que devem presidir à procura da Verdade.

O pé esquerdo descalço, à imitação de um costume oriental, e por respeito a um lugar que é santo, porque nele se procura a Verdade³⁹.

Desprovido de todos os metais, como prova de desinteresse, e para aprender a privar-se sem pesar de tudo aquilo que pode prejudicar nosso aperfeiçoamento.

P. — Como fostes introduzido em Loja?

R. — *Por três golpes.*

P. — Qual seu significado?

R. — *Pedi e recebereis (a Luz); procurai e achareis (a Verdade); batei e abrir-se-vos-á (as portas do Templo).*

P. — Que aconteceu após vossa introdução no Templo?

R. — *Após haver sofrido diversas provas e com o consentimento de meus irmãos, o Mestre da Loja recebeu-me Maçom.*

P. — Quais são essas provas e o que significam?

R. — Essas provas consistiram em três viagens destinadas a ensinar-me o caminho que conduz à Verdade.

P. — Que fizestes após haver sofrido as provas?

R. — Prometi guardar os segredos da Ordem e agir em todas as circunstâncias como um bom e leal Maçom.

P. — Em que consistem os segredos da Ordem?

R. — No conhecimento de verdades abstratas, das quais o simbolismo maçônico é a tradução sensível.

P. — Que percebestes entrando em Loja?

³⁹ A voz que saía da sarça ardente disse a Moisés: “Não te aproximes daqui; descalça teus sapatos de teus pés, porque o lugar o lugar onde estás é uma terra santa!”

R. — *Nada que o espírito humano possa compreender: uma espessa venda cobria meus olhos.*

P. — Como explicais esta resposta?

R. — Não é suficiente para o homem ser colocado em presença da Verdade, para que ela lhe seja inteligível. A luz não esclarece o espírito humano senão quando nada se opõe à sua irradiação. Enquanto ilusões e preconceitos nos cegam, a escuridão reina em nós e torna-nos insensíveis ao esplendor da Verdade.

P. — Que haveis visto, em recebendo a Luz?

R. — *O Sol, a Lua e o Mestre da Loja.*

P. — Qual relação simbólica existe entre esses astros e o Mest.:da L.:?

R. — O *Sol* representa a razão que esclarece as inteligências, a *Lua* figura a imaginação que reveste as idéias de uma forma apropriada, e o *Mestre da Loja* simboliza o princípio consciente que se ilumina sob a dupla influência do raciocínio (*Sol*) e da imaginação (*Lua*).

P. — Onde se coloca o Mestre da Loja?

R. — *Ao Oriente.*

P. — Por quê?

R. — *Do mesmo modo que o Sol aparece no Oriente, para abrir a carreira do dia, do mesmo modo também o Mestre se coloca no Oriente, para abrir a Loja e colocar os obreiros no trabalho.*

P. — Onde se colocam os Vigilantes?

R. — *No Ocidente, para ajudar o Mestre da Loja em seus trabalhos, pagar os obreiros e despedi-los satisfeitos.*

P. — Que significa o Ocidente em relação ao Oriente?

R. — O Oriente marca a direção de onde provém a luz, e o Ocidente, a região sobre a qual ela se detém. O Ocidente figura, por

consequente, o mundo visível que cai sob os sentidos, e, de uma maneira geral, tudo aquilo que é *concreto*. O Oriente, ao contrário, representa o mundo inteligível, que não se revela senão ao espírito: em outros termos, tudo aquilo que é *abstrato*.

P. — Onde se colocam os Aprendizes?

R. — *No Setentrião, que representa a região menos esclarecida, porque eles ainda não receberam senão uma instrução elementar em Maçonaria e porque, em consequência, não estão em estado de suportar uma luz muito intensa.*

P. — A que horas os Maçons abrem e fecham seus trabalhos?

R. — *Alegoricamente os trabalhos são abertos ao Meio-Dia e fechados à Meia-Noite.*

P. — Que significam essa horas convencionais?

R. — Elas indicam que o homem atinge a metade de sua carreira, o meio-dia de sua vida, antes de poder ser útil aos seus semelhantes, mas que, a partir deste instante até sua última hora, ele deve trabalhar sem descanso para a felicidade comum⁴⁰.

P. — Que nos ensina o costume de informar-se da hora antes de agir?

R. — A ação não é útil senão quando vem a propósito. As conquistas do progresso não se realizam senão à sua hora. Mostrando-se muito impaciente, arrisca-se a fazer abortar aquilo que está em via de preparação. É preciso saber esperar o momento psicológico: agir muito cedo ou muito tarde acarreta um igual insucesso.

P. — Que idade tendes?

⁴⁰ De acordo com a lenda, Zoroastro, um dos fundadores dos mistérios da antiguidade, recebia seus discípulos ao meio-dia e despedia-os à meia-noite, após o ágape fraternal que encerrava seus trabalhos.

R. — *Três anos.*

P. — Que significa esta resposta?

R. — Informar-se da idade maçônica de um Ir.: é perguntar-lhe qual é o seu grau. — O Aprendiz Maçom tem três anos, porque ele deve ser iniciado nos mistérios dos três primeiros números.

P. — Quais são esses mistérios?

R. — São as consequências lógicas que se deduzem das propriedades intrínsecas dos números. A razão baseia-se sobre essas noções abstratas, quando ela se aplica a resolver o problema da existência das coisas.

P. — Que aprendestes pelo estudo do número *Um*?

R. — Que tudo é *Um*, visto que nada poderia existir fora do *Todo*.

P. — Como formulais os princípios que vos revela o número *Dois*?

R. — A inteligência humana assina artificialmente limites àquilo que é *Um* e sem limites. A *Unidade* está assim encerrada entre dois extremos, que não são senão puras abstrações, às quais as palavras unicamente emprestam uma falsa aparência de realidade.

P. — Que concluís daí?

R. — Que o *Ser*, a *Realidade* ou a *Verdade* tem por símbolo o número *Três*.

P. — Por quê?

R. — Porque o *Ser* ou *aquilo que é* nos aparece como um terceiro e meio-termo em que os extremos opostos se conciliam.

P. — Em que trabalham os Aprendizes?

R. — *Em desbastar a pedra bruta, a fim de despojá-la de suas asperezas e aproximar-a de uma forma relacionada à sua destinação.*

P. — Qual é esta pedra bruta?

A Franco-Maçonaria Tornada Inteligível aos seus Adepts

R. — É o próprio homem, enquanto produto grosseiro da natureza, chamado a ser polido e transformado pela arte.

P. — Quais são as ferramentas do Aprendiz?

R. — *O Malho e o Cinzel.*

P. — Que representam eles?

R. — O *Cinzel* representa o pensamento determinado, as resoluções tomadas, e o *Malho*, a vontade que os coloca em execução.

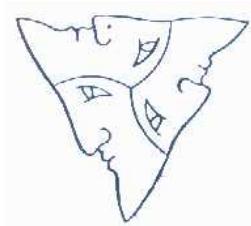
P. — Que significa a marcha dos Aprendizes?

R. — *O zelo que devemos mostrar, caminhando na direção daquilo que nos esclarece.*

P. — Tendes alguma ambição?

R. — Uma única. Aspiro à honra de ser recebido entre os Companheiros.

TRABALHAI E PERSEVERAI



A Tri-unidade nórdica. Os escandinavos simbolizavam o Espírito universal por um triângulo desenhando uma cabeça de tripla face, animada por um perpétuo movimento rotativo.

Primeiros Elementos de Filosofia Iniciática



A Esfinge. O enigma das coisas reside na inteligência (cabeça humana) e na sentimentalidade (seios de mulher), que se unem a um corpo de boi (pensador, atitude de trabalho na terra), suavizado por asas de águia (sublimação, espiritualidade), e armado de garras de leão (ardor, ferocidade). Esta síntese da hominalidade e da animalidade corresponde à alma do planeta, que determina os destinos (espada justiceira).

Os Mistérios

A Ciência era outrora o apanágio do pequeno número. Ela não se transmitia senão sob o selo do segredo a homens escolhidos, dos quais se exigiam raras qualidades morais.

Esses eleitos eram colocados em presença de emblemas e de símbolos, porque, à linguagem, faltavam, primitivamente, termos para exprimir as coisas abstratas. Forçoso era, pois, revestir as concepções filosóficas de um véu metafórico que deveria ser transparente para os espíritos perspicazes.

A ciência não se endereçava, assim, senão às inteligências de elite. Para adquirir os conhecimentos inerentes às ciências sábias, não era

suficiente exercitar a memória e colocar em jogo uma certa facilidade de assimilação. Houve um tempo em que não se instruía senão chegando à solução de enigmas.

As verdades que se descobriam assim nada tinham em comum com os conhecimentos usuais que se procuram tão largamente em nossos dias. — A sabedoria dos antigos ligava-se às mais altas especulações. — A ciência moderna estuda, ao contrário, os *efeitos*: ela *observa e calcula*; mas, muito freqüentemente, dispensa-se de *pensar*. — A Antiguidade tendia a produzir *sábios*, enquanto nós não temos mais, hoje, senão *cientistas*.

O triunfo muito legítimo do experimentalismo não deve, todavia, nos fazer perder de vista a ordem dessas verdades que estão em nós, e não fora de nós. O pensamento é submisso a leis, das quais unicamente o conhecimento pode nos fazer distinguir, em todas as coisas, a realidade da aparência.

O homem que ignora essas leis é o joguete de perpétuas ilusões, porque não sabe nem controlar nem retificar os dados de seus sentidos.

O pensador, ao contrário, que é iniciado nos *Mistérios do Ser*, concebe as condições necessárias a toda existência, e não poderia ser enganado por nenhuma miragem enganadora.

Quando se soube conquistar esta iniciação, deixamos de nos agitar como cegos no seio das trevas do mundo profano, esclarecemo-nos com a chama que dissipia a escuridão que trazemos em nós, seguramos o fio de Ariadne que nos permite penetrar, sem nos extraviarmos, no labirinto das coisas incompreendidas.

O Esoterismo

A ciência que se ensina em nossas universidades não se atém senão àquilo que impressiona os sentidos. Ela visa apenas o lado exterior das coisas e repudia as noções de ordem puramente inteligível. Esta é a ciência da exterioridade, da aparência, do visível, eis aí a *Ciência profana* (de *profanum*: diante do Templo). Ninguém pensa em desprezá-la, mas ela não deve fazer negligenciar aquilo que se chamava outrora de a *Ciência sagrada*, quer dizer, a ciência daquilo que está oculto, daquilo que é invisível ou interior.

Um exemplo fará nitidamente compreender os caracteres distintivos dessas duas ciências.

Suponhamos um livro impresso, e peçamos a um cientista que o examine segundo os métodos que lhe sejam próprios. Ele verá o livro como um objeto dotado de propriedades físicas que ele determinará com maravilhosa exatidão. Ele poderá medir as dimensões do volume em perto de um décimo de milímetro de milímetro. Seu peso será indicado, levando em conta a menor fração de miligrama. Os caracteres do texto serão contados. Procurar-se-á a regra de sua repartição. A ciência, além do mais, fornecerá a análise química do papel e da tinta de impressão. Suas investigações irão, sob esse aspecto, até os mais extremos limites da minúcia.

Mas nenhuma dessas informações vos interessam senão de maneira secundária, e a coisa essencial para vós seria conhecer o pensamento que o autor quis exprimir. Guardai-vos, todavia, de interrogar, a esse respeito, o homem dos instrumentos de precisão. Ele vos responderia, não sem uma certa suficiência, que lhe cumpre permanecer sobre o terreno dos fatos e que ele deve se proibir de

comprometer a dignidade da ciência, entregando-se ao acaso das especulações metafísicas!

Esta resposta, não sendo de natureza a satisfazer a curiosidade humana, leva a concluir que os conhecimentos profanos são insuficientes.

Alguns se comprazem, é verdade, nesta ignorância científica que se chama de o agnosticismo. Obstina-se em permanecer parados diante da fachada do Templo, e contentam-se com a visão exterior das coisas, cuja essência íntima lhes escapará sempre, enquanto não houverem penetrado no interior do santuário.

Os Números

O que não é visível se revela para quem sabe olhar para dentro de si. Esta visão invertida sobre si mesmo faz descobrir um vasto domínio de conhecimentos independentes de toda observação material. São noções que se impõem por sua própria evidência. Relacionam-se *àquilo que é necessariamente*, e constituem, assim, a *ciência do absoluto*, que não sofre mais incerteza que as matemáticas.

Esta ciência, que é a mais importante de todas, está encerrada em nosso espírito, que a descobre como a um tesouro ignorado, desde que ele chegue a se perceber a ele próprio. É assim que o conhecimento de si mesmo torna-se o ponto de partida de toda filosofia.

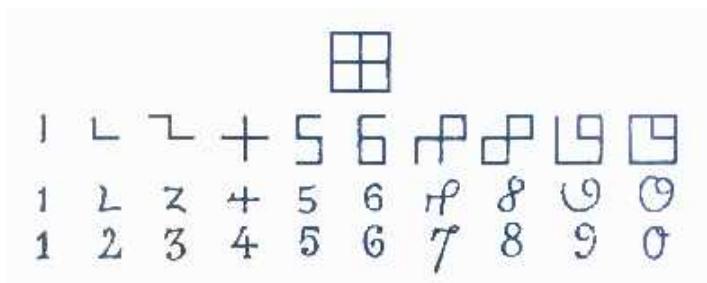
Mas é impossível conhecer-se diretamente a si mesmo sem a ajuda de um espelho. As abstrações que estão em nós não se fazem perceptíveis senão quando se refletem em um signo exterior. Os símbolos intervêm, pois, para tornar-nos manifestas as verdades que estão em nós. Eles nos apresentam a imagem fiel do que contém nosso espírito. Quando este está

vazio, eles não têm, por conseguinte, qualquer significação. A falta não é dos símbolos, mas daquele que nada sabe ver aí. Nada se pode esperar de uma inteligência oca.

Os símbolos, todavia, não falam deles mesmos. Para torná-los eloquentes, é preciso haver aberto o santuário das verdades abstratas, graças à chave que nos fornece o estudo das *propriedades intrínsecas dos Números*.

Todas as escolas iniciáticas preconizaram este estudo. — Os antigos fizeram dele a base de sua ciência sagrada; também os números desempenham um papel preponderante no simbolismo de todas as religiões. — Pitágoras pretendia que os números regiam o mundo. — Em sua correspondência particular, os Maçons saúdam-se “pelos números que lhes são conhecidos” (P.:N.:Q.:V.:S.:C.). A F.:M.:, de resto, não trata de todas as coisas senão segundo números determinados, e relaciona os conhecimentos especiais de cada grau à filosofia numeral dos antigos.

Para o Aprendiz, o programa limita-se aos números Um, Dois, Três e Quatro, que ele deve examinar do ponto de vista das deduções lógicas que se destacam da noção da *Unidade*, do *Binário*, do *Ternário* e do *Quaternário*.



ORIGEM DAS CIFRAS DITAS “ÁRABES”

Compõem-se de um número de elementos retilíneos correspondendo ao seu valor, e podem extrair-se de uma figura constituída por uma cruz inscrita em um quadrado.

A Unidade

Para facilitar o estudo dos números, a F.:M.: faz uso de emblemas, atraindo a atenção sobre suas propriedades essenciais. O novel Iniciado, entretanto, não discerne primeiramente nenhum símbolo relacionado ao número *Um*.

Isso deve ser assim, porque nada daquilo que é sensível pode ser admitido a representar a Unidade. Nós não percebemos, fora de nós, senão diversidade e multiplicidade. Nada na natureza é simples: tudo é complexo.

Mas se a Unidade não nos aparece naquilo que nos é exterior, ela parece, ao contrário, residir em nós. Todo ser pensante tem o sentimento de ele é *Um*.

Esta Unidade que está em nós se manifesta, ao mesmo tempo, em nossa maneira de pensar, de agir e de sentir. — Nossas idéias, conduzidas à noção de um todo harmônico, fazem nascer em nós a noção do *Verdadeiro*. — Nossos atos, relacionados a uma lei estabelecida para todos, regram-se sobre esta unidade moral que corresponde ao *Justo* e ao *Bem*. — Somos, enfim, levados a coordenar nossas sensações, e é desta necessidade de unidade estética que nascem as artes que realizam o *Belo*. — O *Verdadeiro*, o *Justo* e o *Belo* traduzem, pois, em diferentes domínios, um mesmo princípio de Unidade que é o *Ideal*, o pólo único em direção ao qual tendem todas as aspirações.



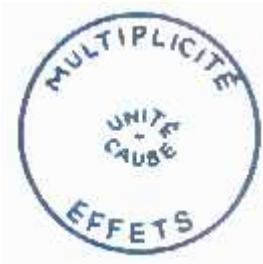
O princípio pensante universal representado por *Indra*, divindade védica dispensadora da chuva espiritual, animadora do mundo. — Cada um dos cabelos desta figura corresponde a uma individualidade pensante.

Indra. Esta divindade védica corresponde ao *Júpiter pluvius* dos latinos. Todavia, a água celeste que faz cair “aquele que chove” fecunda, não os campos, mas as inteligências. Ela emana do Oceano da Sabedoria, personificada pela Ea entre os Caldeus.

A unidade nada tem de objetivo. É uma abstração que se relaciona ao *Centro* inapreensível ao qual relacionamos nosso *eu*.

Esse *Centro*, que não está localizado em parte alguma, parece estar em cada um de nós. Mas não é senão uma ilusão. O pensamento é *uno*. Não há senão um único princípio pensante comum a todos os seres. É o *Centro onipresente* que está, ao mesmo tempo, em nós e fora de nós. (*Brahma, Osíris, Deus Pai, O Ancião dos Dias, etc.*).

Todo centro supõe uma circunferência. A unidade abstrata está, pois, indissoluvelmente ligada à Multiplicidade concreta.



O Pai universal (Osíris) está unido à Mãe universal (Ísis ou a Natureza).

Isso quer dizer que os *efeitos* são inseparáveis das *causas*, que se relacionam todas a uma *Causa* primitiva simples.

Qual é esta *Causa*? Qual é o princípio primeiro do qual derivam todas as coisas?

A Unidade absoluta, que engloba toda existência passada, presente e futura, foi simbolizada outrora por uma serpente que morde sua própria cauda, a famosa serpente *Ouroboros*, que acompanhava, como se vê da figura abaixo, uma legenda grega que se pode traduzir assim:



UM NO TODO

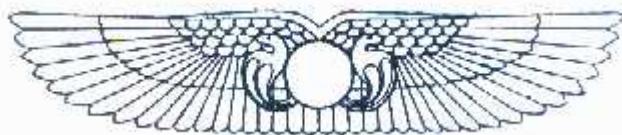
O Ouroboros. O circuito incessante da vida universal. A corrente que simultaneamente cria, devora e reconstitui.

Este *Um-Todo* escapa, necessariamente, à nossa compreensão. É o *Mistério por excelência, o Arcano dos Arcanos*.

A existência não se explica, ela se constata. O *Ser* ou *Aquilo que é* mostra-se a nossos sentidos sob seu aspecto de *multiplicidade*, da mesma maneira que se revela à nossa razão sob seu caráter de *unidade*. Ao mesmo tempo *um e múltiplo*, ele foi representado na Bíblia pela palavra *AElohim*, plural que aparece com o verbo no singular (*Bareaschith bara AElohim. No princípio, deuses criou...*).

Para os alquimistas, tudo provém da *Matéria Primeira dos Sábios*, substância não-diferenciada que não poderia impressionar nossos sentidos. Esta entidade misteriosa não é *nada* para o vulgo, mas ela é *tudo* para os filósofos. Os tolos não a vêem em *parte alguma*, enquanto, para os sábios, ela está *em toda parte*.

A substância *uma* é, aliás, — para nós, — como se ela não existisse. Não percebemos as coisas senão em razão dos contrastes que fazem, necessariamente, falta naquilo que é *um e uniforme*. — A Unidade absoluta, não podendo ser distinguida ou separada de outra coisa, concebe-se, pois, como o *Vazio* ou o *Nada*. É o Abismo, a *Noite* ou o *Caos* das diferentes cosmogonias. — Nos hieróglifos, é o um disco negro que representa o *Todo-Nada* ou o *Ser-Não-Ser* dos Cabalistas.



O Globo alado dos egípcios. A matéria animada (serpentes) que se volatiliza (asas) para preencher a imensidão sem limites.

O Binário

Nós não podemos *compreender*, — quer dizer, *prender* mentalmente, — senão àquilo que pode ser objeto de nossas faculdades intelectuais. Ora, estas últimas não podem perceber o *Ser* em sua unidade radical. O infinito escapa ao nosso entendimento, ainda que se impondo à

nossa razão que é obrigada a inclinar-se diante de verdades transcendentais, reconhecendo sua impotência. (O Recipiendário curva-se até o chão quando franqueia o umbral do Templo).



Ísis, deusa do mistério. Ela está sentada sobre uma pedra cúbica e ensina a adivinhar aquilo que está oculto.

Nós não percebemos um objeto, senão quando ele se diferencia de seu meio ambiente. A diferenciação é, pois, indispensável ao conhecimento, e é isto que faz do *Dois* o número da Ciência.

No simbolismo antigo, esta era representada por uma mulher sentada entre duas colunas, imagens do Binário em seus diferentes aspectos.

Esta mulher era negra, para indicar o caráter misterioso e secreto da ciência antiga. Suas mãos fazem o sinal do *esoterismo* (aquilo que é interior, inacessível aos sentidos e de ordem puramente inteligível). A direita está dirigida ao céu; a esquerda, à terra. Isso significa: “*Aquilo que está no alto é como aquilo que está abaixo*”. Este é o princípio da analogia universal, base da interpretação de todos os simbolismos.

A Franco-Maçonaria Tornada Inteligível aos seus Adepts

Das duas colunas, uma é vermelha (J.'..) e outra, branca (B.'.).
Elas correspondem às seguintes antíteses:

Sujeito — Objeto
Agente — Paciente
Ativo — Passivo
Positivo — Negativo
Macho — Fêmea
Pai — Mãe
Dar — Receber
Criar, Produzir — Desenvolver, Conservar
Agir — Sentir
Razão — Imaginação
Descobrir — Compreender
Comandar — Obedecer
Movimento — Repouso
Espírito — Matéria
Osíris — Ísis
Sol — Lua
Abstrato — Concreto

As colunas simbólicas recordam os obeliscos cobertos de hieróglifos que se erguiam diante dos templos egípcios. Encontramo-los nas duas torres do portal das catedrais góticas. São as *colunas de Hércules* que marcam os limites entre os quais se move o espírito humano. Esse domínio daquilo que nos é conhecido tem por imagem o véu de Ísis, estendido de uma a outra das colunas.

Essa cortina rouba-nos a visão da Realidade verdadeira que se encerra nos mistérios da Unidade. Emprestamos uma objetividade enganadora às qualidades contrárias que atribuímos às coisas. Somos,

assim, o joguete de *Maia*, a deusa da Ilusão, que nos mantém fascinados sob o atrativo de seus encantamentos.



A Verdade erguendo o véu de *Maia*, de acordo com um antigo Tarô da Biblioteca Nacional.

O Mundo, sustentado pelos quatro ventos do Espírito, suporta a reveladora do Absoluto, que ergue o véu das aparências sensíveis.

Para subtrair-se ao império da eterna feiticeira, o pensador não deve conceder senão um valor puramente relativo às entidades antagônicas que imaginamos, tanto por uma abuso da linguagem, quanto do pensamento. O *Verdadeiro* e o *Falso*, o *Bem* e o *Mal*, o *Belo* e o *Feio*, etc. relacionam-se a extremos que só existem em nosso espírito. São os limites factícios do mundo que nos é conhecido, farrapo muito exíguo, mas que nos seduz pelos reflexos cintilantes das sedas de que é tecido. Esse véu, suspenso entre as colunas do Templo, mascara-lhe a entrada, e deve ser erguido pelo pensador que quer aí penetrar. O Recipendário deixa-o atrás de si, quando sofre as provas, e quando a luz lhe é

concedida. O Iniciado fica, então, entre as duas colunas, de pé sobre o *pavimento mosaico*, que é um conjunto de lajes alternativamente brancas e pretas.

Essas cores contrárias nos ensinam como, no domínio de nossas sensações, tudo se compensa com rigorosa exatidão. Nossas percepções curvam-se à lei dos contrastes. Nós não gozamos do repouso, senão quando ele repara uma fadiga. Nós não apreciamos o prazer, senão comparando-o à dor que nos é conhecida. A alegria faz-se proporcional à pena ou à ansiedade que a precede. O erro manifesta a verdade. O bem atrai-nos na exata medida em que o mal nos é repulsivo. O belo agrada-nos na proporção do horror que nos inspira o feio. A luz não se concebe senão em oposição às trevas, e a felicidade não pode ser gozada senão quando nos salva do infortúnio. A existência não adquire valor senão pela luta contra as dificuldades que se consegue vencer. O prazer reside no triunfo.



A SEREIA REAL DE BASILE VALENTIN.

Suas mamas derramam sangue (coluna J.'.) e leite (coluna B.'.). Ela nada no Oceano do qual é a fonte. (A matéria primeira da qual tudo se forma).

A Sereia é a grande sedutora que faz amar a vida. Ela atrai os seres à agitação das ondas, aonde irão se debater sem jamais encontrar repouso.

A vida resulta de um perpétuo conflito. É a oposição que engendra todas as coisas, do mesmo modo que a revolta cria o indivíduo, porque é preciso insurgir-se para ser. Tal é o sentido do mito da queda adâmica. Um foco de iniciativa individual não se constitui senão sob a inspiração do egoísmo radical (Serpente do Gênesis), que incita o automatismo fisiológico a tornar-se consciente e a querer ser semelhante a Ele, os Deuses (AEloim), conhecendo o bem e o mal!

O Ternário

Dois é o número do discernimento, que procede por análise, estabelecendo distinções incessantes sobre as quais nada poderia se basear. O espírito que teima em deter-se nessa via condena-se à esterilidade da dúvida sistemática, à oposição impotente, à contestação perpétua. Esse binário é aquele de Mefistófeles, o contraditor que sempre nega.

O Iniciado sabe conjurar o demônio após havê-lo evocado, porque a Unidade radical não se desdobra a seus olhos senão para reconstituir-se trinitariamente. *Dois* revela *Três*, e o Ternário não é senão um aspecto mais inteligível da Unidade.



Mefistófeles. O tentador de Fausto destrói toda certeza e obriga o espírito a procurar constantemente uma verdade que lhe escapa.

A Tri-Unidade de todas as coisas é o mistério fundamental da Iniciação intelectual. O Maçom — que adorna sua assinatura com três pontos em triângulo — dá a entender que ele sabe restabelecer pelo Ternário o Binário à Unidade. Se realmente ele for elevado à altura do ponto que domina ambos os outros, não se perderá jamais em discussões inúteis, porque perceberá, sem dificuldade, a solução que se destaca de um debate contraditório. Julgando do alto, sem o menor preconceito, e com toda liberdade de espírito, ele fará brotar a luz do choque da afirmação e da negação.

Síntese — Solução

• •

Oswald Wirth

A Franco-Maçonaria Tornada Inteligível aos seus Adepts

Tese — Afirmação Antítese — Negação

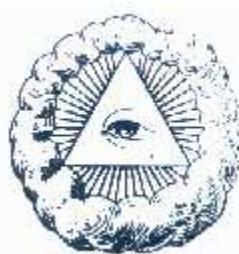
O vulgo discute comumente com uma parcialidade cheia de candura. Longe de pensar, em cada coisa, o *pró* e o *contra*, ele não quer conhecer senão o *pró* daquilo de que é partidário, do mesmo modo que não se liga senão ao *contra* daquilo que combate. As vítimas do espírito de partido estão assim fora do estado de ver claro, porque permanecem prisioneiras de um ponto de vista único. O pensador não teme se deslocar, a fim de desposar a ótica de seu adversário, porque ele não saberia chegar de outro modo a planar acima do debate.

É em razão da importância excepcional do Ternário que a Franco-Maçonaria relaciona-o à lei em seus principais símbolos. Um dos mais evidentes é, a esse respeito, o *Delta Luminoso*.

Distinguem-se três partes no conjunto do emblema:

1º. — Um *triângulo* que traz em seu centro o olho da inteligência ou do princípio consciente.

2º — *Raios* que exprimem a atividade, a expansão constante do ser, em virtude da qual o ponto matemático, sem dimensões, que está em toda parte, preenche a imensidão sem limites.



A Franco-Maçonaria Tornada Inteligível aos seus Adepts

O Delta Irradiante. Os Alquimistas reconheciam neste emblema a reunião de seus três princípios: *Enxofre, Mercúrio e Sal* que se distinguem, necessariamente, em todo ser e em toda coisa.

3º — Um *Círculo de Nuvens* que figura o retorno sobre si mesmas das emanações expansivas, ou — mais exatamente — sua condensação sob a pressão de seu confronto, pois que se tratam de vibrações provenientes de uma infinidade de focos.

O todo é um esquema do *Ser* na multiplicidade infinita de suas manifestações, porque tudo é, ao mesmo tempo, triplo e uno. Para convencer-se, é suficiente examinar um ato, qualquer que ele seja, que não é concebível senão enquanto ação exercida sobre alguma coisa para a obtenção de um resultado. Em tudo aquilo que se faz, logo, em tudo aquilo que existe, intervêm assim três termos: 1º — Um *agente* que age. 2º — Um *paciente* que sofre a ação. 3º — Um *efeito* produzido por esta última.

O mistério da *Trindade* aplica-se, assim, universalmente, ainda que, sob diversas formas, ele se encontre em sistemas de numerosas escolas, como indicam as seguintes aproximações:

QUADRO ANALÓGICO DO TERNÁRIO

Números	I	II	III
Delta Luminoso	Triângulo	Raios	Nuvens
Bramanismo	Brahma	Vishnou	Shiva
Cristianismo	Pai	Filho	Espírito Santo
Platonismo	Princípio	Verbo	Substância
Misticismo	Espírito	Alma	Corpo
Hermetismo	Archée	Azoth	Hyle
Alquimia	Enxofre	Mercúrio	Sal
Ideogramas			
F.'. M.'..	Sabedoria	Força	Beleza

A Franco-Maçonaria Tornada Inteligível aos seus Adepts

Nesse quadro, o primeiro termo é ativo, o segundo é passivo em relação ao primeiro, mas ativo em relação ao terceiro que é plenamente passivo.

Outros ternários põem em presença dois contrários (I e II, Positivo e Negativo), cuja combinação engendra o terceiro termo (III, Neutro ou Equilibrado).

I	II	III
Ativo	Passivo	Neutro
Osíris	Ísis	Hórus
Sol	Lua	Triângulo
Razão	Imaginação	Inteligência
Expansão	Compressão	Equilíbrio
Força	Matéria	Movimento
Ação	Resistência	Trabalho
J.'.	B.'	M.'
Nível	Perpendicular	Esquadro

O Nível do 1º Vig.: quer, com efeito, que ninguém domina sobre outrem; ora, a *Perpendicular* do 2º Vig.: solicita, ao contrário, a cada um elevar-se tão alto quanto possível, ao mesmo tempo em que descer até os mais profundos abismos do pensamento. Existe, pois, conflito, entre a horizontal igualitária e a vertical hierárquica; mas tudo se concilia no *Esquadro* que ornamenta o Ven.:Mest.:da Loja. Este concede a todos os obreiros uma igual estima, em razão do igual zelo que todos aportam ao trabalho, o que não o impede de apreciar cada obreiro segundo suas capacidades particulares, de sorte que pede a cada um aquilo que não saberia exigir de outrem. A Equidade da qual o Esquadro é o emblema

preside assim às relações dos Maçons, que se talham, aliás, simbolicamente, a si mesmos em blocos esquadinhados com cuidado, porque unicamente os materiais retangulares podem ajustar-se entre si sem solução de continuidade, condição indispensável à coesão do edifício. Porém, a solidez deste último depende da estrita horizontalidade das camadas que o Nível controla. Quanto à altura da construção, esta se estabiliza com a ajuda da Perpendicular, que assegura que nenhuma parede se incline para um lado nem outro.

Tudo depende, nisso, do talhe correto das pedras. E preciso que elas estejam *normais*, quer dizer, em concordância com o Esquadro (*Norma* em latim), de outro modo, nenhuma arte intervém, e tudo se limita a um grosseiro amontoado de blocos informes. *O Esquadro é, pois, em Maçonaria, o instrumento primordial*, porque ele dirige o desbaste da pedra bruta, ou seja, a formação do indivíduo à vista do exato cumprimento de sua função humanitária e social.

As Trilogias

Os antigos Maçons faziam repousar sua obra sobre três grandes pilares chamados SABEDORIA, FORÇA e BELEZA, em honra das antigas deusas às quais os fabricantes de imagens da Idade Média consagraram três das vinte e duas composições alegóricas do Tarô.



Sabedoria, Força e Beleza, os três pilares da construção maçônica, correspondem aos arcanos III, XI e XVII do Tarô, que figuram a mais alta inteligência teórica, a energia prática aplicada judiciosamente e o sentido estético que sabe tudo idealizar.

A *Sabedoria* nos aparece assim sob os traços de uma Imperatriz celeste, alada como a Virgem zodiacal ou Vênus Urânia. É a *Sofia* dos Gnósticos, a mãe virginal das idéias geradoras das formas.

Ela é a Inteligência que concebe o projeto do edifício e dele traça o plano.

A *Força* executa as concepções, domando as energias rebeldes. Não é, pois, um atleta, mas uma mulher graciosa e frágil que domina, sorrindo, um leão que ruge, emblema das paixões que é preciso submeter e disciplinar no interessa da Grande Obra a prosseguir.



Assim como a Verdade, a *Beleza* mostra-se nua. Ela irriga a terra árida que logo se ornamenta de verdes e flores. É a idealidade, a fada que embeleza a vida e faz amar, a despeito de suas misérias e de sua残酷.

O triângulo é, às vezes, comentado por pelas palavras: *Bem Pensar — Bem Dizer — Bem Fazer*.

Mas, aos olhos da Maçonaria latina, ele evoca a divisa: *Liberdade — Igualdade — Fraternidade*.

Em política, esta fórmula pôde reservar decepções. Não é o mesmo em iniciação.

A verdadeira *Liberdade* pertence ao homem liberto da tirania dos vícios e das paixões, tanto quanto da servidão aos erros e preconceitos. Ela não é própria senão ao Iniciado que permanece *livre*, ainda que colocado a ferros pelos inimigos do bem. A *Liberdade* real é inalienável: o homem carrega-a em si mesmo, e nenhum déspota pode ameaçá-la.



A Igualdade não é efetiva senão aos olhos do filósofo que considera o mundo como um teatro onde cada um desempenha o papel convencionado. Bem ridículo seria o ator caracterizado como príncipe, se ele desprezasse seu colega chamado a representar o mendigo. Não são ambos comediantes ao mesmo título? E, se um é superior ao outro, não é porque soube melhor se conformar às intenções do dramaturgo?

A *Fraternidade*, aos olhos dos anglo-saxões, decorre da persuasão de que somos todos filhos de um mesmo Deus. Fazendo abstração de toda teologia, os Latinos puseram, no sentimento de solidariedade humana, a convicção de que há, entre os homens, laços mais poderosos que aqueles da simples consangüinidade. O gênero humano é muito mais único do que não o poderia ser uma grande família, porque ele constitui um corpo único, do qual nós somos as células animadas de uma mesma vida geral. Causar mal a outrem é atingir a si mesmo pelo dano causado à coletividade. Devotar-se ao bem de todos traduz-se, ao contrário, por um desenvolvimento benéfico do valor individual, e o bem realizado repercute ao redor.

O Quaternário

A quádrupla purificação sofrida pelo Iniciado deve ensinar-lhe a superar as atrações elementares. Estas se exercem ou se opõem duas a duas. Faz-se-lhe corresponder, a primeira, à terra, que simboliza o sólido, a opacidade, o positivismo material, a inércia, etc.



Os animais cabalísticos da visão de Ezequiel e do Apocalipse encontram-se no simbolismo hindu. A Águia, cujo olhar penetra todas as coisas, aí representa a ubiqüidade, enquanto o Touro figura o poder gerador em sua mais alta acepção; o Leão é, de outra parte, a imagem da força ativa ilimitada do Universo, e o Anjo relaciona-se à fecundidade intelectual. Quanto à serpente Amanta, ela corresponde ao Rio-Oceano da vida universal, cuja corrente carrega as individualidades até que elas hajam conquistado sua liberdade, unindo-se a Brahma (O Grande Arquiteto).

Esta tendência para baixo é combatida por um desprendimento para o alto, figurado pelo Ar, elemento leve, sutil, transparente, mas inconsistente e pouco apreensível.

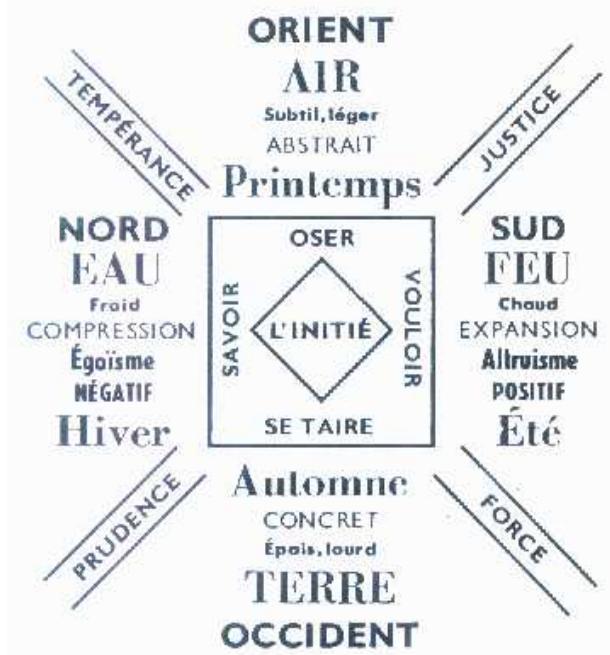
A Água preenche aquilo que é oco. Ela tem, assim, dado a idéia de uma matéria universal, dobrando-se a todas as formas. Ela procura, aliás,

o repouso, a horizontalidade. Ela acalma, extingue, de onde a propensão à languidez e a preguiça que se lhe atribui.

À sua passividade, à sua indiferença, à sua frieza, opõe-se o *Fogo*, cuja atividade estimula todas as energias. Moderado, ele vivifica; mas, muito violento, ele seca e mata.

O Iniciado deve manter-se no centro da cruz, cujas extremidades correspondem aos termos do quaternário.

Os Pitagóricos explicavam pela *Tétrade* os mistérios da Criação, e a Bíblia representa *O Ser dos Seres* por um hierograma de quatro letras, — iod, he, vau, he, — palavra sagrada que não deveria ser pronunciada.



Essas indicações devem ser suficientes aqui, porque o estudo mais aprofundado do Quaternário entra no programa do Grau de Companheiro.

O Templo

A decoração e o arranjo interior de um lugar de reunião exercem uma influência marcante sobre o espírito daqueles que aí se reúnem. Um templo maçônico deve, pois, ser algo bem diferente de uma simples sala de conferências.

Não nenhuma necessidade, todavia, de que seja um local luxuoso. É suficiente que certos dados simbólicos sejam constantemente lembrados aos Maçons, a fim de que se imponham às suas meditações.

É assim que, à imitação do universo sensível, tal como o figuravam os antigos, a oficina será mais comprida que larga, e convencionalmente orientada segundo os quatro pontos cardeais.

A porta abrir-se-á ao Ocidente, entre duas colunas ocas com capitéis ornamentados de flores-de-lis egípcias e coroados de romãs entreabertas; estes frutos, de sementes simetricamente arrumadas, lembram a família maçônica, da qual todos os membros estão harmoniosamente unidos pelo espírito de ordem e de fraternidade.

A Coluna do Norte é vermelha. Ela marca o lugar do 1º Vigilante, cuja insígnia é o *Nível*.

A Coluna do Sul é branca. Junto a ela tem sede o 2º Vigilante que a *Perpendicular* ornamenta.

Essas duas colunas erguem-se sobre o *Pavimento Mosaico* composto de lajes alternativamente brancas e pretas.

O Oriente é ocupado por um estrado elevado em três degraus, sobre o qual tem lugar o Mestre da Loja, dito Venerável Mestre ou

simplesmente Venerável⁴¹, assistido pelo Orador (Sul) e pelo Secretário (Norte).

A cadeira presidencial (trono) é encimada por um dossel, onde se enquadra o *Delta Luminoso* que se encontra, assim, suspenso entre o *Sol* (Sul) e a *Lua* (Norte), de maneira a formar, com esses astros, um triângulo invertido.

O teto é semeado de estrelas. Do mesmo modo que o revestimento, ele é azul como a abóbada celeste que de toda parte envolve a Terra, figurada pelo assoalho do local.

Um lambrequim dentado forma friso e sustenta uma corda terminada por borlas que se encontram junto às Colunas J.:e B.:.. Este ornamento tem sido chamado impropriamente de *borla dentada*. A corda com nós entrelaçados — ditos *laços de amor* — representa a *Cadeia de União* que une todos os Maçons. Os nós podem ser em número de doze, para corresponderem aos signos do zodíaco.

A Iniciação conferia-se, primitivamente, em grutas naturais; depois, em criptas talhadas nos flancos das montanhas. É em lembrança desses santuários que a Loja não é iluminada por nenhuma janela. Tem-se, igualmente, desejado lembrar que o Universo não é visível senão de dentro, pois que não se pode supor o aspecto exterior do Todo que preenche a imensidão sem limites. Uma iluminação artificial impõe-se, assim, em Loja. Ela é fornecida por um mínimo de cinco luzes colocadas junto aos cinco primeiros oficiais.

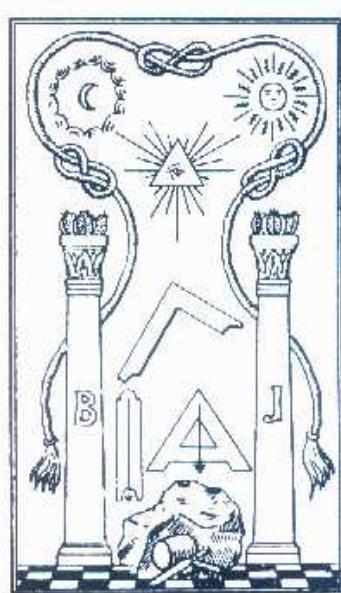
O Tesoureiro tem sede junto ao Orador (Sul), e o Hospitaleiro, junto ao Secretário (Norte).

⁴¹ O Venerável porta também o título de *Mestre em Cadeira*, do inglês *Chair Master*, que o distingue dos outros Mestres, seus iguais em grau.

A Franco-Maçonaria Tornada Inteligível aos seus Adeptos

Os assistentes tomam lugar ao Norte e ao Sul, face a face. Os Aprendizes atêm-se ao Norte e pedem a palavra ao 1º Vigilante. Eles não teriam como se explicar imediatamente todos os símbolos que os surpreendem em Loja, mas os Mestres têm a missão de instruí-los e ajudarem-nos a decifrar o enigma das coisas.

O Aprendiz considera-se como um *Pedra Bruta*, não ainda desbastada de modo conveniente. Ele é, ao mesmo tempo, o sujeito e o objeto de seu trabalho, pois que é chamado a se transformar a si mesmo em bloco retangular, capaz de ater-se exatamente em seu lugar no edifício a construir. Suas ferramentas são o *Maço* e o *Cinzel*. Quando ele houver provado que sabe fazer uso destas ferramentas à vista de seu aperfeiçoamento intelectual e moral, será proposto para o Grau de Companheiro.



O *Quadrilongo* que encerra os símbolos essenciais do Grau de Aprendiz. Ele se traçava outrora sobre o piso da Loja no momento da abertura de seus trabalhos, e todo traçado era apagado quando do fechamento. Era o equivalente a um círculo mágico servindo às

A Franco-Maçonaria Tornada Inteligível aos seus Adepts

evocações. Os conjuradores figuravam-se que o Espírito maçônico descia em meio a eles, de sorte que o mais humilde local se encontrava transformado, — pela magia do ritual e pela fé dos assistentes, — em um santuário mais venerável que um templo
suntuoso.

Fim